UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGENS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM

IARA SIRLENE AMORIM MONTAGNER

MACHADO DE ASSIS SOB A ÓTICA DA CRÍTICA MATO-GROSSENSE, NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Cuiabá - MT
2014

IARA SIRLENE AMORIM MONTAGNER

MACHADO DE ASSIS SOB A ÓTICA DA CRÍTICA MATO-GROSSENSE, NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem – Mestrado/IL/UFMT – *campus* de Cuiabá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Área de Concentração em Estudos Literários

Linha de Pesquisa: Literatura e Realidade Social

Orientadora: Profª Drª Franceli A. S. Mello

Cuiabá - MT

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

M758m MONTAGNER, Iara Sirlene Amorim.
MACHADO DE ASSIS SOB A ÓTICA DA CRÍTICA MATO-GROSSENSE, NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX / Iara Sirlene Amorim MONTAGNER. -- 2014
111 f. ; 30 cm.

Orientadora: Franceli A. S. Mello.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Cuiabá 2014.
Inclui bibliografia.

1. Machado de Assis. 2. Crítica. 3. Mato Grosso. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO-GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM
Avenida Fernando Corrêa da Costa, 2367 , - Boa Esperança - Cep: 78060900 -CUIABÁ/MT
Tel : (65) 3615-8408 - Email : secretariameel@hotmail.com.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: "Machado de Assis sob a ótica da crítica mato-grossense, na primeira metade do século XX"

AUTORA: Iara Sirlene Amorim Montagner

Dissertação defendida e aprovada em 11 de novembro de 2014.

Presidente da Banca / Orientadora: Franceli Aparecida da Silva Mello
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

Examinadora Externa: Doutora Yasmin Jamil Nadaf
Instituição: Instituto Cuiabano de Educação

Examinadora Externa: Doutora Lúcia Granja
Instituição: Universidade Estadual Paulista

Examinadora Suplente: Doutora Célia Maria Domingues da Rocha Reis
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

CUIABÁ, 11 de novembro de 2014

Dedico a minha mãe, Terezinha Neves Amorim, a primeira pessoa com atitude machadiana que conheci, pois não precisou se impor para conquistar espaço e reconhecimento.

AGRADECIMENTOS

Considero o agradecimento um ato de reconhecimento e humildade. Assim, quero reconhecer as pessoas que fizeram parte de minha trajetória nesta pesquisa e, acredito que humildade está no entendimento de sermos criaturas sempre necessitadas e ao mesmo tempo necessárias.

Desta maneira, agradeço a Deus, pois minha fé me ensinou que “O Senhor é meu pastor e nada me faltará.” (Salmos 22:1).

Agradeço a minha mãe, uma mulher forte, meu exemplo de vida. À família Amorim, minha origem, berço onde aprendi princípios e a essencial forma de amar, ou seja, simplesmente amar. Aos meus oito irmãos, pertencentes a este berço, agradeço pela confiança, pelas palavras e incentivo, pelas orações.

À família Montagner, a qual também faço parte atualmente. De modo especial, ao meu marido Antonio Luiz Montagner, um companheiro íntegro que me apoiou, escutou, isentou minha participação em muitas ocupações e situações destinadas a mim e, cuidou de mim nos momentos difíceis.

Agradeço aos meus filhos de sangue, Mateus Amorim Montagner e Ana Rita Amorim Montagner, pela compreensão, apoio, incentivo e admiração e, sobretudo por muito amor. Aos filhos de coração que conquistei ao longo da vida, destacando Fabiana M. Melo e Hayanne M. Reis, por acreditarem e almejarem a realização do meu trabalho e, principalmente a Diego Montagner, Danielle Wagner, Cristiane Gambin e Raíza M. Reis pelo incentivo, preocupação e palavras precisas.

Aos amigos Emilene L. Centenaro, Nilma C. Amaral, Mariluce A. R. Melo, Maurina M. Reis, Ester X. Santos e Júlio C. Santos, pessoas presentes nesta trajetória.

Aos colegas do curso de Mestrado em Estudos Literários pelos debates, conversas, trocas de material, enfim ajudas mútuas no decorrer da caminhada: Luana Soares, João Felipe Freitas, Soraya Albuquerque, Adriana Tocashic, Domingos Ressurreição, ressaltando Mariana Máximo e Heloísa Miranda, irmãs que ganhei e, Sheila Dias, meu anjo da guarda.

Agradeço aos coordenadores e funcionários do Arquivo Público de Mato Grosso pela disponibilidade no atendimento dispensada aos pesquisadores.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem – Mestrado/IL/UFMT – *campus* de Cuiabá, pela oportunidade oferecida a mim e meus colegas para a realização de nossos estudos.

À coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem – Mestrado/IL/UFMT – *campus* de Cuiabá, Divanise Carbonieri, pela propensão em me auxiliar, sempre que necessário.

Agradeço a Professora Drª Lúcia Granja, Professora Drª Yasmin Jamil Nadaf pela leitura da dissertação, bem como os apontamentos na qualificação. E também a Professora Drª Célia Domingues da Rocha Reis por ler meu trabalho.

Um agradecimento especial a Professora Drª Franceli Aparecida da Silva Mello, uma orientadora compromissada com a pesquisa. Com ela, enriqueci meu conhecimento de maneira grandiosa, antes inimaginável para mim e, conheci um ser humano extraordinário.

1- Para tudo há um tempo,
para cada coisa
há um momento debaixo dos céus:
2- tempo para nascer,
e tempo para morrer;
tempo para plantar,
e tempo para arrancar
o que foi plantado;
3- tempo para matar,
e tempo para sarar;
tempo para demolir,
e tempo para construir;
4- tempo para chorar,
e tempo para rir;
tempo para gemer,
e tempo para dançar;
5- tempo para atirar pedras,
e tempo para ajuntá-las;
tempo para dar abraços,
e tempo para apartar-se;
6- tempo para procurar,
e tempo pra perder;
tempo para guardar,
e tempo para jogar fora;
7- tempo para rasgar,
e tempo para costurar;
tempo para calar,
e tempo para falar;
8- tempo para amar,
e tempo para odiar;
tempo para a guerra,
e tempo para a paz.

(Eclesistes 3: 1 – 8)

RESUMO

Na presente pesquisa abordamos a crítica sobre Machado de Assis em Mato Grosso, amparando-nos na historiografia, pois partimos do princípio que os acontecimentos do tempo e do espaço repercutem na arte e, em nosso Estado, especificamente, não há como separar as letras da história. Na primeira metade do século XX, depois de uma violenta luta pelo poder, a maioria dos engajados no projeto de construção da nova identidade mato-grossense, era de escritores, que usaram a literatura como um meio de alcançar o progresso e propagar a ideologia veiculada pelo grupo de intelectuais liderado por Dom Aquino Corrêa. Machado de Assis é um dos autores mais estudados em todo território nacional. A genialidade deste escritor instigou as análises de muitos pesquisadores. Observando parte da sua fortuna crítica, questionamos o que teríamos sobre ele dentro das letras de Mato Grosso. Assim, tomamos como ponto de partida o livro *Machado de Assis em Mato Grosso – Textos críticos da primeira metade do século XX*, de Yasmin J. Nadaf, pois apresenta textos sobre o criador de *Dom Casmurro*, escritos por homens de letras do Estado. Ao ler os textos dispostos pela autora, propusemo-nos a analisar como se deu a recepção da obra de Machado de Assis entre os escritores mais conhecidos de Mato Grosso, na primeira metade do século XX, cotejando esta crítica com a praticada em âmbito nacional. Durante a pesquisa buscamos referencial teórico em bibliografia histórica e de crítica literária de autores mato-grossenses e nacionais, da época de Machado de Assis e primeira metade do século XX. Deste modo, há possibilidade de classificar a tendência crítica sobre a obra de Machado de Assis, avaliada pelos “homens de letras” mato-grossenses, daquele período.

Palavras-chaves: Machado de Assis, crítica, Mato Grosso.

ABSTRACT

In the present study we address the criticism of Machado de Assis in Mato Grosso based on historiography because we assume that the events of time and space reverberate in the arts, and specifically in Mato Grosso there is no way to separate literature from history. In the first half of the twentieth century, after a violent struggle for power, the majority of the people engaged in the project of construction of the new identity in Mato Grosso were made of writers who used literature as a means of achieving progress and propagate the ideology disseminated by a group of intellectuals led by Dom Aquino Corrêa. Machado de Assis is one of the most studied authors nationwide. The genius of this writer lured many researchers to analyze his works. Observing part of his critical fortune, we examined what there was about him in the literary criticism in Mato Grosso. Thus, we took as a starting point the book *Machado de Assis em Mato Grosso – Textos críticos da primeira metade do século XX*, authored by Yasmin J. Nadaf, who analyses texts about the creator of *Dom Casmurro*, written by critics in Mato Grosso. After reading the texts discussed by Nadaf, we set out to analyze how Machado de Assis's works were received by the best known writers in Mato Grosso in the first half of the twentieth century, comparing this criticism with the one practiced nationwide. During the research we sought a theoretical framework in the historical literature and literary criticism in Mato Grosso and in Brazil from Machado de Assis's time to the first half of the twentieth century. Therefore, it was possible to classify the critical trend on Machado de Assis, evaluated by critics from that period in Mato Grosso.

Keywords: Machado de Assis, criticism, Mato Grosso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

CAPÍTULO 1 18
Aspectos da crítica literária 18
1.1 “o geral desejo de criar uma literatura mais independente” 26
1.2 “O homem de letras de nossa terra (...) é bem essa árvore isolada à beira...” 35

CAPÍTULO 2 42
Panorama crítico sobre Machado de Assis: do fim do século XIX à primeira metade do século XX 42

CAPÍTULO 3 70
Machado de Assis pela crítica mato-grossense da primeira metade do século XX ... 70

CONSIDERAÇÕES FINAIS 100

REFERÊNCIAS 107

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem sua razão em dois dos sentimentos que movem o ser humano: o desejo de conhecimento e a paixão. Para entendimento desta afirmação é necessário um retorno ao ano de 1988, eu era aluna do segundo ano de Ensino Médio quando fui apresentada a Machado de Assis. Infelizmente, nesta época, não tinha ainda a maturidade de entender o escritor, ou de no mínimo admirá-lo e, um conto lido e discutido em sala de aula não foi o suficiente para chamar minha atenção, mesmo já sendo uma leitora ativa de alguns gêneros. Depois, já na graduação em Letras / UFMT – Campus Universitário de Rondonópolis, o nome Machado de Assis voltou a surgir e a cada semestre um ou outro texto contextualizava os estudos de gramática ou produção textual. No semestre em que se tratou do Romantismo, na disciplina de Literatura Brasileira, não foi dada a ênfase precisa a este autor e, mais uma vez passou despercebido por mim. Não foi diferente quando chegaram os movimentos Realismo e Naturalismo. Preocupada com minha apresentação do seminário sobre o livro lido e consequentemente seu autor, que não foi Machado e sim Aluísio de Azevedo com *O cortiço*, aprendi quase nada sobre o autor de *Confissões de uma viúva moça*. Assim, não foi em meus estudos regulares o surgimento de algum interesse por Machado de Assis[1].

Eu sempre acreditei no ensino e aprendizagem através do exemplo e concretizei esta crença em minha prática como professora. Assim quando comecei a lecionar para os alunos do Ensino Médio, em 1997, comecei também a ler a maioria das obras apresentadas nos livros didáticos e outros que eu utilizava como apoio de conteúdo, pois precisava conhecer o assunto para conduzir com segurança um debate em sala de aula. Assim passei a ler mais sobre os autores e, pelo menos, seus principais escritos. Nesta época, eu li alguns dos contos de Machado de Assis, porém, quanto aos romances, havia decidido ler primeiro os do Romantismo (fase inicial) e depois os do Realismo (fase madura), por três motivos:

a) Razão óbvia, “começar pelo início”;

[1] Gostaria de informar que fiz a Graduação em Letras – Licenciatura Plena nos anos entre 1990 e 1994, quando ainda se ensinava as Literaturas Brasileira e Portuguesa através das manifestações das artes, como acontece até os dias atuais no Ensino Médio.

b) A grande maioria dos textos, que tratavam da segunda fase machadiana, elogiava muito as obras dessa fase, então era melhor que ficassem para a leitura final;
c) O último motivo era pessoal, eu não gostava muito das obras do Romantismo, achava-as um tanto “melosas”. Assim era melhor que as lesse logo.

Muitos dos textos que tive contato sobre o escritor, até aquele momento, pouco discorriam sobre as obras da primeira fase, pois como afirma Lúcia Granja, foi o momento de formação, de construção do estilo do autor. Deste modo, a curiosidade e as visitas às bibliotecas me ajudaram a descobrir um pouco mais sobre esses romances, mesmo assim, ainda não havia encontrado um ensaio ou crítica, propriamente dito. O primeiro livro lido de Machado de Assis foi *A mão e a luva*, o qual me impressionou muito, eu esperava um enredo comum a manifestação literária daquela época, porém me deparei com uma protagonista determinada a alcançar seu objetivo. E, para tanto, calculou e articulou suas atitudes. Guiomar não era apenas uma mocinha ingênua e apaixonada, com o objetivo conquistar o amado porque sem este amor sua vida se tornaria impossível de continuar, mas sim, sendo uma moça pobre, ela queria conquistar o amado que a alçaria à elite da sociedade carioca, com a possibilidade de juntos subirem ainda mais no âmbito social e financeiro. Desculpe a expressão, “apaixonei por Machado de Assis à primeira obra”, pois era um escritor bastante diferente dos outros, além de seu enredo ser diverso ainda tinha a linguagem, sendo sua escrita menos detalhada e com menos adjetivos que a de outros escritores daquele momento. Machado me deixou inquieta e uma pergunta insistia em minha mente: como um autor pertencente à geração romântica, nascido escritor nesta esfera, poderia escrever um livro tão a frente de seu tempo? Convém ressaltar a existência de características do Romantismo no referido romance de Machado, no entanto, ele já demonstrava possuir um estilo muito próprio.

Em seguida li *Ressurreição*, *Iaiá Garcia* e, por último, *Helena*, sei que mesmo tendo desejado, não foram lidos na ordem de publicação, mas à medida que eu ia conseguindo tê-los em mãos. Porém considero que o resultado foi o mesmo, pois a cada romance lido, Machado de Assis me cativava mais e mais. Achei muito interessante, suas personagens não serem castigadas por agirem de forma um tanto

desregrada, também não ganhavam prêmios as figuras boazinhas e éticas e, como chamava a minha atenção aquelas personagens femininas cheias de vontades e atitudes. Machado mostrava a realidade do ser humano e do seu meio como eram, sem a cortina da moral utilizada pela sociedade da época e, em muitos casos ainda dos dias atuais.

Fechando o ciclo dos romances da primeira fase minha expectativa aumentou para a leitura das obras da segunda fase, esperando uma explosão criativa do autor. Então li *Esaú e Jacó* e minhas expectativas foram superadas. Numa só obra ele abordou temas ao mesmo tempo contraditórios e complementares como a analogia à parte bíblica dos dois irmãos que brigaram a vida toda e outras passagens aludidas no romance; a transição do regime de governo brasileiro; a abolição e outras situações sociais. Como não me encantar com uma mente tão fascinante, capaz de criar tal romance? Também me atraiu a ironia tão adequada ao enredo e à construção do texto. A curiosidade de saber mais sobre a vida de Machado de Assis aumentava a cada narrativa lida, romance ou conto, mas era complicado para uma pessoa que morava no sítio, trabalhava em duas escolas e ainda estava ligada aos fatos da regularização do Assentamento, bem como o avanço educacional do mesmo. Dessa forma eu lia apenas os textos que estavam nos periódicos e livros pertencentes às escolas ou à Biblioteca Municipal de Campo Verde e, infelizmente, as informações sobre Machado de Assis contidas ali, não eram suficientes para descobrir algo mais sólido, assim escritor continuava sendo um mistério muito envolvente para mim.

Posteriormente li *Dom Casmurro*, o romance me remeteu à infância e adolescência. Então me lembrei de meu pai, um portador de ciúme doentio, contando as situações que envolviam minha mãe e, segundo a visão dele, ela era totalmente infiel, mas como eu estava presente em quase todos os momentos, percebia muita imaginação e insegurança da parte dele. Quanto ao romance em si, pensei mais uma vez na questão de Machado ser tão avançado em seu estilo, pois a invenção de um narrador criado para confundir o leitor mostrou muita genialidade. E novamente o autor abordou problemas sociais, desta vez estava em foco a diferença de classes enrustida num suposto triângulo amoroso.

Já em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, talvez pelo estado emocional do momento, relacionei o romance somente às peculiaridades psicológicas,

logicamente percebi estas peculiaridades dotadas de profundidade, pois, em meu julgamento, o romance levava o ser humano à reflexão de suas práticas em relação a si e ao outro. Somente depois de um tempo, observei também o cunho social, em assuntos abolicionistas e diferenças de classes. Assim, considerei-o um romance completo e ficou sendo o meu preferido do escritor. Há uma informação sobre esta leitura, talvez desnecessária, contudo quero compartilhar. Eu li este romance com hora marcada, das vinte e uma às vinte e quatro horas, estava de licença maternidade da minha filha caçula e era o meu momento de lazer. Outro fato estranho aos nossos dias foi o do livro ser lido à luz de velas, no sítio não tinha energia elétrica a doze anos atrás.

Depois foi a vez de *Quincas Borba*, e todos aqueles tipos distribuídos em personagens como: o filósofo, o ingênuo, os engraçados, os espertos, a sedutora (consciente ou inconsciente), o parasita em torno de uma herança. Machado de Assis mostrou claramente a maldade e a simplicidade existentes no mundo, dispostas nos seres humanos, pertencentes a uma sociedade ambiciosa e capitalista.

Memorial de Aires foi lido a bem pouco tempo, durante o curso de Mestrado/IL/UFMT. O romance, para mim, é o resultado do embate de Machado de Assis contra e com a vida, pois depois de tanto observar o mundo a seu redor e constatar a existência de muitas coisas ruins, reparou em sua própria vida coisas boas e atestou “A vida é boa”. Assim surgiu uma dúvida, qual romance era meu preferido? Até hoje não tenho a resposta.

Quando enfim veio a oportunidade de fazer o seletivo para o mestrado, projeto já antigo, eu não tive dúvidas, minha pesquisa tinha que ser em uma vertente machadiana. No primeiro semestre de 2011 fiz uma disciplina como aluna especial e descobri que a Professora Doutora Franceli A. S. Mello era uma pesquisadora sobre Machado de Assis e, sua tese de doutoramento foi sobre o escritor. Como dizia o próprio autor, virou “ideia fixa”: Machado de Assis seria meu objeto de pesquisa e Franceli A. S. Mello, minha orientadora. No segundo semestre do mesmo ano fiz inscrição, também como aluna especial, para a disciplina da Professora Franceli, na qual fui selecionada. Enquanto participava das aulas e ensinamentos desta exímia profissional, nasceram em mim sentimentos de respeito e admiração por ela, vi na mesma pessoa sapiência e modéstia, logo o desejo de ser sua orientada aumentava

a cada dia. Durante o semestre deparei com o fato de que a linha de pesquisa dela era sobre a literatura produzida em Mato Grosso e, confesso, fiquei sem saber o que fazer. Como tratar de um assunto ao qual eu não conhecia? E, como deixar Machado de Assis de lado?

Minhas ideias não se encontravam, os dois assuntos pareciam estar muito distantes um do outro. Então, comecei a ler alguns textos sobre as letras em Mato Grosso e interessei-me pelo tema, até concebi como uma necessidade em conhecer com mais profundidade tal contexto, mas Machado de Assis continuava em meu pensamento, sem se afastar um milímetro sequer. Assim, ocorreu-me conversar com a Professora Franceli A. S. Mello sobre minha inquietude, porém observando sua postura profissional considerei que seria um diálogo complexo, pois ela desempenha suas funções de maneira comprometida com princípios e ética, quanto a isso havia em minha mente uma contradição, eu precisava resolver meu dilema, mas admirava seu modo imparcial de resolver estas situações. Como a aflição de não pesquisar sobre Machado de Assis era grande, resolvi conversar com a professora, a mesma respondeu-me que eu fizesse um projeto, a prova e aguardasse o resultado, nada deveria ser discutido antes disso. Era a resposta esperada, ela tinha toda razão, eu havia sido inconveniente e tinha consciência disso, calei-me e saí com o sentimento de haver perdido a chance ser orientanda dela. Na mesma semana, uma das minhas colegas de trabalho (Ester Xavier dos Santos), sabendo da minha paixão por Machado de Assis – mas não da minha crise interior – e conhecendo, bem mais que eu, a literatura em Mato Grosso trouxe-me o livro *Machado de Assis em Mato Grosso – Textos críticos da primeira metade do século XX*, de Yasmin Nadaf, esta garimpeira das preciosidades literárias, como afirma Luiz Roberto Cairo. Quando peguei o livro senti como se tivesse um presente de Deus em minhas mãos, a surpresa foi enorme em perceber a existência do que eu julgava quase impossível, a junção de Machado de Assis e as letras mato-grossenses e ali estava a solução para minha inquietação. Agradeci e tomei-o emprestado. Li o livro e constatei a possibilidade de se fazer um estudo sobre o assunto, e melhor ainda, teria a oportunidade de perscrutar a literatura de Mato Grosso envolvida num âmbito nacional.

Dessa maneira, fiz o projeto e a prova e pude realizar o presente estudo. Não foram fáceis estes trinta meses, pois tive que ler, examinar, explorar textos e

autores, que até então eu não conhecia, para entender a história e o funcionamento das letras locais da primeira metade do século XX e me posicionar quanto a sua crítica ainda incipiente, porém de procedência importante, bem como questões sobre Machado de Assis, da mesma época. Foi um momento de embate contra o tempo, a pouca informação prévia e, muitas vezes contra mim mesma, no sentido de querer e me perder, então voltar ao começo para prosseguir. Mas todos os acontecimentos e situações foram compensadores, pois as leituras e as análises trouxeram-me um conhecimento imenso e inesperado sobre os motes abordados, com este conhecimento impressionei-me e adquiri respeito pela literatura do Estado, também confirmou e aumentou toda a admiração e paixão por Machado de Assis. Por isso esta pesquisa tem sua razão no desejo de conhecimento e na paixão.

“... é mister que a análise corrija ou anime a invenção, que os pontos de doutrina e de história se investiguem, que as belezas se estudem, que os senões se apontem, que o gosto se apure e eduque, para que a literatura saia mais forte e viçosa, e se desenvolva e caminhe aos altos destinos que a esperam.”

(Machado de Assis)

CAPÍTULO 1

"O ato crítico é a disposição de empenhar a personalidade, por meio da inteligência e da sensibilidade, através de interpretação das obras, vistas, sobretudo como mensagem de homem a homem."

(Antonio Candido)

Aspectos da crítica literária

É do conhecimento dos profissionais das letras que crítica literária é considerada um gênero que tem a função de observar e analisar obras e, com os resultados destas análises, julgar os textos, de maneira que as reflexões e explicações observadas pelo crítico façam a mediação entre o público e a criação literária.

Tal avaliação exige um compromisso com a tarefa de leitura e observação, o que leva ao desprendimento de intuições iniciais. Para Antonio Candido (1993) toda crítica viva parte de uma impressão para chegar a um juízo. Entre impressão e juízo há o trabalho paciente de elaboração que, como uma espécie de moinho, tritura a impressão, subdividindo, filiando, analisando, comparando, a fim de que o arbítrio se reduza em benefício da objetividade. Candido traça uma linha de etapas, por qual a crítica segue desde a impressão até o julgamento, mostrando assim o quadro completo do desenvolvimento da mesma. O roteiro apresentado por ele tem um elemento perceptivo inicial, um elemento intelectual médio e um elemento voluntário final, que resulta em perceber, compreender e julgar.

Assim, não podemos deixar de observar e valorizar todo o envolvimento do crítico com o trabalho a que se propõe, pois desde a preocupação com sua escolha e a coleta de dados e informações, depois, quando analisa, compreende e escreve sua conclusão sobre a obra, de certa forma, todas essas etapas constituem um modo de construir um texto, e assim, pode-se afirmar que o crítico também é um escritor. Conforme Lúcia Miguel Pereira (1992), a crítica necessita de um ponto de apoio na obra alheia, mas nem por isso, deixa de possuir personalidade própria, de

constituir uma forma muito interessante de literatura, sendo a manifestação do pensamento puramente intelectual.

Roland Barthes (2003) também considera o crítico um escritor e ao longo do texto *Escritores e escreventes*, classifica *escritor* como aquele que trabalha suas palavras com normas literárias, que é inspirado, que faz a arte; e *escrevente* como aquele que exerce sobre a obra o testemunho, a explicação, o ensinamento, para qual a palavra é apenas um meio. Barthes enfatiza que o escritor realiza uma função e o escrevente uma atividade, ou seja, a ação do escritor é imanente ao objeto, exercendo um paradoxo sobre seu próprio instrumento que é a linguagem. *O escritor trabalha sua palavra e se absorve funcionalmente nesse trabalho*, que se divide em: normas técnicas e normas artesanais, assim *o escritor é um homem que absorve radicalmente o porquê do mundo num como escrever*; Barthes afirma que os escreventes consideram a palavra um instrumento de comunicação, e assim, não exercem nenhuma ação técnica sobre ela. O escrevente dispõe de uma escritura para sua análise ou pesquisa, esta escritura também é comum a outros escreventes, consequentemente a outras análises. Barthes apresenta as semelhanças e diferenças entre um e outro e conclui que o crítico, atualmente, é um 'escritor-escrevente', pois tem uma função paradoxal; ele provoca e conjura ao mesmo tempo; formalmente, sua palavra é livre, subtraída à instituição da linguagem literária, entretanto, fechada nessa mesma liberdade, ela secreta suas próprias regras, sob a forma de uma escritura comum; saído do clube dos homens de letras, o escritor-escrevente encontra outro clube, o da inteligência.

Como vimos, a crítica literária tem a função e a responsabilidade de ser mediadora entre a obra e o público, não podendo comprometer a integridade do texto com opiniões subjetivas, e sim respeitando o trabalho do escritor, tentando compreender suas ideias e explicá-las. De acordo com essa linha L. M. Pereira (1992) afirma que o crítico deve procurar encaminhar o entendimento na busca de compreender as diretrizes de cada autor, a contribuição de cada obra, pois só com essa compreensão e simpatia chegará a sua razão de ser, e, só através delas poderá influir uma opinião, a crítica precisa ser construtiva para não amesquinhar a obra. Com as palavras da ensaísta podemos perceber que o trabalho do crítico deve ser feito com compromisso e imparcialidade: "À vaidade do julgamento, é sempre

preferível a sinceridade da simples explicação. Só esta pertence à alçada do crítico". (PEREIRA, 1992, p. 67)

Terry Eagleton (1991) também concorda que na crítica deve haver imparcialidade e não mostrar dominação, pois convencer não significa dominar, mas sim expor as opiniões, ou seja, os resultados das análises. Sua função específica diante do público é conduzir a discussão geral, distinguindo perturbações entre o inato e o adquirido, arte e Natureza, especialização e espontaneidade, bem como o individual e o social. Considerado detentor e regulador de um humanismo geral, sendo o guardião e instrutor do gosto público, o crítico deve desempenhar tais funções com a responsabilidade fundamental de questionador e informante, uma ferramenta a qual o público pode estabelecer uma uniformidade imaginária mais profunda consigo mesma. Eagleton afirma ainda que uma das tarefas mais vitais é a resoluta popularização de ideias complexas, conduzida a partir de um meio de comunicação que exclui a possibilidade do clientelismo e da condescendência, sendo que o importante é que o público leitor, de forma institucionalizada, seja capaz de receber e interpretar essas obras num contexto coletivo, além de refletir suas consequências em termos de ações políticas e sociais. Segundo Eagleton o crítico representa um elemento rebelde dentro de sua função, pois em uma esfera que difunde, catalisa, recicla seu discurso, ele não é o algoz do escritor e sim seu companheiro, o que o transforma mais em seu porta-voz do que em censor.

Como porta-voz do escritor, ou melhor, da obra, percebemos que o crítico cumpre uma função cultural de conduzir as discussões e perturbações do ser humano em relação ao meio a que pertence, observando no texto situações e ideias que condizem com seu cotidiano. Assim, o crítico faz a mediação para que o indivíduo se perceba como parte de uma esfera pública e não como mero espectador. Dentro desta perspectiva não poderíamos deixar de citar as palavras de Eagleton:

> O papel do crítico contemporâneo é, portanto, *tradicional.* (...) é hoje um rótulo herdado para designar um campo dentro do qual se congregam muitas preocupações distintas: semiótica, psicanálise, estudos cinematográficos, teoria cultural, representatividade sexual, textos populares e, sem dúvida, a convencional apreciação dos textos mais antigos. Essas atividades não mantêm entre si nenhuma relação óbvia, a não ser a preocupação com os processos simbólicos da vida social e com a produção de formas de subjetividade. (EAGLETON, 1991, p. 115 e 116)

A crítica literária, ainda hoje, se desenvolve entre dois grandes critérios, definidos como *formalismo* e *historicismo* por Alfredo Bosi (2002). Estes critérios seguem caminhos diferentes, pois, enquanto o formalismo prima pela estética e estrutura, o historicismo, parte de um estudo histórico-social-cultural.

Houve, na trajetória da crítica literária, uma oscilação entre um critério e outro. Sabemos que o culto à forma e à beleza, adotado desde a Antiguidade Clássica, perdurou até que o projeto romântico ocidental apresentou o novo critério, o qual valorizava a representação da sociedade a que pertencia, numa perspectiva positivista naturalista. Este critério determinava que a obra deveria exprimir aspectos da realidade, ou seja, quanto mais representasse condições e situações sociais, maior seria sua valorização como criação. Depois, opondo-se a esta forma de análise, os impressionistas consideraram que o mais importante seria o "prazer da leitura", baseado nas comunicações subjetivas e percepções individuais. Na visão impressionista a crítica e a literatura se revelam a partir da fugacidade e impressões dos que escrevem e analisam a obra. Para Candido [1958][2] o impressionismo só é autêntico se o crítico for erudito e inteligente como um especialista, sem perder ao mesmo tempo confiança nas próprias reações. Candido ressalta que o impressionismo foi muito importante para a crítica literária jornalística e, assim uma forma de propagar a literatura. Ele conclui afirmando que não podemos restringir o estudo da literatura à apreciação individual, mas que o verdadeiro crítico tem que se apropriar dela, pois "criticar é apreciar; apreciar é discernir; discernir é ter gosto; ter gosto é ser dotado de intuição literária." (CANDIDO, 1958/2014, p. 60).

Já os formalistas procuraram mostrar que o conteúdo social tinha importância menor, e que, em primeiro plano estariam os elementos estruturais, assim conceberam o texto literário como independente de elementos exteriores e valorizaram as formas da obra como algo significativo na literatura. Entretanto, como afirma Candido (2000), hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas, pois só podemos entender a obra se fundirmos texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, pois são elementos que se combinam como partes necessárias do processo interpretativo. Os estudiosos da atualidade interessados pelos fatores sociais e psíquicos procuram vê-los como agentes da estrutura, não como registro feito pelo escritor, o que permite alinhá-los

[2] No presente estudo usamos a publicação disposta em http://www.brasiliana.usp.br/.

entre os fatores estéticos, formando um todo indissolúvel para a análise crítica. O estruturalismo trouxe para a crítica moderna grandes avanços quanto ao que se refere à organicidade da obra, instrumentos de investigação e terminologia adequada, mas não podemos desprezar a dimensão histórica como fator significativo para a compreensão do pensamento contemporâneo à obra, para a análise e também para a problematização.

Candido (2000) esclarece que para uma crítica ser integral, esta deve deixar de ser unilateralmente sociológica, psicológica ou linguística, para assim utilizar livremente os elementos capazes de conduzirem a uma interpretação coerente, o que não impede que cada crítico ressalte o elemento de sua preferência, desde que utilize este elemento como componente da estruturação da obra. Ele ressalta que "o que a crítica moderna superou não foi a orientação sociológica, sempre possível e legítima, mas o sociologismo crítico, a tendência devoradora de tudo explicar por meio de fatores sociais" (CANDIDO, 2000, p. 09)

Um bom exemplo de crítica de orientação sociológica é aquele que, segundo Eagleton (2011) analisa a literatura em termos das condições históricas que a produzem. Este é o caso da crítica marxista dialética cuja fundamentação parte da teoria científica das sociedades humanas e da prática de transformá-las, e, que tem como objetivo entender *ideologias* – as ideias, os valores e os sentimentos por meio dos quais os homens vivem e concebem a sociedade em diversas épocas. E algumas dessas ideias, valores e sentimentos só se tornam disponíveis a nós através da literatura. Entender a literatura significa, então, compreender todo o processo social do qual ela faz parte. Entretanto, a crítica marxista não é uma mera *sociologia da literatura,* ela tem o objetivo de explicar a obra literária de maneira mais plena, com uma sensível atenção às suas formas, estilos e significados, compreendendo estes como produto de uma História específica.

Nesta linha de raciocínio, L. M. Pereira já havia publicado, no ensaio *O ofício de compreender,* sua opinião sobre o envolvimento da literatura com a sociedade, enfatizando a importância da reflexão, a qual um texto deve proporcionar aos leitores.

> De par com as misérias de que tanto nos queixamos, trouxe-nos o nosso tempo alguns bens, de que nunca falamos; e o maior é sem dúvida este de nos obrigar a refletir, a viver conscientemente; a reconhecer a estreita interdependência dos valores; a sentir a gravidade e a solidariedade das ideias; a ver que não existem divisões estanques entre a vida especulativa e

> a vida prática, que a coisa literária e a coisa pública se encontram e se confundem no seu grande plano comum: a coisa humana. (PEREIRA, 1992, p. 65)

No Brasil, os estudos da crítica marxista ocorreram de forma mais acentuada nos anos 60 e 70 do século XX, ao mesmo tempo em que a crítica estruturalista também avançava em suas técnicas de leitura, o que gerou várias polêmicas entre os grupos.

Bosi (2002) divide os críticos marxistas entre os ortodoxos e os progressistas. O primeiro grupo é formado pelos pioneiros da linha crítica marxista brasileira, com respeitáveis textos historiográficos, porém com análises que reduziam as obras literárias em respectivas condições socioeconômicas. Assim a perspectiva histórica alegada recortava e destacava o momento *tético* e especular da representação, isto é, era uma relação em que a sociedade de classes condicionava o texto de forma geral e, dessa maneira, com a reificação do social o historicismo nasceu – usando as palavras de Bosi – "apertado e abafado", pois os elementos (valores, afetos e outros) usados em um romance ou poema se confundiam com a vertente ideológica da classe dominante, e a ela se amarraria e se sustentaria, e então, a sociologia positiva estaria entranhada na *vulgata stalinista*, ou seja, minimizavam a arte em prol de uma bandeira social vigente, o que resultou em *cultura-reflexo*, o historicismo como um espelho do tempo e do espaço da obra.

O grupo dos progressistas é formado pelos críticos marxistas que defendem que tempo e cultura são intrínsecos à obra, observando as relações históricas entre presente e passado, assim como presente e futuro, relações, às vezes, de atração ou repulsa. É na cultura que a sociedade expressa seus valores, então o marxista progressista diferencia a realidade da arte, enfatizando que a expressão artística nasce da tensão absorvida do real. Bosi afirma que a *tensão* é o dado de realidade social e íntimo que engendra a diferença, a oposição e o aberto contraste, e daí a dupla visada do historicista literário: "há dialética de sujeito e sociedade; há dialética da forma fechada e da forma aberta, *in progress*." (BOSI, 2002, p. 39), o que resulta em *cultura- reflexão*, o historicismo aberto à reflexão e ao debate para as circunstâncias do tempo e do espaço da obra, assim como a história antes e/ou depois dela, tratando-se de uma obra mais antiga.

Gyorgy Lukács (2010) nomeia de *vulgarizadores* os críticos que confundem o marxismo com uma teoria presa às tradições naturalistas, e, apresentam de forma

falsa e mecânica o objetivismo dessas tradições. Para ele a concepção marxista do realismo nada tem a ver com a cópia fotográfica da vida cotidiana. A estética marxista se limita a desejar que a essência individualizada pelo escritor não venha representada de maneira abstrata e, sim, como essência inserida no quadro da fermentação dos fenômenos a partir dos quais ela nasce.

É relevante observarmos que os críticos citados até aqui são de décadas diferentes, mesmo não seguindo uma trajetória linear, seus textos são produzidos no período entre o início e o fim do século XX, e mesmo assim encontramos semelhanças em suas abordagens, o que nos faz considerar as palavras de Eagleton (2011) quando afirma que as ideias marxistas sobreviveram teimosamente às práticas marxistas e que:

> A tradição crítica marxista é insuperavelmente rica e fértil; e como qualquer outro método crítico, tem de ser avaliada de acordo com a maneira como ela elucida as obras de arte, não pela forma como suas aspirações políticas foram ou não concretizadas na prática. (EAGLETON, 2011, p. 3)

Esse diálogo entre os críticos nos leva a concluir que a crítica historicista tem uma concepção voltada para a consciência humana como ser social dentro de uma cultura em dado momento e espaço, e que desta maneira a reflexão se torna indispensável para o desenvolvimento da sociedade em que o homem se insere, utilizando assim de sua capacidade intelectual para contribuir com a evolução do meio, o que nos remete ao estudo dialético.

A dialética trabalha observando as necessidades de avaliar os diferentes pontos existentes na obra, que embora opostos são complementares entre si. Candido (2011) destacou que a dialética pode ser definida como o sentimento dos contrários, isto é: procura ver em cada tendência a componente oposta, de modo a apreender a realidade de maneira mais dinâmica. Para Lukács (2010) a essência do método dialético, de fato, está exatamente em que para este método o absoluto e o relativo formam uma unidade indestrutível: a verdade absoluta possui seus próprios elementos relativos, ligados ao tempo, ao lugar e às circunstâncias. Candido e Lukács têm como princípio básico da dialética a contradição como elemento necessário à análise, pois através deste elemento a obra será observada por vários ângulos, e, não através de uma opinião pré-concebida.

Assim, podemos entender a afirmação de Hermenegildo Bastos (2011) quando diz que o método dialético consiste em levar à compreensão da obra na

medida mesma em que ela revelará o que não é ela ou o que é seu outro – a sociedade. Para ele a obra já é em si própria dialética, tem sua tendência de seguir em direção ao seu oposto, pois nela encontramos a primeira contradição dentro da literatura que é o texto literário e sociedade, estes são polos opostos, e, negligenciar a tensão entre estes polos significa perder de vista o ser da obra e sua relevância. Bastos enfatiza que o momento da crítica é o momento de uma crise, esclarece mostrando como um aspecto ou forma de vida social capaz de evidenciar uma situação problemática requer a atividade da crítica, “as sociedades modernas são basicamente sociedades em e da crise, e isso tem muito a ver com o fenômeno, também moderno, da literatura.” (BASTOS, 2011, p.126).

Com base neste estudo, Bastos traz duas questões importantíssimas para a crítica literária: *por que a dialética?* E *para que a dialética?*. Como resposta à primeira questão afirma que sem a dialética, não percebemos o momento da crise, e, a crise da crítica literária é também a crise da sociedade. Para a segunda questão, sua resposta é que sem a dialética deixaremos o momento de crise morrer, assim cabe ao crítico evitar que a crise caia no esquecimento, ou seja, sem a dialética, nem a obra nem a sociedade são inteligíveis.

> A obra literária é fundamentalmente uma pergunta para qual a obra é uma resposta, mas uma resposta dialética, quer dizer, uma resposta que não se fecha como resultado analítico, mas que mantém viva a pergunta. (BASTOS, 2011, p.127).

Ao observar as manifestações desses críticos, percebemos a importância do historicismo dialético como método de abordagem da obra literária, pois traz para a análise a reflexão, o estudo das questões e contradições ideológicas presentes no texto. A dialética, com seu modo questionador de observar a forma, a sociedade e o momento histórico, em que a obra foi produzida, mostra a relação entre estes e a culminância da evolução de suas culturas e que, um fator não é determinante para uma análise, porque esta não se encontra “pronta e acabada”, mas em constante questionamento.

O título de nossa pesquisa, *Machado de Assis sob a ótica da crítica mato-grossense, na primeira metade do século XX,* tomou como ponto de partida o livro *Machado de Assis em Mato Grosso – Textos críticos da primeira metade do século XX,* da escritora mato-grossense Yasmin J. Nadaf. A obra traz um trabalho de pesquisa, catalogação e apresentação de textos de escritores locais sobre a

produção machadiana, confirmando que ela foi lida, observada e analisada, em Mato Grosso, na primeira metade do século XX.

Machado de Assis é um dos autores mais estudados em todo território nacional. A genialidade deste escritor em sua criação literária é um grande desafio para os pesquisadores, que tentam entender seu trabalho ou desvendar os mistérios que envolvem sua vida e sua produção. Os ensaios críticos contemporâneos a Machado de Assis, instigaram as análises de muitos outros que vieram depois e a ele se dedicaram ao longo desses anos. Para muitos o escritor foi a grande revelação da literatura brasileira, para outros um escritor como tantos e há ainda os que não o reconhecem como tal. No entanto, observando a trajetória de Machado de Assis, um mulato pobre que, descendente de escravos alforriados num período escravocrata no Brasil, soube discernir e valer-se das oportunidades apresentadas pela vida. Autodidata, tendo como estudo sistemático apenas as séries iniciais, aprendeu com suas leituras e observação aos outros e ao mundo, posto que não falasse muito, escreveu de maneira original e completa. Desta maneira, intriga-nos tal individualidade e nos motiva a pesquisar a recepção crítica sobre Machado de Assis dentro das letras de Mato Grosso.

Como declara Yasmin J. Nadaf, temos a necessidade da demarcação do espaço de Machado de Assis na vida literária mato-grossense, seja pela apresentação dos vários textos sobre o criador de *Dom Casmurro*, escritos por homens e mulheres de letras do Estado, na referida época, seja pela avaliação destes textos. Para tal avaliação faremos um breve estudo da historiografia literária que faz parte da pesquisa, pois para avaliar o desenvolvimento e a evolução contidos na relação entre vida e literatura é necessário analisar as circunstâncias históricas, sociais e culturais de determinados tempo e espaço.

1.1 “o geral desejo de criar uma literatura mais independente”[3]

A historiografia da crítica literária relata que as transformações ocorridas em suas etapas, até o século XVIII, deram-se de forma lenta e tranquila, sendo que a partir deste, ocorreram de maneira mais intensa.

[1] O subtítulo foi tirado do ensaio *Notícia da atual literatura brasileira: Instituto de Nacionalidade*, de Machado de Assis.

Os métodos de análise que surgiram, ao longo do tempo, estiveram sempre ligados à literariedade, valor estético, percepções individuais, período histórico e ainda fatores sociais.

No Brasil, a crítica se consolidou após a independência política, pois até então os fatores exteriores (europeus, principalmente portugueses) condicionavam, extremamente, a criação e a crítica literárias brasileiras.

Conforme José Veríssimo (1969), a crítica brasileira teve início nas Academias do século XVIII, as quais imitavam modelos de Portugal. Os textos eram produzidos em forma de pareceres ou juízos, apresentados sobre trabalhos sujeitos a apreciação do censor. Estes pareceres, geralmente, eram como *estalão de estima*, em linguagem literária da época, *túrgida e hiperbólica,* seguiam a doutrina do "gosto", ou seja, externavam impressões individuais. O estilo crítico, com raríssimas exceções, permaneceu essencialmente o mesmo até o advento do modernismo[4], sendo que durante e depois deste período os critérios tornam-se mais próximos da análise literária.

As Academias foram relevantes na construção histórica e cultural do Brasil, pois a partir delas é que se tem registro da vida intelectual do início da nossa literatura, e, como afirma Bosi (2012) elas foram o primeiro sinal de uma cultura humanística viva em nossa sociedade. O crítico enfatiza que foi dentro das Academias o surgimento do desejo de promover a emancipação política, mesmo não tendo êxito nas primeiras tentativas, e muitos membros sendo notadamente prejudicados e perseguidos, mas o ideal permaneceu, e o fenômeno *em progresso* do nativismo alcançou seu objetivo no século seguinte. "Sobrevindo o momento oportuno, foram estes grupos que cerraram fileiras em torno do herdeiro português, dando o passo que lhes convinha." (BOSI, 2012, p. 53).

Lembremos que a Independência trouxe para a literatura, assim como para praticamente todos os segmentos da parte dominante do país, a consciência de sua condição de "brasileira", daí surgiu a necessidade da literatura ser diversa da já consagrada do colonizador lusitano. As letras nacionais daquela época ainda não tinham atingido o nível das europeias, mas a concepção de autonomia exigia e motivava a construção de uma identidade nacional.

[4] O Modernismo aludido por José Veríssimo corresponde atualmente ao Realismo.

Historicamente, sabemos que D. Pedro II patrocinou a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1838, cuja missão era pensar a história pátria, apoiando a consolidação do Estado nacional e a preservação da unidade política territorial. Esse projeto de construção nacional envolveu intelectuais de vários segmentos, principalmente da literatura, todos com vontade de que fosse criada a identidade da nova nação, com sua cultura, sua arte e seu povo. Segundo Roberto Ventura (1991), a partir de 1850, com a estabilização do poder monárquico, acentuaram-se ainda mais o desejo e o compromisso no projeto centralizador *Estado e historiografia*.

O grupo romântico se empenhou em criar as raízes de um novo mundo, inventando tradições para uma nação recentemente independente, o que resultou em um ideal ambíguo: o de ser considerado um país com um histórico peculiar confirmado, sendo que foi colonizado, há bem pouco tempo, por uma metrópole europeia. Candido (2000) afirma que a ânsia de aprofundar no passado da própria realidade acontecia com a finalidade de demonstrar a mesma dignidade histórica dos velhos países. A nação já independente precisava mostrar que possuía uma literatura com características próprias, assim os *bons brasileiros* comprovaram a originalidade inserindo em suas obras: a paisagem e o índio; o que se tornou critério para ser considerado um bom texto, naquele momento. O índio, representando o herói do forte movimento nacionalista romântico, foi uma resistente bandeira até meados dos anos 60 do século XIX.

Na Europa, por volta dos anos de 1850 e 60, como informa Bosi (2012), em todo Ocidente, a agressividade *romântico-liberal* das classes médias contra o mundo dos altos negócios se canalizou para o socialismo. As novas correntes filosóficas cientificistas imbuídas de modernos ideais formavam grupos acadêmicos em busca de resultados e propagação de seus estudos. As correntes que mais se destacaram foram: o positivismo, o determinismo, o evolucionismo, o materialismo, o naturalismo e o socialismo. Estas tendências atuaram firmemente na literatura. Como sempre, naquela época por causa do lento processo de comunicação no Brasil, a “novidade” chegava alguns anos depois, assim, no fim dos anos 60 e início dos anos 70 outros critérios e até outras tendências estéticas europeias permeavam as mentes brasileiras. A criação e a análise de textos seguiam os padrões europeus, em

proporção menor, encaixando características nacionalistas às teorias que buscavam como base de seus estudos.

As novas ideias foram bem vindas à produção literária brasileira, deixando para trás o indianismo, pois já havia se desgastado. O nacionalismo permaneceu, com elementos que declaravam a obra autêntica do país, mostrando a paisagem, os costumes, o modo de ser do indivíduo pertencente a esta terra. Os estudiosos escolhiam dentro da modernidade europeia o que melhor se inseria na construção de criação e crítica literárias da nação ainda infante. Desta maneira, os críticos brasileiros aderiram ao naturalismo cientificista, o que conduz à "crítica determinista ou positivista", estando à frente desta Sílvio Romero.

> Para que a adaptação de doutrinas e escolas europeias ao nosso meio social e literário seja fecunda e progressiva, é de instante necessidade conhecer bem o estado de pensamento do Velho Mundo e ter uma ideia nítida do passado e da atualidade nacional.
> Eis o grande problema, eis o ponto central de todas as tentativas de reformas entre nós, e eis por onde eu quisera que começassem todos os portadores de novos ideais para o Brasil, todos os transplantadores de novas filosofias, de novas políticas, de novas escolas literárias. (ROMERO, [1888][5], *apud* http://www.dominiopublico.org.br/, 2012, p.04)

É exatamente a partir dessas manifestações que a crítica literária brasileira é reconhecida como respeitável trabalho de análise. Devemos a evolução analítica a Sílvio Romero, Araripe Júnior e José Veríssimo, os quais, segundo Antonio Candido, desenvolveram e apuraram a tendência principal do nosso pensamento interpretativo, isto é, o que se poderia chamar de *crítica nacionalista*, de origem romântica, que foi um elemento importante de autodefinição e diferenciação da nossa crítica, rudimentar antes de Romero.

A grande maioria dos críticos brasileiros concorda com Antonio Candido que Sílvio Romero mudou o caminho da crítica literária, evoluindo o processo analítico, agregando a este outros elementos que antes dele não eram valorizados.

Segundo Candido (1988) Sílvio Romero começa a escrever ainda muito jovem, aos dezoito anos, em 1869, um acadêmico de Direito no Recife. Nesta época foi discípulo de Tobias Barreto na famosa "Escola do Recife", quem defenderia pelo resto de sua vida. Na primeira fase de sua produção aderiu ao movimento antirromântico, com base no pensamento moderno para a cultura nacional, daí sobressai a preocupação com os fundamentos do ponto de vista naturalista para a

[5] No presente estudo usamos a publicação disponível em http://www.dominiopublico.org.br/.

literatura brasileira, enfatizando a raça, o meio e a evolução histórica. Em 1888, Sílvio Romero publica *História da literatura brasileira*, que Candido considera a maior obra deixada por ele e, umas das mais importantes de nossa literatura, pois nela se resumem os vinte e seis anos de trabalho anteriores e preparatórios, tendo conseguido apurar e desenvolver suas ideias e seu método. Em seu livro, Romero deixou claro o critério que seguia para realizar suas análises, como podemos observar nos dois fragmentos abaixo:

> Um conhecimento, que não se generaliza, fica improfícuo e estéril e, assim, a história pitoresca deve levar á história filosófica e naturalista. Neste terreno buscará permanecer este livro, por mais lacunoso que ele possa vir a ser. Seu fito é encontrar as leis que presidiram e continuam a determinar a formação do gênio, do espírito, do caráter do povo brasileiro. (ROMERO, [1888], *apud* em http://www.dominiopublico.org.br/, 2012, p.02)

> (...) porque para mim a expressão literatura tem amplitude que lhe dão os críticos e historiadores alemães. Compreende todas as manifestações da inteligência de um povo: política, economia, arte, criações populares, ciências... e não, como de costume supor-se no Brasil, somente as intituladas *belas-letras*, que afinal cifravam-se quase exclusivamente na poesia!... (ROMERO, [1888] *apud* em http://www.dominiopublico.org.br/, 2012, p.04)

A paixão de Sílvio Romero pelo trabalho histórico e crítico, o afinco de mais de quarenta anos de publicações, como nos informa Bosi (2012), marcaram a cultura realista e deu bases sólidas para construir uma história literária e uma crítica sociológica de estreita observância, propondo uma abordagem da obra em função das realidades antropológicas e sociais, vistas como fatos primordiais.

Sílvio Romero aponta Tobias Barreto como o primeiro crítico brasileiro a implantar em seus textos as ideias evolucionistas e naturalistas, mesmo quando ainda não era conhecido na corte do Império. Alguns estudiosos afirmam que Romero prestigia o crítico cearense por muitos motivos pessoais. Roberto Ventura faz uma lista das relações existentes entre um e outro “Tobias Barreto, seu contemporâneo, conterrâneo, condiscípulo e compadre...” (VENTURA, 1991, p. 71). Os elogios irrestritos ao companheiro e mestre da Escola do Recife resultaram em polêmicas que se arrastaram por toda sua existência. Porém, há uma concordância praticamente unânime, entre os pesquisadores, a de que Sílvio Romero foi quem precedeu as atividades críticas literárias brasileiras, com sua agitadora animação em implantar os estudos filosóficos cientificistas, indicando um novo rumo para as letras nacionais.

Araripe Júnior também foi membro da “Escola do Recife”, obtendo assim a mesma formação teórica que Sílvio Romero, no entanto, para Bosi (2012), revelou-se um leitor sensível aos aspectos artísticos da literatura, desde seus primeiros ensaios. Araripe mostrou-se um crítico bem informado a respeito das tendências europeias que circulavam em seu tempo e em seu meio, escreveu ensaios e monografias, os quais revelam que ele acompanhou a criação de romancistas do fim do século XIX, assim como poetas parnasianos e simbolistas.

Afirma Bosi (2001) que Araripe Júnior confessou-se um crítico eclético, pois partiu do determinismo de Taine, mas logo se inseriu às correntes estéticas do fim do século. Com sua sensibilidade, atentou-se para os valores éticos e estéticos em suas análises, e, sua crítica se distanciou da posição redutora do determinismo evolucionista. O próprio Araripe expõe seus critérios em suas avaliações.

> O método que adotei, na preparação deste ensaio, é o mesmo que tenho seguido desde 1878. Orientado pelo evolucionismo spenceriano e adestrado nas aplicações de Taine, procurei fortalecer-me no estudo comparado dos críticos vigentes. Todos os pontos de vista da exegese moderna têm sido objeto de minhas preocupações. Toda ideia boa ou má, aproveitável ou inexequível, é sempre humana. Assim, pois acostumei-me a nada desprezar. (ARARIPE JÚNIOR, 1978, p.254)

Os textos, do século XIX, de Araripe foram publicados regularmente em jornais, como *Atualidade* e *Semana*. Segundo Ventura (1991), esses artigos foram reunidos em um livro que teve como título *O movimento de 1883*. No início do século XX não mais publicou assiduamente em jornais, tendo seus artigos adquirido características de ensaio cada vez maiores.

José Veríssimo (1969) também aderiu ao nacionalismo evolucionista, enfatizando o meio cultural e o progresso deste, bem como a importância histórica e crescimento intelectual. Também acreditava na beleza da arte, assim, usou como método analítico as correntes clássicas e as vertentes mais sóbrias do Romantismo. Era admirador da forma e da retórica, com enredos bem construídos, dramas verossímeis.

> Como quer que seja, operou-se um salutar movimento de reação e houve manifesto alargamento do nosso espírito literário e do nosso espírito em geral. Começou-se a compreender que a crítica tinha um papel distinto e uma função necessária na literatura e a abandonar os seus processos puramente retóricos por outros em que entravam novos elementos de consideração na apreciação das obras literárias, a história, a psicologia, a etnografia, a sociologia, a política, enfim quanto atuava os escritores e os podia explicar e às suas obras. (VERÍSSIMO, 1969, p. 275)

Como podemos observar, no fragmento acima, Veríssimo confessou ter participado da crítica nacionalista (positivista), também valorizou o momento, falando de sua importância para a evolução da literatura no Brasil. Com o passar do tempo e das situações, ele aderiu a outros critérios, com projeções psicossociais, imaginativos, sensibilidades e fantasias. O crítico justificou, na introdução e em outros capítulos do livro *História da literatura brasileira,* que adotou esta postura de análise por considerá-la mais justa, pois a outra condicionava a apenas um parâmetro de escrita e avaliação. É necessário ressaltar que neste mesmo livro, ele enfatizou a importância do historicismo para a literatura, e, assim como declara Roberto Ventura (1991) Veríssimo conciliou a crítica historicista com a impressionista estética.

Bosi (2012) e Brito Broca (2005) informam que José Veríssimo era extremamente apaixonado pelas “Belas-Letras” e que era muito minucioso quanto à forma em suas análises. O próprio ensaísta declarou o conceito sobre literatura, ao qual ele seguia e pregava: “Literatura é arte literária. Somente o escrito com o propósito ou intuição dessa arte, isto é, com os artifícios de invenção e de composição que a constituem é, a meu ver, literatura.” (VERÍSSIMO, 1969, p. 10)

Para Broca (2005) Veríssimo tinha uma noção bem nítida do fenômeno literário, e, sabia julgar com equilíbrio e objetividade. Era um crítico de produção acentuada, pois escreveu para vários jornais, realizando uma fecundidade que espantava a uns e irritava a outros.

Veríssimo (1969) considerou que a concepção engajada e combatente do positivismo nacional da geração de 1870 já se desmanchava pelo fim dos anos 80, afirmou que tal estilo se desgastou por causa da euforia e agitação em função da modernidade cultural em nosso país. Como comprovação de seu julgamento, ele citou o ensaio *Notícia da atual literatura brasileira: Instituto de Nacionalidade*, de Machado de Assis, no qual o escritor expressou sua opinião sobre o entusiasmo desse espírito nacional que contagiou a produtores e críticos literários da época. Machado divergia da maioria, pois considerava que o *Instinto de Nacionalidade* imposto como doutrina limitava muito os *cabedais de nossa literatura*.

No ensaio de 1873, Machado de Assis ainda ressaltou que o escritor para se firmar como pertencente a um determinado país não tem a necessidade de escrever apenas representações ou sobre o local. Ele defendia que o que se deveria exigir do

escritor era certo sentimento íntimo, que o tornasse indivíduo de seu tempo e país, sem ter que evidenciar tal circunstância em suas criações.

Muitos críticos da atualidade consideram que José Veríssimo seguia esse parecer de Machado de Assis, quer fosse pela amizade existente entre ambos, ou pela admiração declarada que Veríssimo tinha para com o escritor. Como sabemos, o ensaísta entrou em favor de Machado na polêmica causada por Sílvio Romero, sobre a qual não entraremos em detalhes no momento.

Conforme Bosi (2002), observadas pouquíssimas opiniões contrárias, o historicismo nacionalista registrou-se como critério de análise que predominou desde o Romantismo até o segundo decênio do século XX. Relata ainda que mesmo Veríssimo que se afirmava pertencente à Literatura de Belas-Letras condenou textos naturalistas e simbolistas porque eram produções menos nacionais que a dos românticos.

O abandono do historicismo nacionalista coincide com o arrefecimento dos ânimos observado no início do século XX. Para L. M. Pereira (1988) já não existia a euforia das lutas políticas em que se envolveram apaixonadamente muitos escritores, nos últimos anos da Monarquia e primeiros anos da República, no fim do século XIX. A crise financeira decorrente do "encilhamento"[6] desiludiu os que apostaram no progresso decorrente da nova ordem republicana. Assim, sendo a literatura estreitamente ligada à sociedade, era normal que surgisse o desalento crítico, conclui L. M. Pereira, para quem o "século começava mal para as letras, porque começava mal para o Brasil" (PEREIRA, L. M. 1988, p. 234).

Sobre os dois primeiros decênios do século XX, Bosi (2012) afirma que a maior parte da produção e crítica literárias, foi pouco inovadoras, como se inspirassem em manifestações anteriores, os escritores se revelavam atentos a registrar a linguagem e os costumes rurais, o que Antonio Candido (2000) chama de *conto sertanejo*, e o considera um gênero ambíguo, contaminado pela exploração de

[6] Segundo o Arquivo Nacional em *Os presidentes e a República: Deodoro da Fonseca a Dilma Rousseff*, "encilhamento" foi um projeto econômico do primeiro governo republicano, caracterizado pelo incentivo financeiro à criação de sociedades anônimas com intuito de alcançar o crescimento urbano e industrial. A capital nacional atingiu alguns objetivos com o seu projeto econômico, porém resultou em uma forte especulação financeira, bem como na falência de bancos e empresas, que levou o Brasil se submeter a empréstimos pecuniários, causando uma dívida externa. Assim, na presidência de entre séculos, 1898 a 1902, o governo tentou a pacificação política através da criação da Política dos Governadores com finalidade de centralizar o apoio dos governadores e Estados ao presidente da República. Para a recuperação financeira o líder da nação recorreu a mais um empréstimo, objetivando pagar a dívida anterior.

temas regionais. Candido ainda informa que os críticos da época, amparando-se nos três mestres: Sílvio Romero, Araripe Júnior e José Veríssimo, isentaram-se de aprofundar e renovar os pontos de vista da crítica literária, assim denotaram conformismo e superficialidade, o que não indicou apenas o esgotamento da análise nacionalista, mas mostrou a incapacidade de uma orientação que se sustentasse de maneira mais estética e menos científica. Resultado de uma geração diletante que fascinada pelo classicismo greco-latino, considerado já arcaico para as academias europeias, primou pelo purismo gramatical e o culto à forma.

Vários críticos afirmam que com exceção a Graça Aranha, Euclides da Cunha e Lima Barreto, poucos nomes foram relevantes na produção literária dos primeiros anos de 1900.

A renovação se daria com a Semana da Arte Moderna, cujos organizadores, segundo Bosi (2012), trouxeram da Europa conhecimento de várias inovações artísticas de pós-guerra e, com elas constituíram um grupo jovem e atuante na literatura paulista e carioca. Eles viveram o drama de uma consciência dividida entre a sedução da cultura ocidental e as exigências do povo brasileiro. Para Candido (2000) a Semana da Arte Moderna foi realmente uma manifestação catalisadora de uma nova literatura no Brasil que, elaborada e realizada com dinamismo e ousadia, coordenou “as tendências mais vivas e capazes de renovação, na poesia, no ensaio, na música, nas artes plásticas.” (CANDIDO, 2000, p. 108).

No decênio de trinta, L. M. Pereira (1992) considera fecunda produção literária, momento em que poetas, romancistas, contistas, ensaístas escrevem com empolgação, definindo-se, apoiando-se, ou ainda combatendo-se. Também enfatiza que embora houvesse uma diversidade de temperamentos, existia, de modo geral, liberdade de expressão e movimentos, bem como ausência de preconceitos literários. E Candido (2000) acrescenta que os anos de 1934-40 foram de culminância da arte e do pensamento brasileiro, libertaram-se do academismo, dos recalques históricos e do oficialismo literário.

Tanto para L. M. Pereira quanto para Candido a partir de 1940 revelou-se em nossa literatura uma preocupação mais exigente com a organização formal e de sensibilidade poética. Assim, muitos poetas e críticos aderem à “Nova Crítica”, optando por escritos de cunho mais estético, isolando o conteúdo que trouxesse conhecimento de realidade social.

Afrânio Coutinho (1975) conceitua a Nova Crítica como “estruturalista, intrínseca, ergocêntrica (sic), em vez de buscar a origem do poema, procura estudar sua natureza, segundo a sua ‘unidade’ as leis e constantes de sua existência como tal” (COUTINHO, 1975, p. 92).

Em meados dos anos 50 as interpretações histórico-sociais literárias voltam a fazer parte da crítica brasileira, e Bosi (2002), usando a *gangorra* como metáfora, declara que a distinção de fatores externos e internos entrou em um campo polêmico, entre os *cultores da diacronia* e os *paladinos da sincronia*. Assim nos remetemos ao que já foi mencionado acima, a crítica literária brasileira mostrou-se oscilante em seus métodos de produção e interpretação, ora voltados para o formalismo, ora voltados para o historicismo. Porém, não esquecendo que, segundo Candido (2000), podemos ressaltar o elemento crítico de nossa preferência, mas sem dissociá-lo do outro, articulando texto e contexto, desta maneira teremos uma *interpretação dialeticamente íntegra*.

1.2 “O homem de letras de nossa terra (...) é bem essa árvore isolada à beira...”[7]

A escolha do subtítulo acima não foi aleatória, pois a literatura em Mato Grosso se deu de forma bastante contraditória, entre o espaço físico rústico e uma efervescente produção cultural. Sabemos que há muito já existiam amostras de manifestações literárias no Estado, mas a crítica segundo Franceli A. S. Mello e Nilzanil S. Silva (2008) surgiu tarde; temos registros de análises interpretativas somente a partir da primeira metade do século XX, período em que se inicia a sistematização da produção literária local. Elas enfatizam que no Brasil, os estudos realizados sobre crítica literária desconhecem a presença do gênero em Mato Grosso.

No fim do século XIX e início do século XX, Mato Grosso ainda era considerado “sertão” para a capital brasileira e outras cidades tidas como metrópoles ou modernas. Segundo Lylia S. G. Galetti (2012) o processo de ‘restauração’ do Rio de Janeiro e a urbanização de São Paulo, no início do século XX, transformou essas cidades em grandes centros modernos e cosmopolitas, servindo de vitrines que

[7] O subtítulo foi tirado da Conferência: *O Sentido da Literatura Mato-grossense*, de José de Mesquita.

atestavam o afastamento cada vez maior entre o progresso do litoral e o atraso do sertão. Havia, então, uma enorme distância entre o que se chamava de civilização, na capital brasileira, e o grotesco, no mato provinciano.

Hilda G. D. Magalhães (2001) descreve o quanto era complicado o momento histórico em Mato Grosso, no início do século XX, muitas dificuldades em transporte, comunicação; a transição de meios da produção econômica; as rivalidades políticas; todos estes fatores demonstram a aspereza e rusticidade encontradas no Estado, naquela época. Mesmo com tantas adversidades, é exatamente na 1ª metade do século XX que se avançou a vida cultural e literária em Mato Grosso. Segundo Magalhães (2001), com o governo de Pedro Celestino, logo no início do século XX, começou a aparecer indícios de modernidade, e este mesmo governo reformulou a organização escolar, dotando-a de métodos mais modernos. Em 1909 inaugurou-se a primeira linha de telefonia e, em 1912 os moradores de Cuiabá assistiram à primeira sessão de cinema.

No entanto, conforme Mello e Silva (2008) a disputa pela liderança do Estado entre a região norte, marcada pelo coronelismo proveniente da economia da cana-de-açúcar e pecuária, e região sul, com maior desenvolvimento urbano, devido ao surto migratório acentuado, resultou, na maioria das vezes, em conflitos armados, culminando em uma fase violenta na história da política mato-grossense. Assim, no início de 1917, segundo Galetti (2012), o Presidente da República decretou a intervenção em Mato Grosso com o objetivo de serenar os ânimos políticos e acalmar as lutas armadas. Somente no fim do ano, as duas correntes partidárias chegaram ao acordo de indicarem um homem “neutro” para liderar o governo do Estado. Dessa maneira, o Bispo Dom Aquino Corrêa, ao assumir a Presidência de Mato Grosso, em 1918, teve a tarefa de normalizar a vida política local.

> O perfil de D. Aquino – bispo e intelectual – casava-se perfeitamente com a imagem de homem apolítico, capaz de neutralidade e isenção frente às paixões partidárias. Um perfil que favorecia as representações sobre a figura como uma espécie de “santo”, capaz de realizar o “milagre” da pacificação entre os partidos rivais, contribuindo decisivamente para reforçar a ideia de que, a partir de sua posse no governo, iniciava uma nova etapa na vida política de Mato Grosso. (GALETTI, 2012, p.324 e 325)

Percebemos que o governo de Dom Aquino foi visto como uma missão milagrosa de mudar a imagem negativa de Estado violento no meio do “sertão”. Para Galetti (2012), o bispo foi além e, juntamente com um grupo de intelectuais, tomou

para si a responsabilidade de definir novos critérios de construção de uma nova visão mato-grossense, elaborando uma imagem na qual a população pudesse se identificar e se orgulhar. O grupo da elite erudita cuiabana – composto pelos chamados “homens de letras”, que normalmente eram juristas, médicos, jornalistas, “autoridades de elevados cargos públicos”, e ao mesmo tempo, eram escritores – teve o bispo presidente como mentor e mobilizou-se para a realização do projeto de construção da identidade e avanço cultural do Estado. Assim, no governo de Dom Aquino Corrêa, em 1919 foi inaugurado o Instituto Histórico de Mato Grosso, que mais tarde se tornou Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT), e, em 1921 o Centro Mato-grossense de Letras, o qual passou a ser a Academia Mato-grossense de Letras (AML) em 1932. As duas instituições foram importantíssimas para o avanço cultural local, sendo a segunda determinante na sistematização da nossa literatura.

Para Yasmin Nadaf (2002) a criação das duas instituições selou o pacto da história e da literatura com a crença patriótica e moralizadora. Foi esta fusão que se estendeu ainda à “coligação Igreja-Estado-Instituições histórica e literária, partindo da escolha do bispo presidente no Estado para presidir em caráter oficial ou por mérito das citadas agremiações.” (NADAF, 2002, p. 176).

José de Mesquita, escritor atuante na cultura local, foi Presidente da Academia Mato-grossense de Letras desde o primeiro momento, 1921, até o ano de 1961, data de seu falecimento. Magalhães (2001) atenta que o escritor seguiu o exemplo de Machado de Assis, que foi presidente vitalício da Academia Brasileira de Letras. Lenine Póvoas (1994) afirma que José de Mesquita foi a mola que acionou a Academia Mato-grossense de Letras, durante toda sua vida. O ensaísta se referia a ele como *coração e alma da nossa Academia*.

O grupo de Dom Aquino Corrêa e José de Mesquita enfrentava o fato de Mato Grosso ser um lugar isolado, de difícil acesso, longe do progresso e da civilização da capital do país; mas de outro lado havia a percepção dos *intelectuais do sertão*, que depois de terem estudado em institutos de ensino renomados nas metrópoles, e, conhecendo o ideário progressista e cientificista se comprometeram a exaltar suas qualidades naturais e letradas. Podemos notar que os homens de letras mato-grossenses seguiram o exemplo do projeto de construção romântica nacional do

século anterior, pois a euforia em defesa das singularidades nativas e a luta para o desenvolvimento local foram, de fato, muito intensas.

O Centro Mato-grossense de Letras, já em sua fundação, disponibilizava de um estatuto com as regras que seus membros deveriam seguir, para alcançar os objetivos da escrita a qual se propuseram realizar. As normas estabelecidas nesse estatuto, desde 1921, contribuíram para uma produção literária voltada para as "coisas" de Mato Grosso.

> Artigo 1° - O Centro Mato-grossense de Letras, com sede na cidade de Cuiabá, tem por fim promover e incitar a cultura literária no Estado de Mato Grosso.
> Artigo 2° - O Centro, além de outros meios que se lhe deparem, consentâneos à realização de seus fins diligenciará:
> I – Ativar o estudo da língua vernácula pelo conhecimento dos bons autores e melhorar, quanto possível, a cultura geral, intensificando a luta contra o analfabetismo;
> II - Desenvolver o estudo da literatura nacional, particularmente das suas manifestações em Mato Grosso, realizando para esse fim conferências públicas na sua sede, as quais versarão, de preferência, sobre a vida e a obra dos intelectuais mato-grossenses e sobre as tendências da Arte no Estado;
> III – Cultivar as belas letras nas suas diversas expressões, propugnando pela educação artística e literária, quer mediante vulgarização dos trabalhos já publicados, quer pela impressão de obras inéditas de reconhecido merecimento;
> IV – Criar e manter a sede social, uma biblioteca, especialmente constituída de obras literárias, que interessem a Mato Grosso;
> V – Entreter regular e assídua correspondência com sociedades congêneres, para a permuta de publicações, de maneira que torne conhecido fora do Estado o movimento intelectual de Mato Grosso;
> VI – Organizar festas artísticas e literárias, auxiliando todas as iniciativas deste gênero que se revelem merecedoras de apoio;
> VII – Estimular e amparar as tendências regionalistas na literatura, pelo estudo de costumes, expressões artísticas e variantes dialetos em Mato Grosso;
> VIII – Favorecer e propagar o estudo retrospectivo do folclore mato-grossense;
> IX - Impulsionar a arte teatral no Estado, já em seu aspecto material – fundação de uma casa adequada às diversões cênicas; já, e principalmente, no seu aspecto intelectual, despertando vocações de artistas, autores e atores;
> X – Trabalhar em harmonia com outras associações similares, existentes ou que forem criadas no Estado;
> XI – Instituir e manter o culto cívico, iniciado pela organização de uma galeria glorificadora de varões notáveis pelo saber e dedicação a Mato Grosso ou vinculados à história mato-grossense por quaisquer manifestações de atividade intelectual;
> XII – Publicar, semestralmente, uma revista de Letras e Artes, na qual serão editados, de preferência, trabalhos originais dos sócios ou inéditos de escritores mato-grossenses. (NADAF, 2002, p. 173 e 174)

A transcrição de parte do regimento justifica-se pelo que revela do empenho dos membros da AML na valorização do local, desenvolvimento e propagação da

literatura e cultura do Estado. Engajados nesta missão, escritores e intelectuais, traçaram um novo caminho para as letras locais. Houve aumento da produção literária, bem como de outras artes a ela relacionada, gerando um clima de efervescência nas letras mato-grossenses, naquele momento.

Com o desenvolvimento da literatura, a partir da primeira metade do século XX, logo se iniciaram os trabalhos com as interpretações da produção textual, de maneira tímida, com certo didatismo, pois era uma forma de ensinar as pessoas a seguirem o ideal de sociedade proposto pela igreja e pelo governo. Muitos dos textos lidos até o momento, de autoria daqueles acadêmicos, mostraram teor impressionista das obras apreciadas, configurando-se em extensos elogios para a obra e consequentemente para o escritor. O critério usado por eles baseava-se nas regras do Estatuto do Centro de Letras, escolhidas como características principais: a exaltação às peculiaridades regionais, a moral e os bons costumes, a religiosidade (católica), a formalidade gramatical, a valorização e propagação da literatura e cultura, bem como dos escritores mato-grossenses. As análises eram produzidas pelos chamados homens de letras, e Mário C. S. Leite (2011) esclarece que, via de regra, escritores e poetas eram os críticos e resenhistas de escritores e poetas. Mello e Silva (2008) e Everton Almeida Barbosa (2011) atentam para a escolha dos modelos romântico e parnasiano da elite literária mato-grossense, da primeira metade do século XX, enquanto que em outras partes do Brasil já se adiantava o modernismo. Pois como já vimos, os temas usados como o conteúdo de suas composições eram de cunho romântico, enquanto que o rigor da forma e da linguagem apresentavam características parnasianas.

Junto ao modelo romântico parnasiano há ênfase ao regionalismo que esteve presente de maneira marcante desde o início, como ideal e nas atitudes do grupo intelectual de D. Aquino Corrêa e José de Mesquita. Leite (2005) e Barbosa (2011) declaram que na crítica literária, daquela época, houve a preocupação de afirmar que determinado autor era um *legítimo representante da cultura local*, um esforço conjunto da grandiosa construção literária e cultural, e assim enaltecia-se o escritor e a região, elementos primordiais do regionalismo. L. M. Pereira (1988) explica o regionalismo como se este entendesse o ser humano apenas como uma síntese do meio, buscando nas personagens o que as liga ao seu grupo e seu ambiente e não o que encerram de pessoal e relativamente livre. Isto pode ser observado na

literatura e crítica em Mato Grosso na primeira metade do século XX. A valorização ao amor ufanista, a exaltação da paisagem e dos feitos heroicos de homens do passado nestas terras, bem como a importância do escritor destas riquezas, encaixam-se perfeitamente na expressão *o indivíduo como síntese do meio a que pertence*.

Nadaf (2002) chama atenção para o caso de Mato Grosso, onde os homens cultos e de letras se esforçavam para, de certa forma, mudar "lá fora" a imagem do povo e conduta locais, e assim com o efetivo discurso literário de amor à terra e esperança de futuro promissor, realizar o desejo de transformar o estigma de "barbárie" e lugar atrasado na imagem de Estado respeitável na capital, bem como em todo território nacional.

> A minha terra, conquanto longínqua, isolada, esquecida e muitas vezes até caluniada, acompanha, com carinho inexcedível e vivaz interesse, o ritmo da vida mental brasileira e, através das suas agremiações belestristicas (sic), da sua imprensa, dos seus homens de letras, distribuídos pelas varias províncias do pensamento, vive, palpita, pulsa e anseia-nos mesmos anelos de arte e idealismos que impulsionam, isocronamente, as demais unidades da Pátria. (...) Em Mato Grosso sempre houve vida mental profunda e intensa. Pode parecer arrojada a assertiva, mas é rigorosamente exata. O próprio segregamento em que nos achamos, com relação ao resto do país, determina, de certa maneira, como necessário à monotonia da vida provinciana, essa paixão sagrada pelas coisas do espírito. (MESQUITA, mai/1936, p. 3 – 4)
>
> Força é, porem, colher as velas, nesta viagem, pelo país das musas, sob pena de deixar-vos a impressão de que é em Mato Grosso onde mais se poeta no Brasil. (MESQUITA, mai/1936, p. 12).

Nilzanil M. J. S. Silva (2006) esclarece que José de Mesquita foi o primeiro a se inserir no caminho da crítica literária em Mato Grosso, iniciou com pequenos comentários, analisando de maneira cautelosa, seguindo gradativamente no que foi adquirindo experiência.

O grupo de Dom Aquino Corrêa e José de Mesquita definiu o que seria a literatura produzida nestas terras, daquele momento em diante, esmerando-se em seu cuidado, de tal forma, que o sistema implantado por eles permaneceu por toda primeira metade do século XX. Regulamentaram, criaram documentos embasando como deveria escrever para pertencer a esta literatura, enfatizando o amor a terra, à natureza, a Deus.

Para Barbosa (2011) o início da crítica em Mato Grosso, inserida no projeto de construção da identidade regional foi muito importante, mas em contrapartida permaneceu por muito tempo presa a critérios inflexíveis. Ele ressalta que

atualmente, os textos críticos já não têm o regionalismo como tema orientador. Barbosa enfatiza, nos dias de hoje, o trabalho crítico de Yasmin Nadaf e Franceli Melo, declarando que mesmo quando o discurso remete à literatura produzida em Mato Grosso, as ensaístas conseguem estabelecer uma polaridade com o nacional, pois estão além da especificidade regional.

Percebemos que a crítica local fez sua trajetória de maneira gradativa, iniciando, como já foi mencionado, tímida e seguindo vagarosamente, respeitando sua fragilidade e exaltando o projeto ufanista de um grupo compromissado em enaltecer não somente a terra, mas também suas letras. Não se pode negar a importância destes ensaios produzidos na primeira metade do século XX, pois sobre suas bases, é que os críticos atuais puderam aprimorar a análise literária mato-grossense e indicar o caminho para um estudo interpretativo sistemático e especializado.

CAPÍTULO 2

> *"Mas deixai pingar os anos na cuba de um século. Cheio o século, passa o livro a documento histórico, psicológico, anedótico. Hão de lê-lo a frio; estudar-se-á nele a vida íntima do nosso tempo a maneira de amar, a de compor os mistérios e deitá-los abaixo, se as mulheres eram mais animosas que dissimuladas, como é que faziam eleições e galanteios, se eram usados xales ou capas, que veículos tínhamos, se os relógios eram trazidos à direita ou à esquerda, e multidão de coisas interessantes para a nossa história pública e íntima. Daí a esperança que me fica, de não ser condenado absolutamente pela consciência dos que me leem."*
>
> *(Machado de Assis)*

Panorama crítico sobre Machado de Assis: do fim do século XIX à primeira metade do século XX

Sobre Machado de Assis existe um número gigantesco de estudos que resultaram em livros, ensaios, coletâneas, conferências, debates, entrevistas e ainda outras maneiras de ler e tentar interpretar a obra do escritor, e apesar da enorme fortuna crítica a respeito deste autor, ainda nos surpreendemos com alguma novidade relacionada a sua obra. Várias teorias foram construídas tentando explicar o fenômeno da genialidade do menino que nasceu na Chácara do Livramento e cresceu entre esta e o morro de São Cristovão. Desde o início de suas publicações e ainda atualmente, mais de cem anos depois de sua morte, seu nome é reverenciado, ideias e contestações são apresentadas em torno do que foi a obra e o homem, são grandes os mistérios quando o assunto é Machado de Assis.

A epígrafe – palavras de Machado de Assis no conto *Eterno* do livro *Páginas recolhidas* de 1899 – pode nos induzir a acreditar que o escritor deixou para a posteridade, a tarefa de entender seus textos, já que demonstrava crer que os escritos, daquela época, se tornariam documentos históricos, psicológicos e ainda anedóticos, tendo registrado de forma literária a vida de seu tempo, bem como os

mistérios das mulheres, das eleições, dos progressos industriais (relógios e veículos) e *multidão de coisas interessantes para a nossa história pública e íntima*.

Não temos a pretensão em desvendar o criador de textos tão bem produzidos, com o apreço de quem viveu para a arte de escrever, mas sim de estudar parte de sua trajetória literária, através dos textos de alguns daqueles que conviveram com ele, ou pesquisaram sua vida pouco tempo depois, delimitando a época do fim do século XIX e a primeira metade do século XX.

Sabemos que o escritor constituiu vasta atuação na literatura, trabalhando a poesia, o romance, o conto, a crítica, a crônica e o teatro, praticamente todos os gêneros, salvo a oratória. Em sua produção, ao longo de mais de cinquenta anos, criou seu estilo e se fez presente na Literatura Brasileira. Assim, quando nos deparamos com o objetivo de estudar a recepção crítica de Machado de Assis em Mato Grosso, na primeira metade do século XX, e cotejá-la com a crítica nacional do mesmo período, notamos a necessidade em se pesquisar as análises dos textos do escritor em âmbito nacional. Durante as leituras, observamos as recorrências dos assuntos em torno de Machado de Assis, umas mais frequentes, outras menos. Deste modo selecionamos os temas abordados e os dispusemos desde as primeiras críticas datadas no século XIX, até os anos cinquenta do século XX. Também os ensaístas estão apresentados de forma cronológica, atendendo assim a linha histórica na crítica de Machado de Assis.

Machado de Assis causou polêmica em seu tempo, enquanto uns já o consideravam o “mestre da literatura brasileira”, havia quem o julgasse um escritor pequeno, sem a genialidade que outros críticos lhe atribuíam. Sílvio Romero foi um dos que não reconheceu o bom estilo machadiano, sempre fazendo questão de mostrar aos outros que o autor de *A mão e a luva* era de pouco mérito, e que havia escritores melhores. Em seu primeiro livro de historiografia literária, *História da literatura brasileira,* de 1888, o crítico nem mencionou o escritor. Somente alguns anos mais tarde, em *Machado de Assis: estudo comparativo da literatura brasileira*[8], de 1897, e depois, em *História da literatura brasileira,* de 1906, um compêndio em cinco volumes, Sílvio Romero escreveu sobre Machado de Assis. Neste último, afirmou que a razão em estudá-lo era porque sua evolução fora *longa e larga*.

[8] No presente estudo usamos a publicação disponível em http://www.brasiliana.usp.br/.

Sílvio Romero [1897][9] classificou como exagerados os elogios dirigidos a Machado de Assis, e os considerou sem fundamentos, afirmou ainda que desde o início da produção o escritor se encontrava presente às “rodinhas intelectuais”, as quais, de certa maneira, supervalorizaram tudo o que ele escrevia. Segundo Romero, Machado não conseguiu criar um verdadeiro e completo tipo vivo, real, ao gosto e com a maestria dos grandes gênios inventivos das letras.

Para Romero [1897] o estilo machadiano era “correto e maneiroso”, considerando o escritor dono de uma índole psicológica indecisa, o que acarretava reflexo em seus textos, apresentando uma escrita em que tudo era igual e compassado. “Vê-se que ele apalpa e tropeça, que sofre de uma perturbação qualquer nos órgãos da palavra”. (ROMERO, 1897, *apud* http://www.brasiliana.usp.br/, 2014, p. 83).

O livro *Machado de Assis: estudo comparativo da literatura brasileira* de Sílvio Romero provocou os ânimos de muitos críticos da época, que não concordaram com a análise do sergipano sobre o escritor, eles acreditavam que o ensaísta tinha a pretensão de exaltar, mais uma vez, Tobias Barreto e inferiorizar Machado de Assis. Como sempre, o autor de *Dom Casmurro* não se manifestou em defesa própria. Porém, Lafayette Rodrigues Pereira, sob o pseudônimo de Labieno decidiu responder em favor de Machado. Além de outros artigos nos jornais, em seu livro *Vindiciae*[10], de 1899, L. R. Pereira classificou o escritor como *a vítima*, *um fino observador das fraquezas e ridículos do seu tempo*; e classificou Sílvio Romero como o *sacrificador bárbaro*, *que estudou retórica em alguma escola da província* e assim *devoram-no ódios e cóleras implacáveis contra todas as superioridades*. Labieno afirmou ter lido todo o livro de Romero e encontrou teorias e fórmulas agregadas a explosões pessoais, que traziam demolições ao longo da obra. Enfatizou, como outros, o texto de Romero como mais um pretexto para exaltar Tobias Barreto e a Escola do Recife. Em resposta sobre o estilo machadiano, Labieno afirmou que o mesmo era de grande distinção, mostrando a estrutura do período organizada e de forma lúcida, com propriedade e precisão da expressão, conciso, mas não pobre, combatendo assim os argumentos do exegeta sergipano.

---

[9] Neste capítulo, observamos a importância em referir as datas de lançamentos dos textos abordados, assim informaremos a data da fonte em nota de rodapé, posto que nossa pesquisa está delimitada no período contemporâneo de escrita de Machado de Assis e primeira metade do século XX.

[10] No presente estudo usamos a publicação disponível em http://www.academia.org.br/

Muitos outros críticos escreveram sobre a competência intelectual de Machado de Assis e Rui Barbosa, encarregado do "discurso fúnebre"[11], exaltou as qualidades literárias do escritor, chamando a atenção para a riqueza de sua inspiração, bem como a maestria do estilo. Além disso, elogiou a sagacidade machadiana quanto à psicologia usada em suas narrativas, afirmando que o conjunto dessas características perpetuaria seus escritos na galeria de obras-primas.

O escritor Olavo Bilac, em 29 de setembro de 1909, quando fez o discurso inaugural[12] da placa em homenagem a Machado de Assis, na Academia Brasileira de Letras, destacou Machado como um escritor *simples e pensado*, *mais na verdade que na aparência*, pois sua sublimidade residia na solidez e não no brilho. Bilac também exaltou a modéstia, a brandura, a exigência para consigo mesmo no estilo de escrita, o saber filosófico, enfim, o modo natural e inteligente de Machado de Assis.

Também Alcides Maya, no ensaio *Algumas notas sobre o humor*[13], de 1912, considerou Machado um ótimo escritor, afirmando que a gramática usada pelo autor de *A cartomante* era esmerada, e portanto relacionava-se ao contexto brasileiro que dispunha em determinado texto:

> ... das repetições sintáticas, produzindo enganosa desordem, das reticências intervalando ou suspendendo ou completando os períodos, e de uma excessiva pormenorização.
> Isso gerou um equívoco, entre os críticos; e alguns pensaram que o grande escritor redigia de tal arte certas páginas por deficiência de vocabulário e de frase. Mas, se é exato que ele tartamudeia na palavra e repisa, repete, torce e retorce as ideias e os termos, tal se sucede porque esse é um meio seguro de conduzir a ação cômica. (MAYA, 1912 *apud* BOSI, 1982, p 347).

Neste fragmento, percebemos o embate entre as opiniões de Maya e Romero, quanto à escrita de Machado, pois enquanto o primeiro a exaltou, o segundo não a reconheceu como estilo literário. Maya ainda enfatizou o valor intrínseco das frases independentes em toda obra machadiana, eram frases que se ligavam estreitamente ao assunto abordado e ao mesmo tempo continuavam em sua irregularidade proposital.

---

[11] No presente estudo usamos o texto publicado em Alfredo Pujol, *Machado de Assis: Curso literário em sete conferências*. 2007.
[12] No presente estudo usamos a publicação disponível em http://www.academia.org.br/
[13] No presente estudo usamos o texto publicado em Alfredo Bosi et al. *Machado de Assis*. 1982.

Observamos uma proposição interessante na análise de Medeiros e Albuquerque quanto ao estilo de Machado de Assis. Em correspondência[14] de felicitações a Alfredo Pujol pela sua IV Conferência sobre Machado de Assis, 1916, o ensaísta atentou para a afirmação de Sílvio Romero sobre o fato de a escrita do autor possuir um *estilo de gago*, esclarecendo que a intenção de Romero foi maldosa, porém havia um fundo fisiológico justo na observação do crítico, uma vez que seria natural o escritor pensar as frases das obras conforme estava habituado a construí-las. Albuquerque mencionou que Machado não era de todo gago. Ainda assim, enfatizou as frases curtas e hesitantes do estilo machadiano, indicando-lhes como formadoras de seu encanto e originalidade. Deste modo, concluiu não ser uma observação agradável, mas *servir-se de um órgão imperfeito, para com ele fazer a coisa perfeita* merecia todo reconhecimento.

Já José Veríssimo, um dos maiores defensores da obra machadiana, produziu um capítulo especial sobre o escritor em seu livro *História da Literatura Brasileira*[15], de 1916, no qual destacou sua singularidade como autor, afirmando que o mesmo nunca escrevia de improviso, ou de forma apressada, e sim de maneira compromissada com a literatura, sempre trabalhada e aprimorada. Veríssimo considerou o estilo sóbrio de Machado, resultado de seu espírito arguto que, não o deixava enganar em suas interpretações dos próprios textos.

Em 1923, Graça Aranha, em seu ensaio *Nabuco e Machado*[16], exaltou a escrita do autor consagrado. Relacionou as diferenças e semelhanças existentes entre os dois amigos, as quais alguns críticos usaram com intuito de menosprezar as qualidades de Machado de Assis. Neste ensaio, Aranha considerou Nabuco um intelectual imprescindível ao Brasil, principalmente no momento em que foi atuante. No entanto, para ele, a expressão psicológica de Machado de Assis era muito intensa e não poderia ser desprezada, pois sua atividade intelectual demonstrava grande conhecimento sobre diversos assuntos e filosofias, afirmando que seu aprendizado era constante. O ensaísta elevou o estilo literário machadiano, explicando que o mesmo trabalhava a escrita como uma geometria sutil, *sabendo dissimular nas linhas tranquilas e desdenhosas* suas criações.

---

[14] No presente estudo usamos o texto publicado em Alfredo Pujol, *Machado de Assis: Curso literário em sete conferências*. 2007.
[15] No presente estudo usamos a publicação da Ed. José Olympio, 1969.
[16] No presente estudo usamos a publicação disponível em http://www.academia.org.br/

O crítico a concordar com a posição de Sílvio Romero foi Luis Murat que, em 1926, no artigo *Machado de Assis e Joaquim Nabuco V*, afirmou catedraticamente que a superioridade atribuída ao escritor era sem merecimento, pois ele não excedeu a nenhum dos poetas ou prosadores do seu tempo, pelo contrário, tinha uma imaginação *pouco ardente*.

No entanto, Lúcia M. Pereira, em sua pesquisa *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*[17]*,* 1936, destacou a importância deste escritor para a literatura brasileira, pois a partir de suas inovações (no estilo e na linguagem) a mesma avançou, conquistando a consolidação tão desejada. A ensaísta afirmou que o escritor, sendo ao mesmo tempo, prudente e ousado, soube se manter equilibrado, agindo de maneira simples. Para ela, Machado deu o direito ao brasileiro de falar, ouvir e ler sua linguagem que estava em construção.

Outro estudioso que se comprometeu a analisar a obra de Machado de Assis foi Cândido Jucá Filho, que escreveu *O pensamento e a expressão em Machado de Assis*, em 1939. Neste livro, Jucá Filho enfatizou que o escritor era profundamente técnico, pois seus retratos psicológicos apresentam ao mesmo tempo as grandes linhas de construções apreciáveis e o maravilhoso acabamento das miniaturas. O crítico ainda afirmou não ser prejudicial à literatura o estilo hesitante de Machado, ao contrário, dera-lhe vida e interesse à obra, bem como movimentação interior, realidade e caracterização necessária.

Mário de Andrade em *Machado de Assis,* 1939[18]*,* no artigo comemorativo ao centenário de nascimento do mesmo, enfatizou a genialidade do escritor, baseando-se no fato de que as obras eram de concepção nítida e elas sugeriam multiplicidade de interpretações. Assim como L. M. Pereira declarou a escrita machadiana muito importante para a evolução literária brasileira, pois foi o primeiro a se desprender das técnicas clássicas portuguesas, escrevendo com espontaneidade e acrescentando expressões da linguagem brasileira e, assim soube ser um artista incomparável.

Mais um crítico a enfatizar a obra e o estilo machadianos foi Raimundo Magalhães Júnior com o livro *Machado de Assis desconhecido*, 1955, no qual afirmou a singularidade do escritor na antecipação do domínio das letras nacionais,

[17] No presente estudo usamos a publicação da Ed. Itatiaia, 1988.
[18] No presente estudo usamos o texto publicado em Mario de Andrade. *Aspectos da Literatura Brasileira.* 1978.

uma vez que a universalidade de seu espírito demonstrava a evolução de um progresso constante, sem quedas. Ele considerou Machado de Assis um operário de si mesmo, modelando-se, seguindo ao impulso superior de uma *linha ascensional*.

Já Augusto Meyer, não concordou com a grande parte dos críticos acima quanto à criatividade e – no artigo *O romance machadiano: O homem subterrâneo*[19]*,* publicado em seu livro *Machado de Assis: 1935 a 1958* – alegou certa limitação à espontaneidade criadora de Machado de Assis, e atribuiu como causa desse sacrifício à poesia das coisas a sua *lucidez extrema*, a *ironia aguda*, o *finíssimo faro psicológico*, apurados cada vez mais. Dessa forma, ele seria grande na profundidade psicológica, mas com prejuízo na extensão humana.

Outro aspecto abordado pelos críticos no estilo da obra machadiana foi a evolução dos textos, que ocorreu praticamente de um romance para outro – *Iaiá Garcia* e *Memórias póstumas de Brás Cubas* – provocando uma ruptura com o estilo praticado anteriormente e revelando uma evolução surpreendente em sua escrita.

O crítico Romero [1897] dividiu a obra de Machado em duas fases: a primeira desde o início da produção em 1859 até 1878, definida como uma fase de *ordem secundária*, em que o autor não teria escrito nada que tivesse *sério valor*; a segunda é determinada de 1879 em diante, denominada como a "fase da maturidade", pois a partir desta época o escritor apresentaria domínios da produção literária e se notariam qualidades na definição dos traços (estilo), mas ainda se encontravam *certos tropeços*.

> Por outros termos, seu romantismo foi sempre, no meio da barulhada imaginativa e turbulenta dos seus velhos companheiros, pacato e ponderado, com uma porta aberta para o lado da observação e da realidade; seu posterior sistema, que poderemos chamar um naturalismo de meias-tintas, psicologismo ladeado de ironias veladas e de pessimismo sossegado, tem, por sua vez, uma janela escancarada para a banda das fantasias românticas, não raro das mais exageradas e aéreas. (ROMERO, [1897], *apud* http://www.brasiliana.usp.br/, 2014, p. 14).

O menosprezo ao trabalho machadiano se mostra evidente na citação acima. Romero transformava em defeitos as características que outros críticos, contemporâneos a ele, atribuíam como qualidades no estilo literário do autor.

Em seu texto, L. R. Pereira [1899] declarou que Romero não deveria se preocupar em enquadrar Machado de Assis em uma escola literária, pois este já se tornara um assunto obsoleto e as análises do momento poderiam ser mais

[19] No presente estudo usamos o texto publicado em Alfredo Bosi et al. *Machado de Assis*. 1982.

profundas sem estes espíritos estéreis. Labieno afirmou certo romantismo nas primeiras obras do escritor, posto que seus primeiros textos fossem da época áurea dessa escola literária, porém já se encontrava a inteligência e a imaginação em suas produções.

Veríssimo [1916] também observou a evolução machadiana desde os primeiros textos, na tipografia de Paula Brito, até *Memorial de Aires*, obra publicada pouco antes de sua morte, e atentou para a gradação da obra, cujos textos foram se aperfeiçoando, um após o outro, ao longo de sua produção. O crítico enfatizou que mesmo nas primeiras obras, pertencentes ao Romantismo, Machado não adotou o excesso de sentimentalismo ou o exagero de idealismo, comuns aos seus contemporâneos. O ensaísta notou um incansável estudioso da literatura na personalidade do escritor, mesmo com o reconhecimento de suas criações continuou a ler as obras clássicas brasileiras e de outros países. Veríssimo considerou certa influência da literatura inglesa na escrita de Machado de Assis, como por exemplo, a diplomacia e o distanciamento a modismos.

Outro crítico que avaliou positivamente os textos machadianos foi Alfredo Pujol – em *Machado de Assis: Curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo*[20]*,* 1917 – declarando o quanto evoluiu o escritor em sua produção na segunda fase, libertando-se das últimas amarras do Romantismo, mostrando um intelecto mais sólido e completo. Para Pujol, Machado adquiriu o segredo da *auscultação das almas*, ou seja, o seu olhar interpretou todas as emoções e todos os instintos, como se devassasse as consciências, penetrando no mais fundo dos pensamentos.

Já L. M. Pereira [1988] atribuiu a mudança de estilo de Machado às leituras de autores ingleses e franceses, bem como ao recolhimento, em Nova Friburgo, por causa da saúde debilitada. Assim, as leituras refinaram o estilo e o recolhimento lhe motivou a segurança em si mesmo. Porém, ressaltou que o humor já era uma característica encontrada nos primeiros textos, e na segunda fase este se acentuou e se agregou ao pessimismo e à indiferença. Outra inspiração para a evolução da escrita machadiana seria a esposa Carolina, mulher instruída, educada e sempre disposta a ler os textos do marido, bem como outros que lhe fossem úteis, ou ainda, junto com ele, as obras para o deleite.

[20] No presente estudo usamos a publicação da Academia Brasileira de Letras; Imprensa Oficial, 2007.

Segundo L. M. Pereira [1988] o apogeu de Machado de Assis foi com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, pois depois se manteve no nível de prestígio e glória. Nessa época, em vida, o escritor conseguiu a consagração, eram-lhe destinados elogios de conhecidos e anônimos de todo o Rio de Janeiro. Também, nessa época Machado já era Oficial do Gabinete da Secretaria de Agricultura e desfrutava de suas boas amizades duradouras. L. M. Pereira enfatizou a evolução do escritor, abrilhantada por obras de *grande pensador*, e foi nessa fase de sua produção que críticos e "homens de letras" lhe deram o título de "mestre da literatura brasileira".

Para M. Andrade [1939], assim como para outros críticos, a primeira fase da escrita Machado de Assis se apresentou como um *longo e minucioso aprendizado*, e a segunda foi a consagração de sua inteligência muito realista, já dono da *desilusão guardada no humorismo* e de *nenhuma ingenuidade ante os homens e a vida*. O crítico também ressaltou que Machado soube usar as leituras inglesas na medida certa em seus textos, inovando sua escrita, enriquecendo-a sem perder o estilo próprio.

Ao publicar o livro *Introdução a Machado de Assis*, 1947, Barreto Filho enfatizou no artigo *Machado – o espírito da tragédia*[21] que no primeiro momento, os dramas machadianos se desenrolavam no plano da emoção e sentimentalismo, e a evolução literária ocorreu a partir da observação das transformações sociais ocorridas, muitas delas pressentidas por ele, estas constituíram seus temas e personagens narrados com irreverência. Barreto Filho, assim como outros críticos, classificou a construção do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* como o momento da transformação do rumo de suas obras e da literatura brasileira. O crítico não deixou de considerar a doença e a reclusão, em 1879, como forte importância na evolução do seu estilo, assegurando ser este o momento em que o escritor sofreu a *crise de espírito*, e começou a trabalhar em face de seus verdadeiros estímulos. Assim "não mais a ilusão, nem a fuga na produção idealizada. O que ele vai agora contemplar é a essência da vida e do homem" (BARRETO FILHO, 1947 *apud* BOSI, 1982, p. 357).

O crítico Magalhães Júnior (1955), dentre os que aqui citamos e se tratando das fases da obra machadiana, não classificou a segunda como melhor e afirmou:

[21] No presente estudo usamos o texto publicado em Alfredo Bosi et al. *Machado de Assis*. 1982.

> Não há porções desdenháveis em sua obra, para quem a deseje estudar imparcialmente, nem mesmo quando se trate dos versos da adolescência, pois que teríamos de julgá-los não em relação à obra da maturidade ou a da velhice do ilustre escritor, mas no quadro da época e em relação ao meio em que foram escritos. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1955, p. 5)

Magalhães Júnior ainda ressaltou o desejo de suprir a noção de tempo e espaço, organizando-se de maneira cronológica em seu estudo. Assim, para ele o importante era analisar cada obra do escritor inserida em seu respectivo momento e ambiente.

A. Meyer [1958] observou no romance machadiano da segunda fase, seguindo o esquema psicológico de composição, a predominância da "pseudo-autobiografia", e lembrou que teoricamente esta pseudo-autobiografia é onde vagamente se imagina um "eu" fantasiado de "si" mesmo, insinuando confidências e dosando a ficção, costurando *pedaços de vivência com o fio da fantasia*, ou seja, é um recurso ao romancista, quando se tem por objetivo criar uma simulação de uma vida confessada. Segundo Meyer, Machado de Assis usou esse recurso em três de suas obras: *Memórias póstumas de Brás Cubas, Dom Casmurro e Memorial de Aires*. Ressaltou uma gradação do esquema pseudo-autobiográfico nos romances e desconsiderou os primeiros capítulos de *Brás Cubas* como pertencentes a essa linha de construção literária, explicando que o "eu" encontrado nas referidas páginas "não respeita nenhuma plausibilidade autobiográfica no estrito sentido; é um fantasma de sabor ultra-romântico, dentro de um clima transcendente" (MEYER, 1958 *apud* BOSI, 1982, p. 358). No entanto, o crítico considerou acertada a escrita em *Memorial de Aires*, ressaltando a extraordinária importância do conteúdo psicológico.

Os críticos acima nos mostram os principais aspectos da obra e da individualidade de Machado de Assis, desde sua aparição na cena literária até meados da primeira metade do século XX. Encontramos, na maioria dos textos, a exaltação à capacidade intelectual do autor de *O Alienista*, referências a sua versatilidade e originalidade criadoras, assim como sua incomparável forma de expressão. Encontramos, também, algumas divergências entre um parecer e outro e, mesmo contendo algumas falhas, atribuídas por estudiosos, no começo da produção machadiana, esta já trazia características encontradas nos textos da "fase

madura” do escritor, como por exemplo, a ironia e a linguagem fragmentada. Então, a maior parte das análises resultou na concordância da consagração do escritor.

Lembrando que o escritor ficou pouco tempo nos bancos escolares, podemos inferir que, sua maior aprendizagem veio diretamente dos livros lidos por ele e das conversas escutadas nas livrarias, conversas estas de escritores que ele, naquele momento, considerava seus ídolos (exemplo: Manuel Antônio de Almeida, Quintino Bocaiúva, José de Alencar e outros). Foi nesse ambiente, rodeado por escritores do ápice do Romantismo que Machado começou a escrever, sendo assim, atentemos para a dificuldade em ser diferente.

O crítico mais preocupado em refutar as considerações que qualificavam como extraordinária a escrita machadiana foi Sílvio Romero, o qual era contemporâneo ao escritor e julgou seu trabalho próprio de um estilo raso, sem a grandiosidade que tanto enalteciam. Romero era um crítico militante, inserido no ideal de desenvolvimento e reconhecimento nacionais, e ainda, como afirma Antonio Candido, um homem exasperado, movido por uma violenta necessidade de auto-afirmação, “na qual está incluída a campanha permanente pela glória de seu amigo Tobias e pela precedência da geração recifense de Setenta.” (CANDIDO, 1988, p. 87 e 88). Dessa forma é possível compreender que Romero, tão absorvido em seu ideal, não tenha conseguido perceber as características singulares nos textos de Machado. Muitos críticos, já naquela época, mesmo os que não faziam parte das “rodinhas intelectuais” do escritor, avaliavam suas obras de maneira significativa.

Através dos textos estudados percebemos uma dificuldade em separar o pessimismo, a ironia e o absenteísmo machadianos, visto que a maioria dos críticos aborda estas características como se uma fosse consequência da outra, ou o complemento, apresentando-as de forma intrínseca.

Para Romero [1897] Machado de Assis mostrava em suas obras um humorismo pacato, carregado de pessimismo vistoso e intencional, e assim, não era natural e espontâneo. Enfatizou ainda que o escritor não conseguiu imitar os grandes humoristas ingleses, explicando a falta do temperamento e a psicologia próprios para produzir o humor, pois essa era uma particularidade da índole de *certos povos,* menosprezando assim, a nossa raça e, consequentemente, o autor de *Quincas Borba*. Romero declarou observar em Machado um espírito velado e discreto, com certa reserva, não se entregava de todo, mas conseguia ser doce e

comunicativo, por isso dava impressão de calma e serenidade. O crítico atribuiu a esta reserva o pessimismo, julgando que havia nele um sofrimento e sensibilidade por causa das circunstâncias inferiores em que se encontrava.

Já L. R. Pereira [1899] valorizou e enalteceu a ironia e o pessimismo nos textos de Machado, enfatizando sua capacidade de perceber os desconcertos e ridículos, bem como os costumes e as práticas sem razões do homem e da sociedade, conseguindo ressaltar estas características em suas obras, fosse pela palavra, gesto ou alegoria, de uma maneira sem ódio nem paixão, e sim com uma espécie de desinteresse, seria *mais uma malícia de espírito do que uma perversidade de coração*. Quanto à influência da literatura inglesa sobre Machado, Labieno ressaltou que os ingleses escreviam partindo de uma realidade britânica e desta forma seu humorismo teria sutilezas, contrastes e antíteses, alegorias à fantasia, no entanto, eram *mais artificiais que reais* e, os textos machadianos eram mais reais, sem deixar de enfatizar os assuntos locais tratados pelo escritor, desta maneira, Labieno concluiu que Machado constrói o humorismo brasileiro.

Para R. Barbosa [1908] Machado de Assis soube viver intensamente a arte, pois a *dor que lhe aflorava ligeiramente aos lábios, lhe roçava ao de leve a pena*. Assim, como Labieno, R. Barbosa reputou que o ceticismo do escritor não tinha maldade, mas sim um toque de malícia, entremeado pela timidez e pela desconfiança. R. Barbosa considerou a ironia machadiana a refração aos antagonismos e aos conflitos, observando a perspicácia psicológica de sua invenção literária sem aspereza, com *bonomia no humorismo*.

Já Mário de Alencar em *Machado de Assis, páginas de saudade*[22], de 1908, alertou os conhecedores somente do escritor a observarem a figura, pois não souberam do homem que foi, mas os conhecedores de suas duas faces puderam entendê-las como “duas figuras distintas e opostas que, entretanto, não eram nem distintas nem opostas, senão uma só figura, que se velava e se descobria voluntariamente, pelo respeito de si mesma e o receio de parecer sincera, aos olhos dos outros.” (ALENCAR, 1908, *apud* http://www.academia.org.br/, 2014, p. 324). O ensaísta destacou a fama atribuída a Machado de ser indiferente e distante dos homens e das coisas não era justa, sendo que havia a inserção do escritor no mundo em que vivia através de uma disposição literária em suas obras, observando

[22] No presente estudo usamos a publicação disponível em http://www.academia.org.br/

que as diferenças e semelhanças entre autor e a vida os influenciavam e os completavam de maneira recíproca, ressaltando assim o respeito de Machado ao tempo e ao espaço do ser humano, bem como das coisas que estavam a sua volta.

> Tinha um espírito forrado de uma filosofia forte, que lhe dera a própria vida e cultura. (...) Compreendia a maldade e a bondade, admirava o idealismo da regeneração humana, entendendo a sua inutilidade e eficácia; não tinha nenhuma forma de religião e respeitava todas as religiões. Tudo era expressão humana, e não lhe cabia senão olhar e comentar os homens. Não os acusava, reproduzia-os. (ALENCAR, 1908, *apud* http://www.academia.org.br/, 2014, p. 325)

Outro crítico defensor de Machado de Assis na questão de seu estilo ser impostura e cópia do método inglês foi Maya [1912], ele reivindicou para o escritor brasileiro o direito e o poder de originalidade e profundidade na concepção de seus textos. Para Maya o humorismo de Machado era mais expressivo e seu pessimismo mais intenso, observando que nas obras (da segunda fase) do escritor não se encontrava a heroicidade e o ideal religioso de um divino universo *providencialista*, tão comum em alguns autores ingleses, ao contrário, Machado de Assis não acreditava nas vantagens das reformas sociais, na solidariedade religiosa, bem como entendia que a natureza e o homem estavam num mesmo patamar, e assim, *celebrava o nada* que estava na instabilidade da vida.

Também Veríssimo [1916] relacionou o pessimismo e o ceticismo encontrados nos textos de Machado ao sentido de pensamento do autor, pois manifestava muita sobriedade, mantendo-se à distância de tumultos. Com sua maestria em expressar a imaginação humorística, formulando em suas obras um modo de mostrar a necessidade e contingência dos homens, assim transcendia a visão pessimista das coisas, resultado do *sentimento de nossa impotência*. Mas os abordou como um *ceticismo sem desespero* e um *pessimismo benevolente*.

Outro crítico a concordar com Alcides Maya foi Pujol [1917]. Ele destacou a inteligência de Machado de Assis em transmitir os quadros confusos e tumultuosos da comédia humana através da ironia e pessimismo. Pujol enalteceu o jogo das frases independentes usadas pelo autor, expressando a frivolidade vã das coisas e dos homens. O ensaísta listou várias frases encontradas em *Memórias póstumas de Brás Cubas* (para não citar de toda a obra), como por exemplo: *Suporta-se com paciência a cólica do próximo; Matamos o tempo, o tempo nos enterra; Não te irrites se te pagarem mal um benefício: antes cair das nuvens que de um terceiro andar.*

Segundo Luis Murat (1926) foi um despropósito comparar a produção de Machado de Assis equivalente a do humor inglês, explicando que este tinha como base os pontos de vista da tríplice: índole, filosofia e intuitos sociais; os quais não se encontravam nas obras machadianas. Para Murat a imperfeição da realidade provoca no humorista cóleras íntimas, abafadas, irrefreáveis que se constelam as faculdades para bem dizerem a vida, inserindo crença, ideal, sonhos, educação, aventuras de uma natureza sensível nos seus delírios de dor, ao contemplar as impurezas do espírito humano. Murat declarou que, ao contrário destas qualidades, Machado era frio e sua diretriz era a do *inferno*, não pairava na esperança. Para ele, a imaginação do escritor era revelada por suas próprias manifestações na constância de uma força viva, ocasionada pela incubação cruel das sublimidades da fé. Afirmou ainda uma confiança do autor de *A igreja do diabo* na exuberância de seu estilo, *inflamado por um esto de imperturbável confiança nos destinos humanos*.

No entanto, L. M. Pereira [1936] destacou a análise constante do mistério da vida humana para Machado de Assis e, em suas avaliações chegava a conclusões nem sempre favoráveis, deste modo, sua ironia se fazia amarga e dissolvente. Seu raciocínio, único meio de conhecimento, não distinguia os limites entre o “bem” e o “mal”, por isso a descrença pela lucidez humana, não duvidava das forças morais, mas da dificuldade em descobrir sua ação sobre o homem que, de certa forma, agiam como irracionais.

Já o pesquisador Jucá Filho (1939) compara a indiferença e ironia de Machado de Assis à *mão do Destino,* explicando que em seus enredos o autor tratou suas criaturas como bonecos, *sem carinho e sem ira, nunca premiando, jamais castigando*, e assim como o criador assumiu a situação dos seres eternos, foi como as grandes rochas, ou ainda como o grande céu.

Para M. Andrade [1939] o pessimismo machadiano foi resultado da determinação do escritor em ocultar seus possíveis defeitos, as suas origens, os elementos de sua formação intelectual e a sua doença, pois tendo uma espécie de pudor ofendido, veio como consequência a revolta.

Contrariando a argumentação de Mario de Andrade [1939], Barreto Filho [1947] destacou o domínio do escritor sobre o desespero e a disciplina à visão do inexorável. Para ele, o grande recurso de Machado de Assis foi sempre a Arte, pois esta lhe dava a oportunidade de transcender e submeter o lado sombrio da realidade

ao seu humor. Barreto Filho considerou o autor de *Um homem célebre* um artista trágico, pois mesmo possuindo toda aptidão para enxergar o irremediável das coisas, bem como a fragilidade de tudo, conservou a lucidez e a capacidade artística, trabalhando sua expressão para torná-la simples e transparente.

Quanto ao pessimismo, à indiferença, à frieza do humor acrescentados na escrita das obras do período de consagração existiram as mais variadas explicações. Como vimos, alguns críticos julgaram que tais características despontaram da descrença dos homens e da vida; outros afirmaram vir da apreensão em ocultar os defeitos, a doença e a origem pobre, acreditaram que Machado de Assis revoltou-se consigo mesmo, e por não se aceitar, acabou por entristecer-se, resultando no Machado pessimista e irônico; há ainda os que acreditaram sua origem na visão perante o irremediável; já outros julgaram que, apesar de um possível complexo de inferioridade ter influenciado seu estado de espírito a revolta não era de dentro para fora, e sim de fora para dentro, consequência da análise de como eram tratadas as pessoas que possuíam as mesmas particularidades que ele, observando quais eram as oportunidades oferecidas pela vida, e o quanto lhes eram negados os direitos como ser humano. Há ainda aqueles que consideraram ter sido por causa de suas leituras de literaturas inglesas e francesas, bem como seu isolamento, em Nova Friburgo, por causa da doença. Possivelmente foi a junção de todos estes aspectos que foram inserindo-se, atrelando-se até resultarem no singular estilo machadiano.

A questão da indiferença denotada nos textos de Machado de Assis e sua reserva quanto à vida particular trouxeram-lhe a imagem tão conhecida de “um homem inteligente, de boa cultura e boa educação, frio, indiferente, de um convencionalismo absoluto, escrevendo por desfastio, e apenas com raciocínio” (PEREIRA, L. M. 1988, p. 21). Porém os que o conheceram de perto afirmaram ter sido um homem simpático e prestativo, e o defenderam alegando que não era frieza e sim timidez.

M. Alencar [1908], filho de José de Alencar, estreitou laços de amizade com Machado de Assis, nos últimos anos de vida do escritor. Atualmente, alguns estudiosos comparam o afeto existente entre eles ao carinho paternal e filial. *Machado de Assis, páginas de saudade* são textos pessoais que Mario de Alencar escreveu em forma de diário, e atualmente se encontram sob os cuidados da

Academia Brasileira de Letras, nestas páginas relatou sobre o homem “Machado de Assis” e não o escritor. Alencar revelou que Machado de Assis era tímido e aparentemente fraco, mas ao contrário da fisionomia, era muito forte, afirmando ser sua timidez, de certa maneira, a isoladora de muitas situações de alarde ou ainda tumultuosas. Também ressaltou a bondade do homem, e exaltou sua discrição e ponderação.

Bilac [1909] considerou a mensagem machadiana, conforme toda sua obra e sua índole, seria *não me admireis, amai-me, compreendei-me...* Também, para Bilac os que conviveram intimamente com o escritor, amaram-no e compreenderam-no, porém, infelizmente, os que estiveram mais distantes não perceberam o *inigualável tesouro das ideias*.

Outros críticos, seguidores desta linha de raciocínio são Veríssimo [1916] e L. M. Pereira [1936]. Os mesmos enfatizaram que o autor de *Um apólogo* era muito companheiro de seus amigos, sempre disposto a escutar e auxiliar os que o procuravam. Veríssimo ressaltou:

> Este sujeito tímido, apagado, pequenino, modesto, que parecia deslizar na vida com a preocupação de não incomodar a ninguém, de não ser molesto a pessoa alguma, era, de fato, um homem com energias íntimas, caladas, recônditas, mas invencíveis. Assim como fazer-se uma posição social, nunca transigiu com a sociedade e suas mazelas, também nunca, como escritor, condescendeu com modas literárias que não dissessem com o seu temperamento artístico, ou seguiu por amor da voga as correntes mais no gosto do público. A este pode afirmar-se que não fez em toda sua obra a menor concessão. (VERÍSSIMO, 1916 *apud* VERÍSSIMO, 1969, p. 288).

Para Brito Broca [1956][23] era injusta a afirmação de que Machado de Assis possuía um coração frio, recebendo *mais do que dava* e sendo *pouco íntimo com os íntimos*. O ensaísta não concordou com estas acusações explicando a causa do equívoco na postura polida de Machado e, as cartas correspondidas com seus amigos provavam o contrário, mostravam ser uma constante “a palavra de conforto adequada e justa para as atribulações e as dores dos amigos.” (BROCA, 1956 *apud* BROCA 2005, p. 251).

A reserva, talvez fosse a forma que Machado encontrou de se proteger da injustiça a tantos iguais a ele, pois se o respeitavam e admiravam sua inteligência, não se comportavam do mesmo modo com os outros, o que, provavelmente, o levou

[23] No presente estudo usamos a publicação de José Olympio, 2005.

a optar por um círculo de amizade pequeno, e assim teria uma probabilidade menor em se decepcionar. E segundo os ensaios pesquisados, percebemos o apreço por ele dedicado aos amigos, os mesmos se incomodavam pelo julgamento dos mais afastados. Afirmando estes não serem conhecedores do lado humano de Machado de Assis.

A origem humilde, a cor da pele, a epilepsia de Machado de Assis, constituíram-se em atributos que, dentro do contexto do país, ainda imperialista e escravocrata, encaminhavam-no para um "veredicto" de futuro frustrado, no entanto, seu amor pelas letras e sua capacidade em observar e valer-se das oportunidades encontradas abriram uma fenda para outra realidade.

José Veríssimo [1916] e Lúcia M. Pereira [1936] apontaram a origem pobre e a determinação do menino da Chácara do Livramento, e enalteceram Machado de Assis por nunca vulgarizar seu nascimento e situação financeira miserável, para com isso obter exaltação de seu nome, pelo contrário, o escritor ocultava sua origem com altivo pudor, com natureza finamente aristocrática, sendo que desde muito cedo desejou fazer parte do mundo das letras. Concordaram com estes dois críticos Pujol [1917] e Graça Aranha [1923], afirmando que Machado tinha uma origem obscura, e a crítica não sabia com precisão a trajetória de seu crescimento, como era a qualidade psicológica de seus pais e, estes seriam motivos para o reconhecimento do surpreendente e raro temperamento do escritor, pois seu talento fortificou-se no secreto.

> Aristocratizou-se silenciosamente. O seu heroísmo está neste trabalho de libertar-se da sua classe, nessa tragédia surda do espírito que se eleva, na distinção pessoal, no desdém de ser agressivo aos poderosos e aos felizes. Da sua angústia intelectual transpira a perene melancolia da luta. Das tristes fontes de sua inteligência persiste para sempre o travo da amargura. Mas esta amargura da vida é nobre, é o desencanto do civilizado e não o rancor do escravo e o desespero do selvagem. (ARANHA, 1923 *apud* http://www.academia.org.br/, 2014, p. 01.)

Podemos concordar com a afirmação de ter se feito por si mesmo, e talvez, como o próprio escritor explicaria, a partir de uma *ideia fixa*, a de fazer parte da Literatura Brasileira. A constante avidez pela leitura fez com que ele saísse do morro e vigiasse as livrarias com o objetivo de conseguir algum livro emprestado, o qual segundo alguns críticos, o menino lia rapidamente com o intuito de conseguir outro. Sua paixão e respeito pela literatura cresciam e na adolescência começou a fazer parte do mundo das letras na Livraria e Tipografia de Paula Brito, de forma bastante

simplória ainda, porém este seria o primeiro passo para a realização de sua *ideia fixa*.

O nacionalismo presente nas obras de Machado de Assis foi inspiração de muitas análises, das quais resultaram diversas conclusões. Umas, utilizando a metodologia da corrente filosófica positivista, não consideraram características de nacionalidade nos textos machadianos; enquanto outras, mais dialéticas, observando a consciência e o estilo do escritor, bem como o contexto de sua época, encontraram uma abordagem bastante nacionalista na escrita do autor.

Romero [1897] chamou atenção para a crítica nacionalista, tão defendida por ele e que José Veríssimo, num texto publicado em jornal da época, havia afirmado não aceitar uma análise de texto de Machado de Assis por esse critério. O ensaísta contestou a opinião de Veríssimo, afirmando que o nacionalismo não pode ser visto simplesmente como o *mais pegado à vida nacional* e os textos do escritor apresentavam vários tipos *genuinamente brasileiros*. No entanto, reclamou a falta de intimidade de Machado com a natureza, pois o mesmo não demonstrava camaradagem com: árvores, animais, montanhas, campos, matas etc.

Conforme vários estudiosos da literatura machadiana, o artigo publicado por José Veríssimo defendia o escritor de acusações anteriores feitas por Sílvio Romero, as quais o interpelava por não valorizar a “cor local”, pois não mostrava em seu trabalho as “belezas brasileiras”, bem como não se envolvia em assuntos políticos do momento. Veríssimo afirmou existir muitas qualidades que se sobrepunham à “marcha” nacionalista na escrita de Machado, praticamente obrigatória naquele instante. Também se declarou a favor das ideias machadianas expressas no ensaio *Notícia da atual literatura brasileira: Instinto de Nacionalidade,* de 1873, no qual atentou para o método nacionalista que reconhecia somente os escritores empenhados em escrever *interrogando a vida brasileira e a natureza americana*, para ele esta doutrina limitava os autores da literatura brasileira. Grande parte dos críticos atuais atribui a esse ensaio a razão de tantas provocações e falta de estima de Romero a Machado de Assis.

L. R. Pereira [1899] ressaltou a destruição das grandes crenças e os ideais humanos do microscópio dos naturalistas e físicos, transformando tudo em mecânico e inconsciente, porém Machado tinha o pensamento sóbrio, não enfatizava a imagem e sim as situações de seu meio.

> Machado de Assis (...) é um espírito culto, imaginoso, cáustico, que traduz em versos bem feitos as suas inspirações e descreve em cenas animadas a vida de seu tempo e traça figuras que reproduzem a realidade com que está em contato, segundo os processos que lhe parecem mais adaptados ao intento. Ora pinta o que está vendo, o que não é ser realista, porque assim o fizeram clássicos e românticos, ora, entregando-se aos caprichos da sua fantasia, remonta ao ideal ou para embelezar a natureza, ou para enxergar-lhe as asperezas, as escabrosidades, o horrível. Mas é sempre um homem do seu meio. Não cuida em ser romântico, realista ou qualquer outra coisa. Luta, pensa e escreve como um homem de seu tempo. (PEREIRA, L. R. 1899 *apud* http://www.academia.org.br/**,** 2014, p. 2 e 3)

O ensaísta R. Barbosa [1908] destacou a atenção de Machado para os assuntos de nossa cultura, da independência, estes demonstraram a vitalidade e energia civilizadora de nossa raça, bem como a exposição de tesouros do solo brasileiro e da produção mecânica do trabalho.

Veríssimo [1916] também enfatizou nas obras de Machado de Assis a preocupação com a alma humana, a observação do ambiente, as descobertas de reais circunstâncias dos fatos sociais, abordadas como uma maneira inteligente e original de “criar” o real, pois *sob os artifícios e desmandos da fantasia, sentimos a verdade essencial.* Veríssimo destacou claras as intuições das particularidades nacionais encontradas nas ficções machadianas, pois era constante o exercício da análise do ambiente e, só o acusavam de desprendimento do *brasileirismo* os que entendiam por nacionalismo as exterioridades pitorescas. O crítico exemplificou com *Memórias póstumas de Brás Cubas* as situações sociais demonstradas por Machado: a vida, a morte, a família, a educação, o meio, os amores, a ambição, enfim, a percepção de que as coisas, muitas vezes, eram determinadas por um conjunto de condições, não eram essencialmente nem boas nem más, o importante seria não se deixar enganar pelas aparências.

Outro crítico a observar o trabalho de cunho social na obra de Machado de Assis foi Pujol [1917]. Este alegou uma extrema originalidade do escritor em não deixar se abater pelas ações de seu tempo, transferindo assim as características da época e do meio e destacando a evolução política e social em suas obras. Relacionou a personalidade indecisa do personagem Brás Cubas ao meio em que se encontrava o Brasil naquele momento, e por esse motivo, muitos críticos não entenderam o romance, não perceberam na aparência risonha da estória um sentimento amargo e áspero, como o próprio Machado revelaria na terceira tiragem do livro. Para Pujol, também não perceberam a doce piedade sofrida pelo autor para

com os fracos e os humildes, expressadas em narrações que revelavam situações embaraçosas ou desumanas vivenciadas por seus personagens, como por exemplo: Brás Cubas mentindo sobre o caso do doce para que a negra fosse castigada por seu pai, ou ainda, Cubas montado a cavalo em um escravo (criança). Pujol salientou um Brás Cubas indiscreto, traquina e voluntarioso, produto do meio em que nasceu, ou seja, suas características eram inerentes a ele e comuns ao ambiente, consideradas como triviais e, de certa forma, naturais.

Para Pujol [1917] a escrita machadiana ressaltou os sentimentos mais ocultos e ignorados, com a representação exata e verdadeira de um caráter ou aspecto fugitivo da vida. Brás Cubas e a sua visão de mundo foram impregnadas de realidade da vida e da natureza, infiltrando o domínio da compreensão das tormentas e, ao mesmo tempo, da alegria da alma. Concluiu que o romance estudado oscilou entre a dor e o tédio, expandindo a cultura literária no fatal espetáculo da tragédia da vida, edificando com o supremo consolo da resignação e da dúvida, assim, mostrou o triunfo da nossa terra e nossa raça.

Já Murat (1926) concordou com Romero [1897] no sentido de que Machado de Assis era incapaz de reproduzir as cenas da natureza e da sociedade, posto seu desprezo pela paisagem e, sua imaginação apreensiva não o inspirava à narração descritiva, faltava-lhe a emoção para esses fatos. Esta questão foi debatida por Magalhães Júnior (1955) que defendeu Machado de Assis, escrevendo diretamente sobre a crítica feita por Murat, em 1926. O ensaísta acusou Murat de denegrir a imagem de Machado como escritor e como ser humano, explicando a falta de imparcialidade nas acusações de Luís Murat, sendo estas tendenciosas, baseadas em motivos pessoais contra Machado.

No entanto, L. M. Pereira [1936] se empenhou na análise de toda a obra machadiana, começando pelo tatear dos primeiros textos e chegando à segurança dos últimos. Aprofundou-se na questão autobiográfica dos primeiros romances de Machado, explanando a ideia de que os mesmos eram confissões do autor sobre sua ambição. A ensaísta destacou um provável sentimento de ingratidão em Machado por causa do rompimento dos laços com a madrasta e a condição financeira medíocre, assim, em seus livros conseguiu resolver a situação com sua consciência, pois os primeiros romances, apesar de entrechos diferentes, giravam em torno do mesmo eixo, ou seja, a mudança de classe.

Para L. M. Pereira as protagonistas de *A mão e a luva, Helena e Iaiá Garcia*, discutiram os direitos da ambição e lutaram contra a hierarquia social, ressaltando que nos romances, Machado de Assis usou, além do enredo, as (já conhecidas) frases independentes para comprovar que o resultado era justo para os que buscavam o progresso individual, por exemplo, em *A mão e a luva*: “A vontade e a ambição, quando verdadeiramente dominam, podem lutar com outros sentimentos, mas hão de sempre vencer, porque eles são as armas dos fortes, e a vitória é dos fortes.” (MACHADO DE ASSIS *apud* PEREIRA, L. M. 1988, p. 158). Quanto às estórias, L. M. Pereira observou a contabilidade machadiana disposta em suas personagens, sendo que Guiomar (*A mão e a luva*) e Iaiá (*Iaiá Garcia*) foram ousadas e calculistas, focadas no objetivo comum de “ascender socialmente”, conseguiram êxito; enquanto Helena (*Helena*) e Estela (*Iaiá Garcia*) foram delicadas e sinceras, deixando de se dedicar ao próprio futuro para atender às necessidades alheias, fracassaram. Concluindo o balanço do escritor, L. M. Pereira utilizou outra frase de *A mão e a luva*: *O sentimento e a razão, as tendências da alma e os cálculos da vida*.

Observando o estudo da ensaísta entendemos que há probabilidade de encontrar nas obras citadas acima a não aceitação da hierarquia social imposta e regida pelos que se julgavam superiores, afastando as oportunidades das pessoas menos abastadas. Machado de Assis, segundo a análise de L. M. Pereira, colocou em equidade suas personagens, mas coube a elas decidirem suas ações pelo sentimento ou pela razão. Talvez neste ponto estivesse a ideia de que para os participantes do topo dessa hierarquia, o sentimentalismo fosse a melhor escolha para os pertencentes à base e, enquanto estes se preocupavam com as emoções não se envolviam com ideais, menos ainda em raciocínios para alçar rumo a um futuro melhor.

Outro assunto abordado por L. M. Pereira em *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico* foi o da criação das personagens femininas. Ressaltou algumas características das mulheres machadianas como: orgulhosas ou tímidas, singelas ou complexas, calculistas ou levianas, explicando que as mesmas floresciam ou murchavam de acordo com as circunstâncias por elas vividas. Não pelo veio cientificista da época, mas pelo objetivo almejado e a situação do momento.

Segundo Jucá Filho [1939], Machado de Assis nunca tomou posição diante de um problema social. Afirmou ter o escritor assistido à campanha abolicionista e republicana, sem inclinar opinião para qualquer conjuntura que fosse. Jucá Filho enfatizou o não pronunciamento de Machado quanto à situação do país mesmo nas crises políticas e no Encilhamento, enquanto muitos intelectuais eram realmente envolvidos e empolgados com os acontecimentos nacionais.

Também M. Andrade [1939] reclamou o desapego do escritor ao racismo e a ausência de luta social, pois o mesmo deixou-se inserir no mundo burguês, não se preocupando com os mestiços e pobres. Para Andrade, as personagens femininas do autor de *Uns braços* perversas e calculistas, com inteligência para dominar os homens. Segundo ele, eram mulheres capazes de tornar a vida mais complexa, com sutileza para ludibriar o amor em favor de seus objetivos. No entanto, Andrade qualificou a contribuição do autor como farta para a literatura, marcada com uma boa coleção de almas brasileiras.

> Sim, se não reconheço Machado de Assis em mim, em compensação sou Brás Cubas, noutros momentos sou Dom Casmurro, noutros o velho Aires. Tenho encontrado dezenas de Virgílias e Capitús. E qualquer um de nós tem um bocado do Alienista em si... (ANDRADE, 1939 *apud* ANDRADE, 1978, p.105)

Segundo Barreto Filho [1947] a análise da contradição essencial do homem, resultante do caráter absurdo e inseguro de Brás Cubas, eclodiu na inevitável vocação de mostrar a instabilidade social do Império nos últimos tempos. Barreto observou uma articulação nos temas das transformações sociais presenciados por Machado de Assis nas obras que escreveu depois de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, pois a contemplação da verdade do escritor o fez perceber o absurdo e o mal da existência no meio em que vivia.

Mais um pesquisador a abordou o envolvimento de Machado de Assis com os assuntos sociais, políticos e sobre a evolução do país, foi Magalhães Júnior (1955), seguindo sua trajetória literária. O crítico ressaltou o romance *Iaiá Garcia,* situado no período da Guerra do Paraguai e, desenvolveu a ação desta contrapondo com os acontecimentos de maior expressão daquela campanha, comprovando assim o vínculo do escritor ao patriota. Lembrou ainda que, Machado já havia escrito algumas crônicas em jornais de circulação da época sobre o conflito entre o Brasil e o Paraguai.

Quanto à política, Magalhães Júnior (1955) defendeu o escritor da fama de indiferente ou neutro, alegando que seu absenteísmo seria o reconhecimento da impossibilidade de vencer a política truculenta da época. Magalhães Júnior apresentou um fragmento de uma de suas *Cartas Fluminenses*, datada de 18 de março de 1867, endereçada a "Opinião Pública", onde confessa sua posição quanto ao regime governamental brasileiro:

> Quanto às minhas opiniões políticas, tenho duas, uma impossível, outra realizada. A realizada é o sistema representativo. É sobretudo como brasileiro que me agrada esta última opinião, e eu peço aos deuses (também creio em deuses) que afastem do Brasil o sistema republicano porque esse dia seria o do nascimento da mais insolente aristocracia que o sol jamais alumiou. Não frequento o paço, mas gosto do imperador. Tem duas qualidades essenciais ao chefe de uma nação: é esclarecido e honesto. Ama seu país e acha que ele merece todos os sacrifícios. (MACHADO DE ASSIS *apud* MAGALHÃES JÚNIOR, 1955, p. 76).

Com este texto Magalhães Júnior (1955) confirmou que a neutralidade política atribuída a Machado por alguns críticos não se sustentava. O crítico ainda chamou a atenção para o compromisso do escritor como cidadão esclarecido e, mesmo sendo favorável aquele sistema de governo, não deixou de elencar as falhas existentes. Uma delas, recorrente em suas narrativas era a deputação, apontada por Magalhães Júnior nos textos machadianos, como

> o retrato de uma época confusa, de política tão abastarda, que os homens que se diziam liberais e até republicanos se colocavam ao lado da escravidão! Machado satiriza a eloquência tribunícia vazia, sem outro propósito que o de chamar a atenção pública. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1955, p. 90).

Magalhães Júnior (1955) ainda listou várias narrativas da obra de Machado de Assis para exemplificar a sátira do sistema eleitoral vigente, denunciando a facilidade de se entrar na Câmara, desde que se tivesse um bom apadrinhamento. O crítico discorreu sobre os personagens, criados por Machado, envolvidos com a política, indicando os que almejavam em ser deputado e conseguiam o *prêmio da loteria,* e os que apesar de perseguirem o tão desejado cargo, não o alcançavam. Magalhães Júnior ressaltou a ironia de Machado em enfatizar a importância de ser político, naquela época, pois esta se baseava no reconhecimento de poder e, não o compromisso com o país. O ensaísta ainda destacou textos do autor em que se podem notar as fraudes no processo eleitoral do momento.

> Sem fumos de sociólogo ou ensaísta político, ressalvando as figuras realmente grandes, como fez nas páginas sobre *O Velho Senado*, Machado de Assis deixou em sua obra elementos para a reconstituição do quadro medíocre da vida pública brasileira dos tempos do Império, com as suas mentiras eleitorais, seus vícios, violências, facilidades, nepotismos, mesquinharias e vulgaridades. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1955, p. 94).

Magalhães Júnior (1955) informou que Machado de Assis era sócio do jornal *Gazeta de Notícias* e não apenas um colaborador ou redator, jornal este francamente abolicionista, considerou então admitir que não houvesse qualquer um de seus redatores que não fosse envolvido com a questão abolicionista, ou estivesse em divergência com a diretoria do periódico. Magalhães Júnior, mais uma vez defendeu Machado das acusações feitas em relação à indiferença quanto aos assuntos nacionais, sobretudo quanto à abolição, afirmando que o autor de *O Espelho* não deixou de se pronunciar a favor do término da escravatura, simplesmente não foi militante pelo cargo que exercia como funcionário público e, metódico como era Machado de Assis seria incoerente se o fizesse. Para ratificar sua conclusão, Magalhães Júnior destacou a frase *O Ceará é uma estrela; é mister que o Brasil seja um sol*, publicada numa crônica em 1884 na *Gazeta de Notícias,* referindo-se à libertação dos escravos da província do Ceará. Magalhães Júnior explicou sua postura como crítico, pois enquanto muitos críticos consideraram a frase como algo receoso e distante, para ele “numa linha apenas ele disse tudo: aplaudiu a abolição numa província e proclamou a necessidade de ampliá-la a todo Brasil.” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1955, p. 127). Ainda destacou fragmento da crônica de 14 de maio de 1893, publicada em *A Semana*:

> Houve sol, e grande sol, naquele domingo de 1888, em que o Senado votou a lei, que a regente sancionou, e todos saímos à rua. Sim, também eu saí, eu, o mais encolhido dos caramujos, também entrei no préstito, em carruagem aberta, se me fazem o favor, hóspede de um gordo amigo ausente; todos respiravam felicidade, tudo era delírio. Verdadeiramente, foi o único dia de delírio público que me lembra ter visto. (MACHADO DE ASSIS *apud* MAGALHÃES JÚNIOR, 1955, p. 129).

Magalhães Júnior (1955) ainda chamou a atenção para textos como *Esaú e Jacó,* em que os gêmeos sempre tinham gostos e ideias opostas, entretanto, no tocante a abolição eles estavam de acordo. Também citou *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Pai contra mãe,* além de outros, referindo-se a estas narrativas como documentos sobre as práticas desumanas do tempo do cativeiro.

O crítico Brito Broca [1956] também mencionou a fama de Machado de Assis ser desprendido dos assuntos sociais e políticos, bem como de não apresentar atitude combatente, características que, segundo Broca, foram atribuídas por *inimigos* de Machado, em especial Sílvio Romero. Em defesa do autor de *Esaú e Jacó,* o ensaísta declarou que na juventude, ainda como jornalista, no *Diário do Rio de Janeiro*, escreveu crônicas bem militantes defendendo a ideologia liberal daquela época. Em suas crônicas destacava os abusos das autoridades quanto às benfeitorias rendidas a poucos e quase nada beneficiava a população. Porém, com o decorrer do tempo preferiu escrever sobre suas observações da alma humana.

Concordando com Magalhães Júnior, A. Meyer [1958] destacou que em *Esaú e Jacó* o escritor tratou com atenção o momento político e o meio social, observou com sua conhecida ironia e expôs na obra a descida dos conservadores e a subida dos liberais ao poder. Meyer também citou outras passagens do romance, nas quais Machado abordou a vida pública do país na mudança de regime governamental, tais como: o baile da Ilha Fiscal, a manhã do dia 15 com rumores confusos da grande notícia, os efeitos imediatos sobre a tabuleta da confeitaria do Custódio, e por fim o encilhamento descrito *num dos melhores capítulos desfechando naquela graciosa observação do Aires acerca dos cocheiros tão dignos de senhores tão agitados*.

Meyer [1958] enfatizou ainda a complexidade da cadeia social exposta em muitos personagens de *Quincas Borba,* organizados de forma que fossem observados os hábitos de uma sociedade onde o “status” era muito importante. A herança deixada a Rubião chama a atenção dos mais diversos tipos, assim percebe-se ao longo do romance “o parasitismo, a politicalha, a caça ao marido, a empulhação, a sensualidade recalcada que pesa sobre o romance e lembra afinal, como sugestão de ambiente, um ar viciado e irrespirável.” (MEYER, 1958, *apud* BOSI, 1982, p. 361).

Em sua análise, Meyer [1958] fez um paralelo entre as personagens negras e pobres e as graduadas e abastadas de Machado e concluiu que o foco em seus romances era para os personagens do segundo grupo, enfatizando a ociosidade dos mesmos, enquanto a referência ao primeiro grupo só apareceu de vez em quando, e estes pela *porta dos fundos* sempre a observar e servir os outros. E Meyer concluiu quanto a este estudo:

> Do ponto de vista histórico-sociológico, o grande tema nos romances de Machado é a alta-sociedade carioca no Império e nos primeiros anos da República. O quadro não está completo, mas impressiona ainda assim, com seus grandes burgueses e latifundiários, seus políticos e jornalistas, seus parasitas e negocistas, suas Virgílias, Sofias e Capitus, as moças casadouras e as donas de casa tementes ao marido e às trovoadas; lá no fundo, para servir de contraste, inclusive na cor, algum escravo espia a cena, mas sem pisar na sala. Qualquer observador em crítica social e animado de influências marxistas – bom exemplo é o caso de Astrojildo Pereira – encontra pano para mangas neste aspecto de sua obra. Se não houve propósito particular de fazer crítica social de sua parte, ela decorre do próprio espírito crítico em seu conjunto, com a vantagem de sair mais espontânea e flagrante assim, menos viciada pelos preconceitos de tese. (MEYER, 1958 *apud* BOSI, 1982, p. 362 e 363).

No artigo *Instinto e consciência de nacionalidade*[24], no livro *Machado de Assis* publicado em 1959, Astrjildo Pereira declarou que o Brasil e o escritor foram companheiros em tempo da adolescência, pois enquanto o país – depois da Independência, da abolição do tráfico negreiro em 1850, dos novos métodos de produção e serviços para atender às novas condições – ia se encorpando, ganhando forças para os embates que chegariam nos próximos anos; também nesta época Machado de Assis transitava já com sentidos aguçados para a vida que borbulhava ao seu redor, *integrando-se fibra por fibra, no movimento ascensional que começava a imprimir nova fisionomia ao País*.

A. Pereira [1959] destacou a necessidade de modificações em todos os âmbitos, inclusive cultural, produzidas pelas mudanças na situação econômica. A inquietação e agitação de ideias dos anos 50 e 60 do século XIX, representando o movimento de íntima afirmação nacional em busca de definição da autonomia de sua fisionomia, assinalou nos anos 70 e 80 "o momento de transição dialética daquilo que até então era apenas o estágio mais elevado de consciência da nacionalidade em ascensão." (PEREIRA, A. 1959, *apud* BOSI, 1982. p 379). Para A. Pereira a obra machadiana exprimiu na história literária a mais pura substância da consciência nacional, e isso explicaria sua permanente atualidade e irresistível arte de comunicação. O crítico ressaltou que o problema da literatura como *representação* e *interpretação* da nacionalidade foi constante em toda a obra do escritor, desde seu artigo *O passado, o presente e o futuro da literatura*, publicado em 1858 – aos dezenove anos – na *Marmota* de Paula Brito, até *Memorial de Aires*, de 1908. No artigo de 1858, nas crônicas folhetinescas, nas críticas teatrais, Machado abordou severamente a imitação aos folhetins franceses, faltando aos

[24] No presente estudo usamos o texto publicado em Alfredo Bosi et al. *Machado de Assis*. 1982.

brasileiros a originalidade e a iniciativa. A. Pereira destacou ainda a atribuição ao teatro uma alta missão educativa, pois Machado defendia que as massas careciam de verdades, sendo assim era necessário cenas de boa qualidade, as quais mostrassem a realidade brasileira, inseridas no aperfeiçoamento da arte ainda incipiente no país.

A. Pereira [1959] enfatizou o entusiasmo de Machado de Assis sobre tudo o que *significasse progresso para o país*. No entanto, o escritor tinha bem clara a diferença entre instinto de nacionalidade e consciência nacional, e mostrou na literatura, sua análise equilibrada e distinta sobre o assunto tão em moda, no ensaio *Notícia da atual literatura brasileira: Instinto de Nacionalidade* que aquele "caráter nacional" não deveria ser exatamente o foco de exaltação, que a verdadeira brasilidade estaria no escritor e nos seus sentimentos e comprometimento com o país, não apenas em palavras de descrição do local. A. Pereira elogiou o trabalho de Machado em seus textos com a língua portuguesa usada no Brasil, ressaltou a busca no "linguajar do povo brasileiro as palavras e expressões peculiares, os modismos admissíveis (...). Eis, no que se refere à linguagem e ao estilo, a sua grande lição nacionalista." (PEREIRA, A. 1959 *apud* BOSI, 1982, p 385). A. Pereira concluiu seu ensaio destacando a singularidade de Machado de Assis em ter a consciência e o comprometimento nacionais.

> Com agudo senso de realidade, e o tremendo poder de observação que era ao mesmo tempo um dom poderoso nele e um sutil castigo para ele, Machado de Assis vivera, talvez mais do que ninguém, o drama angustioso da formação da nacionalidade, palpando com todos os sentidos, como ele próprio diria, os pontos mais débeis do processo, os obstáculos, os tropeços, os perigos que a rondavam por fora e por dentro. Se analisarmos mais de perto, e não apenas pela superfície, acabaremos por verificar que aquele homem fino, moderado, plácido, formalista, escondia sob essa feição exterior um coração ardente e um pensamento combativo ao serviço de seu País e do seu Povo. (PEREIRA, A. 1959 *apud* BOSI, 1982, p 388 e 389).

Os personagens do autor de *A cartomante* nos mostraram um observador infatigável das mais intrigantes faces do ser humano. Desvendando o profundo das almas e da vida em suas obras provocou os leitores a observarem a si em relação aos outros, e consequentemente em relação ao seu meio. A preocupação com o homem, as circunstâncias sob as aparências, o envolvimento com o meio social e cultural estão fortemente presentes nas letras do autor, no entanto com cuidado minucioso. Conforme alguns ensaios, vimos que Machado não "fugiu" da realidade, como afirmaram outros estudiosos, contudo foi no real que ele se inspirou para

escrever suas obras, entrelaçando-o com sua imaginação perspicaz. Como foi dito, o escritor tinha *um agudo senso da realidade*, que pode ser ilustrado com inúmeros exemplos em sua obra, como as cenas de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, as malvadezas de Brás para com os escravos da casa, bem como sua indiferença aos sentimentos da moça Eugênia, pobre e manca, com quem o protagonista teve um passageiro namoro. Ou *Dom Casmurro*, onde encontramos uma diferença social gritante entre Bentinho e Capitu. *Quincas Borba* é uma obra cheia de personagens com características do meio ao qual pertenciam: o parasita, o ardiloso e o ingênuo, todos em torno de uma herança, a possibilidade da ascensão social. Também em *Esaú e Jacó* encontramos relação do tempo e o meio com a narrativa, em vários capítulos são redigidos os fatos dos dois regimes governamentais brasileiros que o autor presenciou, somando informações sobre o funcionamento político daquela época. Em muitas obras de Machado, sejam em romances, contos, crônicas, ou ainda poemas, encontraremos trechos que comprovam a denúncia dos problemas sociais, que muitos críticos, seus contemporâneos, não perceberam, provando que ele foi um *homem de seu tempo* e de *seu meio*.

CAPÍTULO 3

“Machado de Assis é e sempre será um tema interessante e inesgotável nas letras nacionais”
(José de Mesquita)

Machado de Assis pela crítica mato-grossense da primeira metade do século XX

José de Mesquita, escritor mato-grossense, em 1939, parecia antever que os estudos sobre Machado de Assis não se esgotariam naquele ano comemorativo, mesmo com um número considerável e uma diversidade de temas abordados em textos sobre o “bruxo do Cosme Velho”, já publicados até aquele momento, em vários gêneros textuais. As produções envolvendo vida e obra machadianas leva-nos a acreditar que a palavra “inesgotável” tem certa razão em ser usada quando se trata do escritor em questão. As letras nacionais, evidenciadas em abordagens críticas de conceituados estudiosos, voltaram-se para Machado de Assis resultando em um acentuado volume de pesquisas e conjecturas que incitaram outras investigações e proposições, com intuito de desvendar algo, por pequeno que fosse, sobre o estilo literário de tão polêmico escritor.

Sendo assim, em todo território nacional, também em Mato Grosso, Machado de Assis chamou a atenção dos críticos da primeira metade do século XX, estes abordaram em seus textos análises sobre a escrita do autor. Apesar de, no referido período, ser considerada regionalista a literatura produzida em Mato Grosso, nossos “homens de letras” não se desprenderam da literatura nacional, pois o maior objetivo deles era consolidar a escrita literária local e, consequentemente, fazer parte das letras brasileiras. Convém lembrar que nossos escritores estavam construindo uma literatura, bem como participando de uma mudança na história do Estado, pois desde os primeiros anos republicanos, ocorreram manifestações de estigma de barbárie, resultado da luta pelo poder entre os coronéis, reservando um futuro incerto para o local. A fama de um sertão rústico e violento chegou a capital do país e, segundo Lylia S. G. Galetti (2012), isso angustiava os mato-grossenses que já se

sentiam a margem da *escala evolutiva* no progresso brasileiro, fosse pelo isolamento geográfico ou pelo esquecimento das autoridades nacionais. Porém, as lutas armadas continuaram, culminando na morte do Presidente do Estado de Mato Grosso Antonio Paes de Barros, assassinado com uma bala calibre 44, conforme Elizabeth Madureira Siqueira (2002), pelo grupo político oposto. Este fato acirrou ainda mais a reputação de um ambiente selvagem, ainda assim os coronéis permaneceram se enfrentando até que o presidente Venceslau Brás, em janeiro de 1917 decretou a intervenção de Mato Grosso a fim de acalmar os ânimos das coligações rivais e por fim àquela situação de impasse da luta armada. Galetti informa que foi um longo período de negociações atribuladas, chegando a um nome em comum aos dois partidos apenas em outubro do ano vigente. Assim, em janeiro de 1918, como abordamos no primeiro capítulo, o Bispo Dom Aquino Corrêa assume a presidência do Estado.

> De fato, na memória histórica local o governo do bispo D. Francisco de Aquino Corrêa (1918 – 1922) ocupa um lugar de destaque, aparecendo como um divisor de águas entre um período conturbado e violento, marcado pela intolerância política e por conflitos fratricidas, e uma era de reconciliação e paz entre os mato-grossenses. (GALETTI, 2012, p. 328).

Segundo Franceli Mello (2003), o bispo intelectual, ao assumir a liderança política estadual, incentivou as atividades voltadas para cultura, promovendo um avanço das letras e outras artes em Mato Grosso.

Para os historiógrafos, Rubens de Mendonça (2005) e Lenine Póvoas (1994), as agremiações literárias e associações culturais foram muito importantes para o desenvolvimento histórico, social e cultural de Mato Grosso, ressaltando que a existência das mesmas e suas práticas intelectuais e culturais culminaram nas duas mais importantes instituições mato-grossenses, da primeira metade do século XX: O Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e a Academia Mato-grossense de Letras.

Desse modo, a regulamentação da sistematização literária local, segundo Mário Cezar Silva Leite (2012), foi realizada pelo grupo conduzido por Dom Aquino Corrêa, este seguia as manifestações desempenhadas em criações de Academias Estaduais de Letras e Institutos Históricos e Geográficos efetivadas em todo país, naquele momento. Assim, observa-se que as realizações literárias do Estado acompanhavam os movimentos nacionais. Outro estudioso da literatura produzida

em Mato Grosso, Everton Almeida Barbosa (2012), considera as manifestações artísticas locais, da primeira metade do século XX, como seguidoras de modelos de grandes centros urbanos nacionais. Ele explica que, da mesma maneira, como no princípio, o Brasil possuiu um vínculo com países detentores de uma extensa literatura, assim as regiões, e também Mato Grosso, tiveram como *espelho* os padrões considerados nacionais. Barbosa ressalta que muitos dos discursos dos membros da Academia Mato-grossense de Letras daquela época comprovam esta afirmação.

Nesse ambiente literário, segundo Franceli Mello e Nilzanil Silva (2008), a crítica literária em Mato Grosso, iniciando com o grupo de Dom Aquino Corrêa e José de Mesquita, na primeira metade do século XX, tinha seus textos publicados no rodapé dos jornais locais, produção textual conhecida como folhetim. Com o tempo, as publicações também eram feitas em revistas de agremiações e na Revista da Academia Mato-grossense de Letras, seguindo o modelo nacional de início de periódicos literários. Faz-se necessário ressaltar que não há registro datado da primeira metade do século XX de nenhum compêndio ou catalogação historiográfica da literatura produzida em Mato Grosso, ou mesmo um livro envolvendo análises literárias. Alguns escritores e ensaístas, depois de algum tempo, reuniram e organizaram seus textos publicados em rodapés, transformando-os em livros.

Segundo Marlyse Meyer (1996), o folhetim originou-se na imprensa da França, na primeira metade do século XIX, com a pura necessidade de gerar prazer e bem-estar aos leitores ou ouvintes de jornais. O folhetim era um espaço de entretenimentos e começou com a publicação de uma história de amor em capítulos, mas depois se publicou de tudo: artigos de crítica, crônicas e resenhas de teatro, de literatura, de artes plásticas, receitas de beleza e de cozinha, piadas, boletins de moda, comentários de acontecimentos mundanos, bem como vários outros assuntos de entretenimento.

No Brasil, seguindo o modelo francês, o Rio de Janeiro iniciou a publicação de folhetins em 1839. Na década de 1840, a elite intelectual e política brasileira já usava o rodapé dos jornais para divulgar a construção de um Estado Nacional, mas como afirma Meyer (1996) ainda seguia o modelo francês no que se relacionava aos outros assuntos, resultando no aparecimento e consolidação de uma escrita ficcional nacionalista presa a temas e motivos brasileiros.

Em Mato Grosso, Yasmin Nadaf (2002) afirma a estreia do folhetim datada de 1859, na imprensa cuiabana, iniciando com a publicação de uma história de amor, como na França e no Rio de Janeiro, mas não se firmou nesse gênero. Seus escritos contaram com as mais variadas formas de expressão e assuntos. Na primeira metade do século XX, segundo Nadaf (2002), o rodapé de jornais mato-grossenses publicou ensaios, conferências, discursos, entre outros, de autores conhecidos e desconhecidos, *centrados na discussão e na valorização da religião cristã e da História/Pátria*.

As produções e análises literárias, conforme Franceli Mello (2011), revelaram-se em qualidade e quantidade no folhetim a partir da década de 1930, quando se intensificou entre os mato-grossenses o discurso do ideal regionalista o que iria culminar com o projeto “Marcha para o Oeste”, da política estadonovista de Getúlio Vargas.

Em conformidade a esta consideração, Lylia Galetti (2012) explica como ocorreu a total aprovação das políticas do Estado Novo em Mato Grosso:

> Quanto ao significado da Marcha para o Oeste, lançado por Vargas em 1938, seu apelo de *rumo ao oeste* foi certamente o elemento que, de longe, mais cativou os sócios do IHMT, despertando uma adesão unânime e irrestrita, independente de credos religiosos ou políticos. De Rondon, um positivista assumido, a Dom Aquino, representante da ala mais conservadora da Igreja Católica brasileira, não houve um só homem ou mulher de letras em Mato Grosso que não tivesse se irmanado em torno dos ideais da Marcha, encontrando nela razões de peso e de sobra para reverenciar o Estado Novo. Razões de ordem econômica e social, na medida em que o projeto acenava com um futuro de progresso para a região, prometia romper o seu isolamento, trazer milhares de migrantes para povoar o *vazio*, possibilitar o acesso a terra, desenvolver a agricultura. E políticas, vez que a ideologia de integração nacional e a ideia do Oeste como lugar da brasilidade vinham como que conferir a mais completa autoridade à própria construção do IHMT. (GALETTI, 2012, p. 366).

Assim, o Estado Novo foi visto como uma “nova era”, como tempo de mudança rumo ao progresso, de maneira geral, na vida mato-grossense. O território tão isolado e esquecido recebe a atenção do governo, em virtude da “Marcha para o Oeste”.

O incremento da produção intelectual em Mato Grosso, impulsionado pela “Marcha para o Oeste”, coincidiu com a década em que se comemorava o centenário de nascimento de Machado de Assis. Porém, o interesse dos críticos mato-grossenses pela obra do escritor é anterior à década de 1930, como mostra o livro *Machado de Assis em Mato Grosso – Textos críticos da primeira metade do*

século XX, da escritora mato-grossense Yasmin Nadaf, que foi o ponto de partida para este trabalho. Como já mencionado, o livro apresenta vários ensaios de escritores locais sobre o criador de *Dom Casmurro*, e é de suma importância para a literatura mato-grossense e nacional, pois a pesquisa sobre e a comprovação de tais escritos enfatizam a demonstração e, consequentemente, o reconhecimento da crítica literária em Mato Grosso, já naquele momento, ressaltando que nossos autores não se intimidaram em versar sobre a obra e o escritor mais relevante das letras nacionais.

A escritora mato-grossense Lucinda Persona, no ensaio *Ressurreições*, publicado no Jornal Folha do Estado (MT), 13/05/2007[25], enfatiza a importância do livro de Yamin Nadaf, explicando que toda pesquisa em torno de Machado de Assis traz uma larga e abundante memória, uma vasta gama de estudos *que saem dos domínios nacionais e vão muito além, em outros continentes,* porém não havia nenhuma comprovação da repercussão do escritor em nossas terras. Assim o trabalho realizado por Nadaf preenche esta lacuna. Persona ressalta o cuidado da autora em propiciar "uma visão da real ambiência histórico crítica, oferecendo aos leitores um panorama intelectual da época, de acordo com uma ordem cronológica das publicações" (PERSONA, 2014, p. 01).

Também, o ensaísta Adelto Gonçalves (2009), conhecido nacionalmente e em Portugal, considerou imprescindível para a memória literária brasileira a iniciativa da pesquisadora que, segundo o crítico, constata, de maneira surpreendente, o alcance dos textos e da fama de Machado de Assis até os *rincões longínquos do Brasil da primeira metade do século XX,* apesar da precariedade dos meios gráficos e da difusão da época.

A leitura dos textos apresentados em *Machado de Assis em Mato Grosso – Textos críticos da primeira metade do século XX* suscitou-nos algumas questões que pretendemos abordar no presente trabalho:

a) como era vista a obra de Machado de Assis por estes ensaístas;

b) qual critério permeava os escritos destes mato-grossenses;

c) como o discurso dos escritores locais dialogava com a crítica nacional.

Na sua introdução, Nadaf delineia os ensaios arrolados, inserindo-os no contexto sociocultural da primeira metade do século XX em Mato Grosso. Os nove

[25] No presente estudo usamos a publicação disponível em: HTTP://www.yasminnadaf.com.br

textos críticos catalogados pela autora são exibidos em linha cronológica, datando o primeiro de 1924 e o último de 1955.

O primeiro ensaio exposto no referido livro é *Um pouco de Machado de Assis*, de Cesário Prado[26]. O texto é uma conferência do ainda Centro Mato-grossense de Letras, hoje Academia Mato-grossense de Letras, em homenagem a Machado de Assis, na sessão realizada em 29 de setembro de 1924. Como sugere o título, o ensaísta apresentou informações sobre o escritor Machado de Assis, versando a respeito dos principais assuntos abordados nacionalmente, pertinentes a obra e alguns dados em relação a vida do autor.

Prado iniciou sua palestra enfatizando a consagração nacional do escritor e, para comprovar sua afirmação citou estudiosos como: Lafayette Rodrigues Pereira (Labieno), Alcides Maia (sic), Alfredo Pujol e Graça Aranha, ensaístas já mencionados nos capítulos anteriores desta pesquisa. Ele incidiu, de maneira breve, sobre a infância humilde, os primeiros textos jornalísticos, o esforço do autor de *Conto de escola* até conseguir o reconhecimento como escritor. Assim, Prado expôs boa informação sobre a biografia do romancista e seu juízo não difere da maioria dos pesquisadores, ele tratou do assunto valorizando a superação do escritor, seguindo principalmente Pujol e Graça Aranha.

Já sobre a poesia, Prado considerou a escrita machadiana a expressão de emoção comedida, sem *voos condoreiros*, sem muito entusiasmo para as imagens tropicais. Assim, o acadêmico não discordou dos críticos que afirmaram ser Machado de Assis indiferente para com as paisagens brasileiras, mas, em contrapartida, ressaltou a densidade do conteúdo filosófico dos poemas. A nosso ver, esta foi uma maneira inteligente utilizada por Prado para manifestar sua opinião, sem contestar renomados críticos nacionais.

O ensaísta enalteceu as criações do escritor em *Crisálidas*, *Falenas* e *Ocidentais*, ressaltando o *apuro da plástica do verso*, enfatizando o rigor da forma e considerando-o precursor do Parnasianismo no Brasil. Convém lembrar que, apesar de o ensaio ser posterior à semana moderna, o parnasianismo ainda era muito efervescente em Mato Grosso, pois a perfeição formal era cultuada pela maioria dos escritores, entusiasmados pelo ideal artístico de Dom Aquino Corrêa. Segundo Hilda

[26] Cesário Corrêa da Silva Prado, (Cuiabá / MT, 1891 – Rio de Janeiro / RJ, 1969). Professor de Língua Portuguesa, jornalista e escritor. Foi membro fundador da AML, pertenceu ao IHGMT e à Federação das Academias de Letras do Brasil.

G. D. Magalhães (2001) a poesia de Dom Aquino sela um compromisso com o apuro da forma e os sentimentos que considerava nobres: a terra e a religião.

Ao discorrer sobre o conto machadiano, Prado afirmou:

> Foi mesmo o criador do conto no Brasil, defluindo-lhe a arte de pequenas narrações inimitável e sem igual na variedade dos processos, na sedução da fantasia e na verve dos estudos de psicologia. Desponta-lhe o humorismo nos primeiros contos, mas é ainda o humorismo ao nosso gosto, mais de facécia e do qual só possuímos um sentido caricatural. Essa veia, para ser mais apreciada no romance, afirma-se nos contos ulteriores na sutileza da análise psicológica, na sátira fina de sistemas de política, de teorias sociológicas e teorias de filosofia e religião, onde seu ceticismo vê um grão de fraqueza e sandice e não raro lobriga sentada à porta desses sistemas a figura da loucura. Tal aparece em identidade, "O segredo do Bonzo", "As academias de Sião", "A sereníssima República", e outros contos de uma arte vizinha à de Anatole. (PRADO, 1924, apud NADAF, 2006, p. 28).

Nota-se que Prado foi um bom observador da produção dos contos machadianos. Neste parágrafo, abordou as fases da escrita do autor e a profundidade do humorismo em cada uma delas, explicando a estabilização de Machado *na sutileza da análise psicológica, na sátira fina dos sistemas de política, de teorias sociológicas e teorias de filosofia e religião* nos contos das últimas publicações. Observando o modo como discorreu sobre estes apontamentos, Prado mostrou entender a intensa relação entre estilo e conteúdo, usados pelo autor de *Maria Cora*, pois os mesmos estão integrados, complementando-se. Também, neste fragmento, Prado demonstrou sensibilidade para a evolução do humorismo machadiano, do caricatural, grosseiro, à ironia fina.

Prado ainda listou alguns personagens dos contos de Machado de Assis, exemplificando nessas figuras a moda e os costumes da época e a análise da alma humana perpetuada em seus textos, bem como a sociedade da época em que viveu. Dessa maneira, Prado nos apresentou a arte e a profundidade de criações machadianas de tipos pitorescos daquele ambiente, bem como o envolvimento destes tipos com o meio, evidenciando assim a preocupação social existente na obra do escritor.

Quanto à crônica, Cesário Prado foi muito breve, afirmando apenas que Machado de Assis foi "o príncipe da imprensa, em comentários semanais onde palestra o filósofo com paradoxos *sui-generis*, o crítico espalha lições de arte e gosto" (PRADO, 1924, apud NADAF, 2006, p. 30). Considerando que em outros gêneros textuais, Prado expôs fragmentos ou referiu-se a títulos e/ou personagens,

como comprovação de sua análise, poderíamos atribuir tal ausência de interpretação mais delineada da crônica à falta de contado com estes textos machadianos, visto que, provavelmente, fossem de pouco acesso os jornais cariocas da segunda metade do século XIX no “sertão” de Mato Grosso, na primeira metade do século XX, mesmo para as pesquisas literárias.

No tocante ao romance, Cesário Prado – assim como se referiu aos contos e conforme muitos críticos nacionais – dividiu a obra de Machado de Assis em duas fases, as tão conhecidas antes e depois de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, porém não desmereceu o talento do escritor na primeira fase, ressaltando que:

> Perante rutilância de nosso céu e a magnificência da nossa paisagem, é curial (sic) a índole do romance brasileiro para as descrições do cenário, com profusão de aspectos e cores locais em prejuízo do estudo da figura humana.
> Machado de Assis apresenta-se contrário a esse pendor desde as primeiras obras, e por isso, mais do que na poesia, pode ser olhado como uma exceção na literatura nacional. Já em seu romance de estreia, o psicológico, reponta sobre leves cores do romantismo. (PRADO, 1924, *apud* NADAF, 2006, p. 30).

De acordo com a citação, Cesário Prado inferiu que mesmo pertencendo a um cenário de natureza exuberante e, a um grupo de escritores voltados para a exaltação local, Machado de Assis, desde os primeiros romances, apresentou indícios de seu estilo tão “machadiano”, como sugeriu Lúcia Miguel Pereira, alguns anos depois.

Ainda se tratando dos romances da primeira fase, Cesário Prado discorreu sobre as personagens destes, afirmando que Machado se tornou *um fino conhecedor de nossa esfinge*, pois, para ele, os perfis femininos criados pelo autor formaram uma *excelente galeria de retratos da mulher brasileira*. Segundo Prado, no primeiro romance machadiano, a bela viúva Lívia é glorificada pela renúncia ao novo amor, apesar do sofrimento e, se consola com sentimento de amor materno. Em *A mão e a luva*, Guiomar teve a coragem de escolher um marido *em um plano acima das condições de berço* e companheiro de sentimento arrivista. Já em *Iaiá Garcia*, Prado destacou as personagens: Valéria Gomes, a mãe protetora e preocupada com o futuro do filho e, Estela que não luta por seu amor *pelos melindres do seu orgulho na dignidade de sua pobreza.* Para a personagem Helena, Prado fez um discurso elogioso, exaltando a boa filha, a generosidade dela para com os mais necessitados,

o silêncio do sofrimento íntimo, enxergando na personagem uma *aréola de santidade*, *o perfil mais coroável de suavidade na galeria de Machado de Assis.*

Prado concluiu sua análise sobre as personagens femininas dos romances machadianos da primeira fase, indicando-os como fonte de leitura, às virtuosas mulheres mato-grossenses, observando que Machado "tem jus à vossa preferência, minhas excelentíssimas senhoras, já que pela nobreza desses perfis, já pela castidade de sua pena sempre alerta e em respeito ao vosso pudonor (sic)". (PRADO, 1924, *apud* NADAF, 2006, p. 32). O discurso de Prado nos inferiu notar certo cunho ideológico, afirmado no destaque das qualidades femininas, as quais evidenciavam atitudes de "mulheres de respeito" esperadas pela sociedade, muito apreciadas no perfil feminino local da época.

Somente Alfredo Pujol, até aquele momento, havia feito uma avaliação mais detalhada destas personagens, em sua segunda conferência referente à Machado (*Machado de Assis – Os contos e romances da sua primeira fase: Contos fluminenses. Histórias da Meia-noite. Ressurreição. A mão e a luva. Helena. Iaiá Garcia*). Apesar de Prado seguir os passos de Pujol, com ênfase nas boas maneiras das "mulheres de família", apresentou-se corajoso versando sobre um assunto ainda pouco abordado até aquele momento, pois percebemos que, através dos textos lidos para esta pesquisa, a maioria dos críticos enfatizava o contexto das obras, no entanto, as mulheres, figuras centrais dos romances, ficavam à margem das análises.

Para tratar da segunda fase do escritor, Cesário Prado, como a maioria dos críticos nacionais, enfatizou a plenitude da escrita machadiana, ressaltando a importância desta mudança também na literatura brasileira. Prado afirmou que:

> Machado de Assis, criando o humorismo nacional, logra proporções de gênio literário pela intuição com que, comedindo o riso esfuziante da nossa raça, o nosso tom chocarreiro, adaptou-nos o espírito a um gênero de graça a que na aparência era inamoldável. (PRADO, 1924, *apud* NADAF, 2006, p. 32).

Em relação ao humor, a afirmação de Prado quanto ao fato de Machado criar o humorismo brasileiro não foi novidade, pois Labieno já o havia feito, porém, a maneira como o mato-grossense dispôs as informações e exprimiu sua interpretação mostrou-o arguto e nítido. Enquanto os críticos nacionais, que escreveram sobre o humor, até 1924, mostraram um estudo aprofundado sobre o assunto no início de

seus textos, para depois apresentar as características do humor machadiano, como se o humor estrangeiro se inserisse na escrita do autor, Prado induz-nos, já num primeiro momento, a interpretar que Machado, conhecendo tal particularidade literária, moldou-a para melhor adequá-la ao seu estilo, elucidando desta maneira, sua tão conhecida inteligência e perspicácia. Deste modo, só num segundo momento, o ensaísta teorizou sobre o humor para, finalmente confrontar os escritos e personagens de Machado com os de considerados grandes mestres do humor na literatura (inglesa e francesa). Assim, Prado concluiu que o humor passou a ser:

> gênero universal com variações peculiares a cada povo, como vimos, e além da perfeição estilística, assegura a perenidade à obra do nosso grande romancista, essa galeria de criações animadas de espírito genuinamente brasileiro umas, outras de caráter universal (PRADO, 1924, *apud* NADAF, 2006, p. 34).

Em sua conferência, Prado referiu-se ao pessimismo e indiferença, tão conhecidos em Machado de Assis. Enfatizou estas características demonstradas nas personagens criadas pelo autor, ressaltando o pessimismo intenso dos tipos dos romances e contos da segunda fase, porém, os mesmos possuíam alguma simpatia humana, pois, para ele, Machado *dá uma lição* derramando uma luz implacável sobre as *frágeis ilusões*, mas que *fortifica* na indiferença *serena* pela maldade.

Ao abordar os assuntos do parágrafo acima, Prado lembrou-nos alguns críticos já conhecidos, como: Lafayette Rodrigues Pereira, Alfredo Pujol, Graça Aranha e, apesar de não ter citado, também Alcides Maya e José Veríssimo. Sendo que todos estes estudiosos relacionaram umas características às outras, resultando na ideia de que Machado de Assis não era perverso ao exprimir as injustiças por ele observadas, todavia, notava-se uma desconfiança do mundo.

Prado ainda abordou a “estilística” machadiana, explicando a escrita do autor desenvolvida do modelo classicista até a introdução de novos elementos da linguagem brasileira. Percebemos uma semelhança entre esta análise de Prado, sobre a questão abordada, com de Lafayette Rodrigues Pereira, principalmente na maneira como defende Machado das acusações de ter uma escrita clássica, repleta de galicismos.

Seguindo seu texto, Cesário Prado enalteceu a longa carreira literária de Machado de Assis, desde os primeiros escritos, destacando-se ao lado de Macedo e Alencar, até os últimos, ao lado de Bilac e Raimundo Correa. Destacou o respeito do

escritor aos primeiros compositores líricos e a bondade de patriarca às novas gerações. Discorreu, de maneira rápida, sobre o zelo do autor para com a Academia Brasileira de Letras, sua morte e as celebrações de seu enterro e concluiu o texto com muitos elogios a Machado de Assis.

Nosso ensaísta, no penúltimo parágrafo, enalteceu o esforço da geração anterior que criou o Brasil e a que lutou para a formação de Mato Grosso, incentivando assim a geração presente para o trabalho em busca de futuro melhor no Estado. Notamos que o ensaísta cumpriu a regra determinada pelo Centro Mato-grossense de Letras (atual Academia Mato-grossense de Letras), exaltando o local e a nação, bem como o estímulo a terceiros para batalharem por uma promissora realidade.

O texto apresentado por Cesário Prado nos mostrou um estudo comprometido para com a proposta de conferência, valendo-se da bibliografia consultada e citada por ele. Durante a leitura do ensaio podemos notar que, na maioria das vezes, Prado concordou com as considerações dos críticos nacionais já vistos nesta pesquisa. Observamos a facilidade do ensaísta em sintetizar a ideia, já desenvolvida, de modo que esta se apresentasse clara e com boa argumentação.

No ensaio, aqui estudado, Prado demonstrou não se prender a um único critério analítico, pois utilizou esta ou aquela característica do movimento de expressão mais adequada à construção de sua análise. Podemos perceber no texto de Prado algumas peculiaridades da crítica impressionista de cunho biográfico, em particular, o modo subjetivo como exaltou a superação de Machado a infância humilde e obscura, bem como a apreciação do dito “bom comportamento feminino” perante a sociedade. Há também inscrições da crítica estilística, quando analisou alguns versos de composição poética, bem como ao defender Machado da fama de *estilista do clássico da língua*, ressaltando a existência de classicismo *na originalidade do pensamento*. Observamos ainda que Prado abordou a consagração do escritor na introdução de seu ensaio, posteriormente, conduziu uma sequência linear da carreira literária do autor, desde os primeiros escritos até os últimos, versando em relação ao conteúdo e estilo machadianos, considerando a realidade social, além de destacar a arte na observação da alma humana. Prado comprovou estas relações, por diversas vezes, buscando personagens criadas por Machado.

Dessa maneira, a crítica historicista e biográfica, com ênfase sociológica e psicológica, abrange a maior parte de seu texto.

O segundo ensaio exposto no livro de Yasmin Nadaf é *Na pista de Rocinante (Resposta ao Sr Luís Murat)* de Cesário Neto[27], publicado na *Revista do Centro Mato-grossense de Letras*, no segundo semestre de 1928. Como o título anuncia, Cesário Neto escreveu um longo texto em resposta aos cinco artigos (em série), intitulados *Machado de Assis e Joaquim Nabuco*, de Luís Murat, publicados na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, de junho a outubro de 1926. Segundo o autor, a escrita de Murat foi uma *campanha demolidora* contra Machado de Assis. A despeito da revolta causada pela leitura de tais textos, Cesário Neto declarou, em seu ensaio, que não desejava provocar um embate com o acadêmico, e sim, com todo o respeito e admiração a Machado, cumprir o dever íntimo de escrever em defesa à memória de tão venerado escritor. Assim, em vários momentos, o ensaísta afirmou respeitar o *ilustre acadêmico* e *intelectual*, porém, em algumas ocasiões, demonstrou, de maneira rústica, sua indignação perante o escrito de Murat. Observemos suas palavras:

> Se na minha atitude algo existe de irreverência, que m'a perdoe o ilustre acadêmico e homem de letras, e mais sendo ele próprio que ma ensina, ele próprio quem me dá o exemplo? Mas o que é verdade é que nunca usarei da aspereza que ele usou contra a memória de um morto, nesses artigos repassados de ódio e de rancor, amassados com sangue e fel. Sente-se espanto, ao lê-los, e em seguida alguma coisa que raia pelo medo ou pelo horror. Chego às vezes a duvidar, custa-me a crer que tenham sido escritos por um intelectual; antes dir-se-ia arrancados do íntimo de um troglodita, que por ventura adquirisse a faculdade da expressão literária. (CESÁRIO NETO, 1928, apud NADAF, 2006, p. 45).

Cesário Neto esclareceu sua espera de dois anos para se manifestar, posto que no fim do quinto artigo houvesse uma inscrição de continuação da série, assim aguardou o término para a formação de sua análise definitiva. Sendo que o fim da mesma não aconteceu, ele publicou seu texto em defesa de Machado de Assis.

Para o ensaísta, Murat só reconhecia as críticas que denegriam a imagem de Machado, no entanto, as que enalteciam o talento do escritor eram vistas como

[27] Antonio Cesário de Figueiredo Neto, (Cuiabá / MT, 1902 – 1979). Professor de Língua Portuguesa, Latim e Línguas: Espanhola, Francesa e Alemã. Também lecionou Linguística e Literaturas: Brasileira e Portuguesa. As escolas onde atuou ao longo dos anos foram: Escola Normal Pedro Celestino, Liceu Cuiabano, Faculdade de Ciências de Campinas, Universidade Católica de São Paulo, Ginásio Brasil e Universidade Federal de Mato Grosso. Foi membro da Academia Mato-grossense de Letras e membro correspondente da Associação de Estudos Filológicos de São Paulo.

suspeitas, marcadas pelos elogios de amigos. Neste ponto, Cesário Neto atentou para a contradição nos argumentos do censor, pois num primeiro momento, Murat exaltou Rui Barbosa pela crítica em defesa de Swift e, depois considerou bajuladores os que exaltavam a figura ou trabalho machadiano, assim, como explicar a abordagem de Rui Barbosa quando assegurou que o escritor *soube viver intensamente da arte, sem deixar de ser bom*. Continuando, Cesário Neto ressaltou a dificuldade em se produzir uma crítica sensata e justa, tornando-se melindrosa com a penetração de um caráter moral, podendo esta influenciar o crítico ao erro de seu julgamento – como exemplo citou Taine em relação à Swift. Desta maneira, Cesário Neto classificou a avaliação de Murat ao estilo de Machado como falsa crítica, baseada em *caprichos e rancores pessoais*, em *exclusivismo de juízo* e, comprovou seu conhecimento sobre o critério, evocando nomes reconhecidos da literatura europeia. O modo como Cesário Neto fundamentou seu julgamento quanto à crítica de Murat e sua firmeza para tal, leva-nos a presumir que o professor acadêmico preparou-se para sua resposta. Notamos também a possibilidade de ironia quando ele apontou a contradição argumentativa nos artigos do crítico, Cesário Neto se referiu a Rui Barbosa, exatamente o escritor exaltado por Murat em seu escrito, com intuito de menosprezar Machado de Assis.

Ao se deparar com a situação da primeira réplica aos artigos de Murat escrita em Mato Grosso, Cesário Neto demonstrou entender que, provavelmente, as análises sobre Machado de Assis, realizadas por críticos conhecidos nacionalmente como: Lafayette Rodrigues Pereira, Alfredo Pujol, Alcides Maia (sic), já haviam respondido previamente as acusações *atiradas* pelo acadêmico.

O analista mato-grossense ressaltou, ainda, que o autor de *Machado de Assis e Joaquim Nabuco*, não apresentou uma documentação que ratificasse suas afirmações e, mesmo a transcrição da *apóstrofe* do Jornalista José do Patrocínio era uma prova de *má fé*, pois foram palavras *não meditadas nem ao menos escritas*. Então, para Cesário Neto, a razão pela qual Murat *insultou* Machado de Assis, talvez tenha sido por este não ser militante na campanha abolicionista. Porém, sendo este o motivo, o acadêmico mato-grossense enfatizou não ter sustentação tal atitude, pois muitos outros escritores brasileiros *não tomaram parte ativa* daquele movimento e, não foram detratados. Também assegurou que mesmo se Machado não fosse um

abolicionista, não deveria ser alvo de tanto desprezo, ser chamado de monstro e insensível, porém:

> ... não é absolutamente verdade que ele tenha sido indiferente ao sofrimento escravo, menos ainda às dores humanas. Sentiu e sofreu com os homens, sofrendo à sua maneira, sem se explodir em gritos e bradejos, em revoltas e descomposturas, como fazem os oradores de *meeting*. Isto não lhe ia com a índole serena e tímida. Compadeceu-se das dores do escravo africano, que aí estão refletidas e imortalizadas em passos dos seus livros, mas refletidas a seu jeito: com profundeza e amargor, sem arestas nem retumbâncias de discursos políticos. (CESÁRIO NETO, 1928, *apud* NADAF, 2006, p. 53).

Dessa maneira, Cesário Neto defendeu Machado de Assis da acusação feita por Murat e, comprovando sua argumentação citou algumas obras do autor, nas quais o abolicionismo foi assunto abordado. O ensaísta também ressaltou muitas referências às manifestações nacionais e ao regime político vigente nas crônicas d'*A semana*, enfatizando ser o escritor discreto, mas não impassível. Assim, Cesário Neto foi muito perspicaz em observar que o julgamento, feito por alguns críticos, de Machado ser alheio à questão da escravidão ou outras injustiças sociais, estava relacionado ao não entendimento do seu instrumento de combate, ou da eficiência do mesmo, sendo que o escritor jamais foi *um desses fazedores de frases ocas*, mas um intelectual com escritos da mais alta significação, pelo "soberano mérito da arte infundindo o cunho eternamente humano a um aspecto transeunte da sociedade." (CESÁRIO NETO, 1928, *apud* NADAF, 2006, p. 53).

Outra característica machadiana destacada por Cesário Neto como causa do seu não envolvimento ativo nas revoluções, como vimos, foi a timidez, porém esse "encolhimento" foi o motivo de Machado ganhar a fama de egoísta, com o que o ensaísta discordava, atribuindo ao temperamento do autor a falta de ânimo para o combate e o egoísmo era o horror ao sofrimento. Segundo Cesário Neto a justa personalidade moral do autor de *A cartomante* deveria assegurar-se na opinião daqueles que participaram de sua convivência, mesmo sem a aceitação de Murat, pois Machado tinha a reputação de ser um exímio escritor e homem bom e correto. Cesário Neto concordou com Mário de Alencar e outros críticos nacionais sobre a questão de Machado de Assis ter um círculo pequeno de amizade, contudo tinha extrema dedicação aos participantes deste círculo, sempre disposto e afetuoso.

Segundo Cesário Neto, o desagrado de Murat adveio do *deslumbramento do mistério*, o mistério de nossas próprias almas, pois as páginas machadianas

induziam a desvendar o desconhecido das nossas verdades profundas, como se nos despisse de uma imagem criada por nós (o homem) e para nós. No texto estudado há uma frequente alusão à interiorização de Machado, explicando a relação entre a profundidade interna do escritor, quanto ao seu espírito e pensamento; e a do ser humano como um todo.

Sobre o humor machadiano, Cesário Neto destacou que Murat destinou um de seus artigos ao assunto, afirmando ser uma especialidade dos europeus, atribuindo assim incapacidade ao escritor brasileiro de produção tão distinta. Murat apresentou comparações entre o estilo dos escritores estrangeiros e Machado, desprezando a qualidade deste. O crítico mato-grossense considerou injusto o paralelo feito por Murat, sendo que os escritores ingleses compartilhavam entre si as mesmas afinidades raciais, tradição cultural, ambiente, então seria normal apresentarem a sensível paridade em seus textos, descrita por Murat, enquanto Machado, num convívio diferente, só poderia ter *afinidade literária* com os autores do outro continente. Sendo esta afinidade literária constatada nos elementos psicológicos, espiritualmente distintos, que o levaram ao cultivo do humor.

Cesário Neto também ressaltou o privilégio concedido por Murat ao humor europeu, numa literatura com vislumbres de ideais, apregoada de risos e afagos. Porém, conforme o ensaísta, o humor não era uma bandeira a ser levantada em nome de um ideal. Concordando com Alcides Maya, ele avaliou o humorismo como uma visão trágica da vida, inferindo um sentimento de revolta e de piedade ao mesmo tempo, pleno de senso do ridículo e da sensibilidade de impotência perante a miséria humana. Para Cesário Neto o acadêmico Murat, em sua crítica, quis compreender o humor inglês, mas não o quis fazer para com o humor machadiano. Ele destacou ainda que, com exceção de Sílvio Romero, críticos reconhecidos consideraram Machado de Assis um grande humorista brasileiro. O analista mato-grossense referiu-se ainda a diversos escritores europeus e apresentou algumas de suas características, demonstrando ser um conhecedor dos textos citados por Murat e acrescentou que cada um tinha o seu estilo. Afirmou também que o assunto era muito complexo para depreendê-lo em uma *tendência tão definida* como fez o crítico. Assim, para uma explanação detalhada sobre individualidade literária, bem como para manifestar as diferenças entre Machado e Nabuco, Cesário Neto trouxe

como alegoria duas grandes personagens universais, indicando a característica a qual se remetia a cada um, em sua opinião:

> Daqui, duas caracterizações distintas e antagônicas de individualidades mentais: os que creem e esperam e vivem pulsando nos arroubos olímpicos de Dom Quixote e os que se prendem ao tormento de Prometeu — duas criações literárias que bem personificam os pontos extremos dessas atitudes intelectuais. Os primeiros são os homens de um forte idealismo e de uma imaginação possante, capaz de superar-lhes a consciência do mal; possuem uma crença ou um ideal que os mitiga, que os impulsa e os ilude. Os segundos são espíritos que vivem torturados pela visão trágica da vida e pela compreensão das contingências miseráveis da terra. Nos primeiros há convicção e movimento; nos segundos, dúvida e contemplação. Joaquim Nabuco e Machado de Assis bem podem ser tomados como expressão pessoal desses dois pontos terminais a que chegam os intelectuais. Nem todos, entretanto, se caracterizam pela reclusão em uma de tais feições extremas, porque dentro desses dois limites aparece a multiplicidade dos aspectos individuais, que medeiam entre o pessimismo sombrio de Alfredo de Vigny e o idealismo olímpico de Platão ou de Lamartine. (CESÁRIO NETO, 1928, *apud* NADAF, 2006, p. 72).

Desta maneira, para Cesário Neto a *potencialidade suprema* da arte residia em arrancar a compreensão rigorosa das desventuras humanas uma sensação de *alegria olímpica e indefinível*, pois a desenvoltura artística, mesmo dolorosa, é sua razão determinante, *algo como a sensação de um remígio libertador*. O acadêmico mato-grossense via estes atributos nas personagens machadianas, as quais transmitiam a profunda verdade humana, posta em relevo pela aguda penetração psicológica.

Outro ponto verificado na citação é que, provavelmente, ela culmine a proposta do título, pois em vários momentos do ensaio, Cesário Neto se questionou sobre a razão do acadêmico brasileiro ter escrito tais artigos – e em alguns desses momentos até formulou alguma resposta. A mais aceitável por Cesário Neto era a da cobrança de Murat a Machado em participar da militância na causa abolicionista. O professor acadêmico nos induziu compreender que por Murat considerar o embate a melhor forma de defender seus ideais, não entendeu e não aceitou a maneira sutil e dolorosa de Machado demonstrar sua postura. Para Cesário Neto, Murat seria um dos *que creem e esperam e vivem pulsando nos arroubos olímpicos de Dom Quixote,* e, Machado um dos possuidores da *compreensão das contingências miseráveis da terra*. Pelo enorme esforço de Murat em provar mediocridade em Machado de Assis, segundo Cesário Neto, sem constatação, levou-nos a entender a análise murateana como estórias inventadas, assim como as de Dom Quixote. Então

o ensaísta mato-grossense poderia ter atribuído ironicamente o título a esta relação, *Na pista de Rocinante (Resposta ao Sr. Luís Murat)*.

Cesário Neto ainda ressaltou que o escritor parecia enfatizar um contraste entre *o homem e os homens*

> — um contraste das disposições primeiras da alma dos movimentos interiores desinteressados e por vezes ingênuos, com a vida, com a sociedade — que bastardeia e mata. Se são maus, a vida é que os fez assim, a vida, esse tufão de egoísmo, de ódio, de vaidade, de ambição, de sandices, que não é ninguém e somos todos nós. (CESÁRIO NETO, 1928, *apud* NADAF, 2006, p. 72. Grifo nosso).

Portanto, Cesário Neto considerou a dor, o desespero, o pessimismo encerrados nas obras de Machado de Assis a prova do seu interesse pelo ser humano. Neste fragmento, notamos que o ensaísta conciliou seu julgamento com os de críticos nacionais como Lafayette Rodrigues Pereira, Alcides Maya, José Veríssimo e Alfredo Pujol. Porém, Cesário Neto trouxe uma interpretação muito clara do homem como produto e parte do meio nas obras machadianas, que até então não havíamos percebido nos textos lidos de críticos nacionais.

Cesário Neto concluiu seu ensaio com firmes negativas às acusações de Murat contra Machado de Assis, retomando os argumentos usados ao longo do texto, reafirmando a consolidação do escritor.

Observamos que Cesário Neto foi extremamente minucioso em seu propósito, seu ensaio é extenso, demonstrando a preocupação com os detalhes e com os argumentos em resposta aos artigos de Murat. Ao redigir sobre determinado assunto, sempre comprovou seus argumentos com bibliografia reconhecida em âmbito nacional e internacional, assim soube articular a importância da palavra documentada para rebater a alusão que Murat fez sobre uma conversa com José do Patrocínio, desmoralizando Machado de Assis. Apesar de Cesário Neto contar com apenas vinte e cinco anos de idade quando escreveu sua resposta aos artigos do *ilustre acadêmico*, observamos seu texto não como arroubos juvenis, pois se mostrou muito cuidadoso e seguro em suas expressões. Convém ressaltar que o ensaísta replicou uma série de artigos de um crítico conhecido nacionalmente, enquanto ele era um acadêmico de um Estado ainda considerado “sertão” ou província. A relevância de seu escrito está no modo como conduziu suas ideias até a conclusão, sendo que ao abordar um novo assunto sempre buscou relacioná-lo com algo já dito, desta maneira manifestou seu juízo sobre a obra machadiana,

assegurando na mesma a evidência de uma relação entre o ser humano consigo mesmo, com os outros e com a sociedade, sendo o produto e parte dela.

Desse modo, podemos inferir que o critério usado por Cesário Neto foi o historicista sociológico, considerando sua exposição de dados e seus argumentos, assim como a época em questão. Mas sua preocupação em entender os motivos de Murat, nos impele a interpretar como um embate consigo mesmo, com as razões do outro e por fim suas razões e opiniões para defender Machado, uma característica da crítica dialética, praticada em Mato Grosso anos depois. Percebemos também, a presença de análise comparada quando o ensaísta aponta semelhanças e contrates das obras machadianas e as de Nabuco, ou ainda, com as europeias.

A religiosidade era bem vista naquele momento em Mato Grosso, principalmente entre os acadêmicos, pois como já dissemos, faziam parte da elite cultural e intelectual, liderada pelo bispo Dom Aquino Corrêa. Vimos no decorrer do ensaio de Cesário Neto apenas uma alusão ao assunto, afirmando ser o amor a religião de Machado de Assis, o que demonstrou agudez na observação da personalidade do mesmo, pois Machado não era religioso, assim como o ensaísta defendeu que Machado não era um monstro e sim uma pessoa preocupada com a alma humana, leva-nos a entender sua análise sendo uma forma de compensação, ou seja, Machado não tem religião, mas tem amor. Já na escrita do professor mato-grossense há o registro em sua epígrafe a inscrição bíblica “Não dirás falsos testemunhos contra o teu próximo”, um dos dez mandamentos do antigo testamento, e, em sua conclusão valeu-se do novo mandamento, expresso pelo próprio Cristo “amai-vos uns aos outros”, percebemos que valendo-se de um discurso de autoridade, Cesário Neto encontrou o mote ideal para angariar a simpatia do leitor e, ao mesmo tempo, atender aos apelos locais.

Nosso terceiro texto é *De Lívia a dona Carmo. As mulheres na obra de Machado de Assis*, de José de Mesquita[28], uma tese oferecida ao Segundo Congresso das Academias e dos Intelectuais do Brasil e publicada na *Revista da*

[28] José Barnabé de Mesquita (Cuiabá / MT, 1892 – 1961). Bacharelou-se em Ciências e Letras pelo Liceu Salesiano São Gonçalo de Cuiabá, em 1907, e em Ciências jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1913. Membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e Academia Mato-grossense de Letras. Exerceu os cargos de Professor de Português, Procurador Geral do Estado de Mato Grosso, Diretor da Secretaria do Governo, Juiz de Direto da Comarca De Registro do Araguaia, Professor universitário, Desembargador do Tribunal de Justiça de Mato Grosso, Secretário Geral do território do Guaporé (hoje Roraima) e Procurador Municipal da Prefeitura de Cuiabá.

Academia Mato-grossense de Letras, em 1939 e, um ano depois pela *Federação das Academias de Letras do Brasil*. O título é bastante amplo, observando que o estudioso mencionou a primeira e a última protagonistas machadianas, incluindo as preposições *de* e *a*, indicando uma trajetória do início ao fim, no entanto, apenas algumas personagens foram o foco de estudo de Mesquita.

O ensaísta considerou as personagens femininas de Machado de Assis envolvidas num véu de mistério, intencionalmente criado pelo autor para encantar os leitores. Afirmou também que o segredo da obra machadiana estava no *meio-tom*, o qual não era nem claro e nem escuro, *e sim penumbra discreta*. Para Mesquita as personagens se mostravam assim porque o escritor as copiava da vida e as oferecia aos leitores, dotadas do perfil humano, com *os altos e baixos do panorama interior*.

Mesquita ressaltou a preocupação de Machado em descrever mais a personalidade e menos a aparência física, ao contrário dos românticos. Para comprovar seu juízo citou vários fragmentos da obra do autor. O crítico, também, classificou as criações femininas machadianas como indefinidas e evasivas, porém não se aprofundou no assunto. Assim, Mesquita demonstrou compreender a profundidade psicológica do autor em suas personagens, sendo que esta fazia parte da observação da alma humana, tão presente na obra de Machado.

Seguindo sua tese, Mesquita comparou opiniões contraditórias manifestadas por alguns críticos sobre as personagens femininas de Machado de Assis. Para tanto, ele citou Alfredo Pujol, Cesário Prado e Araripe Júnior, estes consideravam as figuras criações sem malícia, suaves, respeitosas; e Peregrino Júnior, que as viu como *criaturas sem ternura, mulheres hesitantes e pérfidas*. Mesquita citou, ainda, Lúcia Miguel Pereira, enfatizando que sua pesquisa se mostrou um dos melhores estudos sobre Machado e, a *fina sensibilidade de mulher e de artista* observou Carolina, não só como inspiradora da protagonista de *Memorial de Aires*, mas também outras *mulheres boas e puras* criadas pelo autor. Já para o ensaísta

> ... as heroínas machadianas são tímidas, discretas, sensatas e, no mais das vezes, até virtuosas. (...) Mesmo as pecadoras, como Virgília e Capitu, ele as envolve dum halo de discrição e vela de suavidades os seus deslizes, que como que prepara, em torno delas, um ambiente de indulgência... (MESQUITA, 1939, *apud* NADAF, 2006, p. 85).

Mesquita, novamente, apresentou algumas personagens machadianas como exemplo, porém sem analisá-las, ou destacar a relevância das mesmas, apenas

direcionando alguns adjetivos a poucas. Mesmo citando o trabalho de Lúcia Miguel Pereira, não envolveu o capítulo *Confissões*, no qual a autora versou sobre as personagens que buscam ascensão social, na primeira fase da obra de Machado. Percebemos que Mesquita tratou Cesário Prado da mesma forma direcionada aos críticos nacionais, sem distingui-lo como mato-grossense, demonstrando equidade entre eles. Isso era uma prática dele, sempre valorizou os escritores locais, acreditando no avanço das letras em Mato Grosso.

Confirmando sua avaliação sobre as personagens femininas machadianas, Mesquita discorreu longamente sobre as qualidades de "boa senhora do lar" de dona Glória, mãe de Bentinho (*Dom Casmurro*). Para ele, num "livro amargo, em que se pode dizer o travo da desilusão se mistura às emoções mais fortes e doces, perpassa, envolta num halo suave de bondade, de ternura, de dedicação, esse vulto de mãe". (MESQUITA, 1939, *apud* NADAF, 2006, p. 86 e 87). Mesquita juntou à dona Glória, outros modelos da mãe e mulher, Natividade (*Esaú e Jacó*) e dona Carmo (*Memorial de Aires*). Assim como Prado, o ensaísta apontou como o tipo ideal da mulher brasileira a que se mostrou *serena, boa, carinhosa, amiga do lar e dos seus*, por isso, talvez, tenha desprezado características psicológicas mais complexas e mais profundas de outras personagens criadas por Machado e, ao abordá-las citou Augusto Meyer para defini-las como *almas contraditórias*.

Nesta vertente, Mesquita considerou típicas as personagens Flora (*Esaú e Jacó*), Sofia (*Quincas Borba*) e Capitu (*Dom Casmurro*). Segundo o analista, Flora era a *hesitação*, uma constante na obra de Machado, representando a inibição e indecisão; Sofia era a mulher *vaidosa*, consciente de sua beleza atrativa, porém *recatada* e *honesta*; e Capitolina, *a figura mais desconcertante da obra machadiana*, era a *aliciante*, a *Eva diabólica*, a que trouxe do *berço o estigma da sedução*. Depois de apresentar estas expressões sobre a personalidade de Capitu, Mesquita afirmou que a falta cometida pela personagem, no romance (a suposta traição), passou de maneira delicada e sutil, sendo uma maneira velada de Machado poupar a imagem da mulher. Porém, sua análise nos leva a questionar: se Machado zelava pela reputação feminina em seus textos, como Mesquita conseguiu tantos atributos que denegriam tal personagem? Assim, como a maioria dos críticos da época, o ensaísta não aludiu à diferença das classes sociais, nem o desejo arrivista da protagonista, existentes no romance.

Mesquita sintetizou em um parágrafo os assuntos abordados em sua tese:

> O que não padece dúvida é que o artista que, como poeta, nos herdou aqueles encantadores *Versos a Corina*, conservava, a despeito de todas as suas dúvidas e negações, uma atitude de respeito, se não que de piedade, pelas fraquezas femininas, procurando, por outro lado, enaltecer o lado nobre e simpático da mulher. Teve o cuidado, que se não dissimula em todas as suas obras, de por sempre, lado a lado de cada uma dessas criaturas enigmáticas ou pérfidas dos seus romances, outras de alma franca e aberta, como que salvando ou redimindo a espécie humana. (MESQUITA, 1939, *apud* NADAF, 2006, p. 94).

O estudo de Mesquita partiu do critério cronológico, uma vez que iniciou pelas obras da primeira fase machadiana e terminou na última da segunda fase. Também empregou, rapidamente, o princípio historicista-sociológico ao relacionar as personagens da ficção com as da vida real da época e, a tendência psicológica, enfatizando a dedicação de Machado em descrever a personalidade de suas criações. Já a respeito das personagens femininas, propriamente ditas, entendemos que sua interpretação foi subjetiva, privilegiando as figuras que mais se adequassem ao padrão que lhe agradava, demonstrando o veio impressionista e ideológico, visto ser Mesquita um homem diretamente ligado à igreja católica, este último aspecto, abrangendo a maior parte de sua análise. Comparando a crítica de Mesquita ao seu livro *Piedade*, podemos inferir que seu ideal de mulher era o de, em suas próprias palavras, *uma santa* – a que possuía *a grandeza e beleza moral*. Como já dissemos a "mulher de família", "a boa senhora do lar e da igreja", cultuada pela sociedade mato-grossense da primeira metade do século XX.

Temos como o quarto ensaio apresentado no livro de Nadaf *Machado de Assis e Renan*, de Virgílio Corrêa Filho[29], publicado na *Revista da Academia Mato-grossense de Letras,* em 1939. Conforme sugere o título, o analista fez uma comparação entre os dois escritores, discorrendo sobre alguns fatos de suas vidas, assim como algumas características das escritas. Corrêa Filho destacou que Ernest Renan (1823 – 1892) já era jovem quando Machado de Assis nasceu. Órfão de pai, Renan foi criado pela mãe e pela irmã, as quais mesmo com sacrifícios lhe propiciaram ótimos colégios e deste modo não sofreu as *asperezas brutais*, sendo suas crises apenas intelectuais, pois, segundo o ensaísta, o mesmo cultivava aguda

[29] Virgílio Corrêa Filho (Cuiabá / MT, 1887 – Rio de Janeiro / RJ, 1973). Engenheiro Civil, formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, atual Escola Nacional de Engenharia, também foi Historiador, com obras impressas em livros e revistas especializadas. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e Academia Mato-grossense de Letras.

inteligência. Já Machado de Assis não pode frequentar boas escolas, desde muito cedo teve que trabalhar, deixando o estudo institucional, porém a ânsia de progredir e o talento inato o conduziram ao ápice da literatura brasileira. Comparando as oportunidades obtidas na origem de cada escritor, Corrêa Filho nos levou a entender a importância do compromisso do ser humano com seu objetivo, pois as procedências foram diferentes, já os desfechos mostraram-se muito semelhantes.

Segundo Corrêa Filho, Machado serviu como sacristão na Igreja da Lampadosa como *meio de vida, mais do que vocação*, pois já estava seduzido pelo *demônio da literatura*, do mesmo modo que o escritor bretão foi seminarista e não se ordenou padre, preferindo a filosofia e as letras. Apesar do comentário rápido, o analista demonstrou boa observação quanto à religiosidade machadiana, anteriormente, alguns críticos nacionais haviam questionado sobre a isenção espiritual na vida de Machado, sendo que ele havia exercido a função de sacristão na infância. Talvez a resposta de Corrêa Filho satisfaça tal interrogação, ou ainda, a ironia usada por ele corresponda a uma solução.

O crítico enfatizou a influencia das poesias em moda sobre o autor de *Helena*. A leitura dos poemas de Byron, por exemplo, foi considerado por Corrêa Filho um estímulo ao estudo da língua inglesa e, posteriormente o conhecimento de obras de outros escritores ingleses.

> Por eles, afina a acuidade observadora que irá aplicar ao exame da sua gente, do mesmo passo que se deixa avassalar pela influência dos melhores intérpretes do humor britânico.
> Não se apressa, todavia, em patentear o resultado de suas leituras. (CORRÊA FILHO, 1939, *apud* NADAF, 2006, p. 98).

Assim como vários críticos nacionais, Corrêa Filho considerou a mudança do estilo machadiano resultado das leituras de textos ingleses. Segundo ele, essas leituras e observações permaneceram no interior de Machado até se inserirem no seu estilo para publicar romances de maior fôlego, com as qualidades dominantes de sua personalidade literária. Na opinião do ensaísta, algumas características da escrita do autor brasileiro como a dosagem nas confidências e afirmações diluídas em contradições, eram influenciadas por Renan e, usou como comprovação de seu juízo um ensaio do próprio Machado de Assis, sobre as correspondências do escritor bretão e sua irmã, enaltecendo o autor de *Vida de Jesus*, no qual o autor de *O enfermeiro* o chamou de mestre. Corrêa Filho mencionou o sofrimento de Henriqueta

para oferecer ao irmão um estudo de qualidade, concluiu assim que Machado era a junção dos irmãos Renan, ela pela filosofia triste e sacrifícios desde criança e ele pela arte de bem escrever.

Percebemos que a crítica de Corrêa Filho seguiu a tendência historicista com ênfase biográfica, a mesma privilegiou fatos da vida e da personalidade do escritor, relacionando-os ao estilo e conteúdo trabalhados por Machado. Também abordou, de maneira rápida, o meio social e literário ao qual pertencia o autor. Porém o veio da avaliação comparada foi abrangente na maior parte do texto, referindo-se aos estilos literários de Machado e Renan. Para ele, todo o conjunto fazia parte da obra machadiana.

O quinto texto exposto é *O humorismo na obra de Machado de Assis*[30] e, segundo Nadaf (2006), trata-se de uma palestra impressa na *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*, em 1939, do acadêmico Gervásio Leite[31]. O ensaísta iniciou conceituando o humorismo como "uma condição de vida. É uma atitude essencial para se resistir aos choques traumatizantes. Sinal de decadência, encanta pela descrença e entristece pela tragédia." (G. LEITE, 1939, *apud* NADAF, 2006, p. 103). Para G. Leite o humorista se posicionava, de maneira cômoda, à margem dos fatos, observando as situações ridículas em que os humanos eram envolvidos, ou eles próprios se enredavam. O acadêmico citou Vianna Moog e, na leitura de seu texto podemos observar o livro, *Heróis da decadência,* como origem da apreciação sobre o humorismo, bem como outros aspectos abordados pelo autor nessa palestra. Alcides Maya é outro autor nacional, do qual podemos notar algumas inscrições no desenvolvimento do ensaio mato-grossense, mesmo não mencionado.

G. Leite ainda teorizou sobre a diferença entre ironia e humor[32], informando as atitudes intelectuais do riso. Conforme o crítico, a ironia feriria a epiderme enquanto o humor atingiria profundamente, despertando o raciocínio permanente. Deste modo, exemplificou a distinção apontando Eça de Queiroz como escritor de ironia e Machado de Assis, de humor.

---

[30] Conforme NADAF (2006) não existe registro de data nem do local da leitura da palestra.

[31] Gervásio Leite (Cuiabá / MT, 1916 – Rio de Janeiro / RJ, 1990). Diplomado pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Jurista, Professor, Jornalista e Político. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e Academia Mato-grossense de Letras, da qual foi presidente de 1974 a 1981.

[32] Ironia e humor, a primeira seria um fenômeno da inteligência desenganada da realidade, resultado da imaginação. O segundo seria o sofrimento sentido, revelando-se pela inteligência desenganada, também, da realidade, resultado da ação.

> O humorismo de Machado de Assis é interior. Ridiculariza aqueles sentimentos humanos para os quais o tempo nada vale, aqueles velhos sentimentos trogloditas que a psicanálise descobre num gesto, numa atitude. São vícios e erros do homem, mais do que do meio social que Machado observa e sobre eles exerce o seu humor. “No fundo o amargor, no meio o desdém e exteriormente o sorriso piedoso” de quem sabe ser a vida uma série de sentimentos e atos imutáveis. Compreendendo isso Machado não se precipita, num gesto quixotesco para combater moinhos de vento. A vida repete. É melhor sorrir. Lamentar nunca, pois lamentar é uma forma de inferioridade. O homem superior vinga-se pela ironia ou perdoa com o humorismo, visto ser o humorismo uma forma de perdão, perdão *sui-generis*. (G. LEITE, 1939, *apud* NADAF, 2006, p. 104 e 105).

Pelas palavras de G. Leite, podemos entender o humorismo machadiano baseado na observação do íntimo do ser humano, de sentimentos vis e de difícil mudança, os quais deturpam o meio social e, para esta face insensível da humanidade, Machado responde com sorriso piedoso, tendo consciência que a *vida se repete*.

O ensaísta enfatizou a mania de comparação brasileira entre nossos escritores e os estrangeiros, cujo costume ele considerou um erro, principalmente se tratando de Machado de Assis, um *fenômeno demasiadamente particular*, pois os instrumentos comuns não serviam para estudar o humorismo do autor. G. Leite ainda destacou a existência de numerosas leituras e análises de textos machadianos feitos até aquele momento, porém não era suficiente para explicá-los, tornando a obra de Machado *um caso a espera de solução*. O acadêmico mostrou-se um analista arguto com esta afirmação, observando a complexidade do escritor, visto que, atualmente, Machado de Assis continua em estudo, mesmo após anos de pesquisas.

Para exemplificar a inadequação das comparações, G. Leite apontou Anatole France e outros escritores franceses, considerando seus estilos diferentes da escrita machadiana. Segundo o ensaísta, a revolta deles não era real, mas elegante e literária, com claridade e leveza, e, Machado “não foi um escritor claro. Na sua obra há trechos que são verdadeiros enigmas.” (G. LEITE, 1939, *apud* NADAF, 2006, p. 106). G. Leite ainda afirmou existir distinções entre as características nos textos de Machado e o modelo de humorismo da literatura inglesa. Para o mato-grossense, o escritor realizou uma leitura densa das obras destes autores, porém não sofreu uma *influência escravizante*. Citou alguns escritores ingleses, pontuando as diferenças entre eles e Machado e definiu que o

humor deste último “é mais profundo, mais trágico e, sobretudo, mais humano, ao contrário do britânico que sendo mais horroroso é quase diabólico.” (G. LEITE, 1939, *apud* NADAF, 2006, p. 106). Deste modo o ensaísta manifestou seu conhecimento dos textos europeus, bem como sua opinião sobre um assunto polêmico envolvendo a obra machadiana, no entanto, seu julgamento não é inédito, pois Vianna Moog já havia apresentado tal avaliação em seu livro.

Conforme G. Leite, alguns aspectos pessoais de Machado de Assis contribuíram para a construção do seu estilo: “Doente, tímido, mestiço não podia escrever Evangelhos de otimismo, nem tomos de moral.” (G. LEITE, 1939, *apud* NADAF, 2006, p. 107 e 108). O ensaísta considerou o humorismo da obra machadiana uma condição de vida e não uma atitude meramente literária, sendo um conhecedor da alma humana e, perante sua própria natureza sorriu desdenhosamente, mas sem maldade. Para comprovar sua análise sobre o humor nos textos do escritor, G. Leite transcreveu o capítulo *In Extremis*, de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Podemos observar que a conclusão dele, sobre o humorismo de Machado, concorda com a de seus colegas mato-grossenses, e também com a maioria dos críticos nacionais.

Neste texto-palestra notamos presença de alguns critérios, valendo-se o autor de cada um deles em momento oportuno. A análise historicista com ênfase psicológica evidencia-se na apresentação do envolvimento de Machado com o meio e na sua observação da alma humana. Também há julgamento impressionista com base em inscrições subjetivas, visto que G. Leite elogiou o escritor em todo o texto e confessou seu entusiasmo pela obra do mesmo. Podemos notar a avaliação comparada na exposição das obras e estilos do autor brasileiro e dos europeus. Como outros críticos mato-grossenses, G. Leite mostrou-se bem informado sobre o autor e empenhado no desenvolvimento de seu ensaio.

Crônica, de Maria Dimpina[33], é a sexta inscrição apresentada, a mesma foi publicada na revista *A Violeta*, em junho de 1939. O título e a maneira como se dispõe a escrita seguiram o padrão da maioria das crônicas literárias folhetinescas,

[33] Maria Dimpina Lobo Duarte (Cuiabá / MT, 1891 – 1966). Bacharel em Ciências e Letras pelo Liceu Cuiabano, foi Professora e Diretora em escolas de Cuiabá. Obtendo o primeiro lugar no concurso de funcionalismo federal, no cargo de postalista dos Correios e Telégrafos, tornou-se a primeira mulher mato-grossense funcionária pública. Componente fundadora do Grêmio Literário Júlia Lopes e diretora de *A Violeta*, revista da referida instituição. Também foi uma das fundadoras da Escola Doméstica Dona Júlia Lopes de Almeida e da Federação Mato-grossense pelo Progresso Feminino.

dos anos vinte do século XX em Mato Grosso. Dimpina enfatizou o ano e as comemorações do centenário de nascimento de Machado de Assis, o importante escritor e fundador da Academia Brasileira de Letras. A cronista também destacou que os mato-grossenses, *um povo culto*, acompanhavam as honrosas manifestações da Academia nacional ao escritor e, assim, também prestavam suas homenagens ao ilustre imortal. Além de muitos elogios ao escritor, percebemos em Dimpina a valorização ufanista, assim como outros críticos locais.

Continuando, a autora informou que tomaria por base em seu texto os ensaios de José de Mesquita e Gervásio Leite, pois segundo suas palavras, eram *diamantes custosos de uma literatura sadia*. Deste modo, citou um fragmento de *De Lívia a dona Carmo. As mulheres na obra de Machado de Assis* no qual Mesquita enalteceu as criações femininas machadianas observadas como puras, de estrutura moral, “as boas mulheres de família”, já referidas algumas vezes nesta pesquisa. Já em *O humorismo na obra de Machado de Assis*, Dimpina apontou o conceito construído por Leite sobre o humorismo machadiano. A cronista não opinou sobre os assuntos abordados, apenas transcreveu-os, informando de quem eram os textos e, de maneira clara, seus cargos em suas profissões. Assim, a autora revelou sua intenção em destacar os críticos mato-grossenses, ficando o homenageado em posição menor.

Dimpina apresentou breves informações sobre a infância desprovida de Machado e sua consagração e, para concluir citou um fragmento de *Ressurreição*, no qual o escritor narrava a respeito da personalidade de Viana, *um parasita consumado*. A cronista se comparou ao personagem machadiano, afirmando ter-se valido da *intelectualidade sadia dos outros* e que, Machado e seus personagens seriam imortais. Apesar de Dimpina não mencionar, as informações aludidas ao escritor nos remeteu ao texto de Lúcia Miguel Pereira, no entanto, de maneira bastante sintética.

Entendemos a crônica de Dimpina como um artigo *review*, sua escrita demonstrou ser fundamentada em breves comentários subjetivos sobre obras recentes, no caso, os ensaios citados acima, e trazendo algumas informações a respeito do autor em questão, porém sem novidade e de maneira bastante rápida.

Seguindo esse mesmo padrão de escrita, José de Mesquita publicou na coluna *Livros da minha estante*, de sua autoria no jornal *A cruz*, em outubro de 1939,

uma crônica discorrendo sobre o livro *O pensamento e a expressão em Machado de Assis*, de Cândido Jucá Filho, sendo este o nosso sétimo texto do livro de Nadaf. Na referida coluna do jornal, segundo Nilzanil Silva (2006), Mesquita discorria sobre diversos livros de sua propriedade, de autoria de escritores locais, dos reconhecidos nacionalmente, ou ainda dos correspondentes de vários lugares do Brasil. Antes de versar sobre o estudo de Jucá Filho, o cronista, assim como Dimpina, abordou as homenagens do centenário do escritor. O acadêmico considerou Machado uma fonte inesgotável de pesquisa e afirmou que "tudo nele é singular e é dele — bem dele e só dele." (MESQUITA, 1939, apud NADAF, 2006, p. 115). Lembremos que Mesquita tinha uma enorme admiração pelo escritor, a quem destinou uma dedicatória em seu livro de contos, '*O espelhos das almas'*, premiado pela Academia Brasileira de Letras, desta maneira, não dispensou a oportunidade de elogiar o autor de *A cartomante*.

Ao redigir sobre Jucá Filho, Mesquita enfatizou sua seriedade como escritor e membro da Academia Carioca de Letras, também informou sobre a amizade existente entre eles. O mato-grossense enalteceu a sabedoria do estudioso em assuntos filológicos e nas regras de bem escrever, o que demonstrou seu próprio conhecimento sobre o assunto. Quanto ao livro considerou:

> Trata-se, de resto, de um ensaio de estilística. Justamente na fronteira entre a gramática e a literatura é que se situa o estudo a que nos referimos neste rodapé.
> E Jucá nos prende, nos absorve a atenção, nos encanta, positivamente, a alma, ao desenvolver com segura maestria e em forma escorreita e clara, a sua monografia machadiana.
> O estilo do Mestre inigualável é analisado proficientemente, desde a influência garretiana e o preciosismo indígena — duas fontes opostas que confluíram para formar a límpida corrente — até o espírito e o ritmo, que formam a sua original e quase clássica beleza.
> Machado de Assis, tem (sic) neste ensaio de perto de duzentas páginas, que consegue ser substancioso e leve ao mesmo tempo, a mais bela consagração do seu verdadeiro gênio literário. (MESQUITA, 1939, *apud* NADAF, 2006, p. 116).

Estas foram as palavras de Mesquita direcionadas a *O pensamento e a expressão em Machado de Assis*. Observamos que a análise misquetiana não se aprofundou na escrita abordada, apenas destacando pareceres subjetivos com expressões elogiosas, valorizando o autor do livro e o escritor estudado. Prosseguindo seu texto, o ensaísta concluiu com uma citação da obra de Jucá Filho.

O oitavo ensaio apresentado é *Machado de Assis*, de Amidicis Diogo Tocantins[34], publicado na Revista *Canga*, em março de 1951. Tocantins discorreu brevemente apontando a arte vernácula e o estilo apurado do autor. Suas expressões foram de louvor, sempre enaltecendo a obra do escritor. Quanto às características da escrita machadiana, o mato-grossense afirmou:

> O fino humorismo, a amável filosofia, o encanto da prosa, as agradáveis divagações espirituais fê-lo aristocrata do pensamento, estabeleceu-lhe o equilíbrio de gênio, proporcionalidade do vero artista que não se demasiou nem se apoucou em sua arte. (TOCANTINS, 1951, *apud* NADAF, 2006, p. 119).

Os adjetivos utilizados por Tocantins nos induzem observar certa complacência em sua interpretação, pois *amável filosofia* e *agradáveis divagações espirituais* não fazem parte do estilo machadiano, sendo sua filosofia fundamentada na realidade da nua alma humana e, suas divagações espirituais um grande sarcasmo às crendices religiosas de tantos séculos. No período em que o mato-grossense realizou tal produção já havia estudos comprovando esta afirmação, alguns estão na lista de autores citados por ele mesmo nesse texto, como de Augusto Meyer e Alcides Maia.

Tocantins, como outros críticos nacionais, considerou Machado de Assis um escritor a frente de seu tempo por construir uma *prosa de profunda penetração psicológica*. O bibliófilo concluiu afirmando que seriam eternas as obras machadianas.

A crítica de Tocantins seguiu o padrão dos últimos textos, apresentando poucas informações sobre o autor e uma rápida análise subjetiva, indicando o veio impressionista. Temos apenas uma diferença entre esta e as interpretações *review* acima, a qual se manifestou na avaliação de obra publicada recentemente, pois Tocantins abordou somente o escritor.

O último ensaio em *Machado de Assis em Mato Grosso – Textos críticos da primeira metade do século XX* é de António de Arruda[35], *Machado de Assis,*

---

[34] Amidicis Diogo Tocantins (Cuiabá / MT, 1918 – São Paulo / SP, 1987). Funcionário público, Escritor e Bibliófilo. Foi membro da Academia Campo-grandense de História e de Letras, da Academia Paulista de História, do Instituto Genealógico Brasileiro, do Instituto Paulista de Arqueologia, e membro correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

[35] António de Arruda (Cuiabá / MT, 1911 – Rio de Janeiro / RJ, 2002). Formado em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em Mato Grosso foi Promotor de Justiça, Procurador Geral do Estado, Desembargador e Presidente do Tribunal de Justiça, um dos fundadores e Professor da

conhecido, publicado na *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*, em 1955. O título deste artigo, como o mesmo sugere, é um diálogo com *Machado de Assis desconhecido*, de Raimundo Magalhães Júnior, ou talvez o vocábulo réplica expressasse uma melhor interpretação, posto que, Arruda reclamou para Cesário Neto o pioneirismo do assunto analisado. O acadêmico considerou a superação machadiana das situações adversas existentes desde a infância até a ascensão literária como a principal fonte de atração despertada nos pesquisadores pela arte do escritor.

Ao abordar o livro de Magalhães Júnior, Arruda comparou-o a uma obra jornalística, bem documentada e informativa, com o objetivo de desfazer *certas lendas* sobre Machado de Assis até aquele momento, como por exemplo: "absenteísta, avesso à política, alheio aos grandes acontecimentos do seu tempo, e, além disso, frio, egoísta, sem comunicabilidade e sem bondade." (ARRUDA, 1955, *apud* NADAF, 2006, p. 124). Posteriormente, explicitando a finalidade de seu próprio texto, Arruda enfatizou:

> Magalhães Júnior confessa que muitas das pesquisas que empreendeu foram iniciadas por outros, sendo que, neste ponto, o seu trabalho consistiu em dar-lhes maior acabamento. Realmente, assim foi, e, entre esses antecessores, é de justiça alinhar-se o professor Cesário Neto com o penetrante ensaio "Na pista de Rocinante". Trata-se de opúsculo publicado em 1928, que já então versava os mesmos temas que ressurgem agora, com grande evidência, no livro que comentamos. Elaborando esse trabalho aos vinte e cinco anos de sua idade, Cesário Neto patenteava já as qualidades que haviam de transformá-lo numa das mais altas expressões culturais de nosso Estado. (ARRUDA, 1955, *apud* NADAF, 2006, p. 124).

Assim, como já dito, Arruda interveio em favor do reconhecimento de Cesário Neto ser o precursor quanto à manifestação dos referidos temas. Percebemos a ênfase disposta pelo mato-grossense nas datas de cada produção, pois *Na pista de Rocinante* é de 1928 e *Machado de Assis desconhecido*, de 1955, uma maneira bastante óbvia de comprovação de sua afirmação. Outro argumento de Arruda foi utilizar as palavras do próprio Magalhães Júnior ao aludir que seu estudo baseava-se em *pesquisas iniciadas por outros*, considerando ser uma confissão do crítico. O ensaísta, também, enalteceu o analista local, seguindo o padrão de valorização das coisas e homens da terra.

Universidade Federal de Mato Grosso. Membro da Academia Mato-grossense de Letras, da qual foi presidente, também pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Para constatar sua análise, Arruda comparou alguns apontamentos sobre Machado de Assis do texto de Magalhães Júnior com fragmentos do ensaio de Cesário Neto, como no tocante à apóstrofe de José do Patrocínio; ao abolicionismo, ao humor; e outros, demonstrando a veracidade e razão de sua réplica.

> Lamento não me ser possível ampliar as citações, que alongariam demasiado este trabalho, posto lhe dessem melhor do que poderia conter. Em todo caso, parece demonstrado que para nós de Mato Grosso, em que pese a Magalhães Júnior, Machado de Assis já era bem conhecido... (ARRUDA, 1955, *apud* NADAF, 2006, p. 126).

Deste modo, Arruda concluiu, evidenciando, mais uma vez, a primazia do assunto abordado ao crítico mato-grossense.

A crítica de Arruda seguiu o critério *review* com ênfase de interpretação comparada, considerando o texto breve, a referência e comentários subjetivos a uma obra publicada muito recentemente, e, o destaque a outra obra como base. Por outro lado Arruda, insistentemente, reclamou para Cesário Neto a originalidade em abordar os assuntos versados por Magalhães Júnior, para tanto usou argumentos que dificultam questionamentos quanto ao seu julgamento: a confissão do crítico assumindo o início da pesquisa por outros, as datas de publicação dos textos e os fragmentos dos escritos literários comprovam a avaliação do mato-grossense, o que demonstrou aspectos de análise de cunho ético e moral. Assim, Arruda prestou um trabalho de esclarecimento à literatura em âmbito nacional e, não somente local, apesar de reverenciar um autor da terra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A produção literária, por sua vez, transita entre o antigo e o moderno, conjugando forças progressistas e conservadoras”.

(Franceli Mello)

O início do século XX em Mato Grosso foi bastante tumultuado. Em meio a todas as tribulações havia o ideal de melhoria alicerçado no discurso vinculado à campanha para a reestruturação da sociedade mato-grossense em nível cultural e de progresso material, sem negligenciar a manutenção da ordem e da moral. Quanto à produção literária, esta deveria manter em conformidade com a ideia de representação da nação, o que, entre nós, passava obrigatoriamente pela valorização do regional. (MELLO e SILVA, 2008, p. 03). Assim, o grupo intelectual de Dom Aquino Corrêa investiu na arte e na cultura, desejando mostrar ao seu próprio povo, à capital e às outras regiões do país, um Mato Grosso com possibilidades de vida, rumo a um futuro próspero. A literatura foi muito relevante nesse projeto de reestruturação, pois, segundo Franceli Mello (2012), era comum as pessoas reunirem-se nos clubes e associações para ouvirem conferências ou declamações de poesia e leitura de narrativas. Havia também um empenho em demonstrar que em Mato Grosso existia vida intelectual intensa e, segundo José de Mesquita (1936), seus escritores produziam neste lugar longínquo, com condições precárias, textos de qualidade, como também estavam presentes nas letras nacionais. Os membros do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e Academia Mato-grossense de Letras, bem como outros homens de letras locais, participavam de muitas instituições intelectuais, dentro e fora do Estado, de forma presencial ou por correspondência, além de congressos e conferências, divulgando assim a literatura de Mato Grosso.

Apesar de todo discurso dos escritores reclamando do isolamento, considerando-o o maior motivo do atraso material do Estado, eles se mantinham atualizados quanto às tendências literárias dos chamados grandes centros. Nas pesquisas realizadas nos jornais locais da primeira metade do século XX, em visitas

ao Arquivo Público de Mato Grosso, observamos que a partir de 1918, as notas de correspondentes das duas metrópoles brasileiras tinham espaço reservado no jornal, *A Cruz* e, na maioria das vezes o assunto era a literatura. Convém ressaltar também, o contato físico da maioria dos escritores mato-grossenses com essas cidades e as manifestações das letras, através de seus estudos de nível superior. Mas, talvez, a leitura fosse a principal fonte de informação e exemplo para nossa elite cultural daquele momento. Comprovamos essa afirmação com os ensaios lidos para este trabalho, pois Cesário Prado publicou *Um pouco de Machado de Assis* em 1924 e dos críticos por ele citados, ressaltamos que Alfredo Pujol havia publicado suas sete conferências sobre Machado de Assis em 1917 e Graça Aranha o ensaio *Nabuco e Machado* em 1923; outro exemplo é a resposta de Cesário Neto, em 1928, à série de artigos de Luís Murat, publicados na Revista da Academia Brasileira de Letras em 1926, enfatizando que o crítico mato-grossense, aguardando o final da série, o qual não aconteceu, esperou dois anos para remeter sua posição sobre as acusações feitas a Machado pelo acadêmico; temos ainda o ensaio de José de Mesquita de sua coluna do jornal *A Cruz*, *Livros da minha estante*, de 1939, no qual ele analisou o livro *O pensamento e a expressão em Machado de Assis,* de Cândido Jucá Filho, também do ano de 1939. Nos últimos casos observamos que não houve espaço de tempo entre a obra lida, tida como nacional, e a avaliação crítica dos mato-grossenses.

Machado de Assis foi considerado pela maioria dos críticos nacionais, no período estudado, o mais importante escritor brasileiro, em Mato Grosso não foi diferente. Nos textos lidos houve unanimidade na aceitação da genialidade do escritor. Nossos analistas utilizaram muitos elogios para discorrer sobre o autor de *Memorial de Aires*, classificando-o na melhor posição da literatura vigente no país. Assim, a obra machadiana em Mato Grosso, na primeira metade do século XX, era vista, pelos críticos apresentados, como um modelo a ser seguido e, leitura praticamente obrigatória aos acadêmicos e pessoas consideradas da “elite cultural”, estendendo-se aos moradores locais através das mais diversas formas de expressão: conferências, palestras, leituras compartilhadas em instituições culturais e outras.

Outro aspecto observado na crítica dos textos dispostos no livro de Yasmin Nadaf é o fato de os ensaístas não se prenderem a um veio argumentativo, mas

combinaram mesclas desta ou daquela tendência que melhor se adequasse ao propósito de suas explanações. Utilizaram os mais variados modelos teóricos para abordar a obra e a biografia de Machado de Assis, aproveitando sempre a oportunidade de incluir as regras do estatuto da Academia Mato-grossense de Letras. Nos artigos estudados, notamos a presença constante de temas como amor a terra, no qual percebemos o veio regionalista e histórico nacionalista; apreço ao rigor da linguagem destacada nas *belas letras*, como eles classificavam, havia o veio estilista e comparado; a religiosidade e inscrições indicando a moral e bons costumes.

Em nossa pesquisa encontramos tendências: cronológica, biográfica, impressionista, ideológica, psicológica, social etc. A nosso ver a não submissão a uma só perspectiva analítica revelou um ponto positivo em nossos analistas, pois, como abordamos no primeiro capítulo, segundo Antonio Candido (2000), o exegeta pode ressaltar o elemento crítico de sua preferência, mas sem dissociá-lo do outro, desta maneira, muitos deles, realizaram uma crítica mais completa.

Como vimos, a elite cultural de Mato Grosso seguia o exemplo das manifestações literárias nacionais e na esfera da crítica não foi diferente. Nos ensaios avaliados, muitas das inscrições de nossos críticos são confirmadas em textos de autores citados por eles. Notamos, na maioria dos escritos, uma boa fundamentação teórica e o julgamento muito condizente a essa fundamentação, entretanto sem evidências de novas descobertas ou parecer mais individualizado, o que demonstraria autonomia em suas críticas e não ratificações de opiniões já expressas.

No livro *Machado de Assis em Mato Grosso – Textos críticos da primeira metade do século XX* há dois artigos curtos que podem ser classificados como *review,* cujo tom elogioso relaciona-os ao veio impressionista, os quais não se mostraram vinculados a este ou aquele crítico nacional, mas sim à abordagem em voga num âmbito geral, são eles: *Machado de Assis*, de Amidicis D. Tocantins e *Livros da minha estante*, de José de Mesquita, este último, apesar de analisar um livro de Cândido Jucá Filho, não demonstra profundidade em sua crítica e sim muitos elogios ao autor e ao objeto do estudo (Machado de Assis). A estes poderíamos juntar *Crônica*, de Maria Dimpina, com a diferença do referido artigo ser

totalmente vinculado, não a textos de autores nacionais e sim mato-grossenses, porém estes seguiram julgamentos de reconhecidos críticos brasileiros.

Em *Um pouco de Machado de Assis*, de Cesário Prado e, *O humorismo na obra de Machado de Assis,* de Gervásio Leite, observamos as abordagens dos temas, bem como as considerações por eles alegadas, muito parecidas com as dos críticos citados em seus ensaios, embora sejam muito bem estruturados nas teorias utilizadas, como já registramos no terceiro capítulo.

Percebemos em *De Lívia a D. Carmo. As mulheres de Machado de Assis* que José de Mesquita demonstrou um parecer de acordo com a ideologia de mulher corrreta que ele pregava:

> Pois é ela que começa por formar o próprio homem, na estrutura, física e moral, por outro lado, quem poderá negar a íntima correlação que liga a ideia de Religião à da mulher, a mais pura e constante servidora dos mais nobres ideais humanos? (MESQUITA, 1926, *apud* MELLO e SOUZA, 2014, p. 3)

A apologia à mulher religiosa, mãe zelosa e educadora, fazia parte do ideário positivista do século XIX, cujo intuito era o de angariar o apoio feminino e a dedicação na formação dos filhos, os chamados “homens do futuro”. Esta foi mais uma das tendências do projeto de construção de identidade nacional seguida pelo grupo de Dom Aquino Corrêa e José de Mesquita, engajado no projeto de melhorias material e cultural do Estado.

José de Mesquita demonstrou em seu texto plena convicção de que esse era o papel da mulher mato-grossense. Portanto ressaltou no ensaio os críticos Alfredo Pujol e Cesário Prado, por considerarem as *mulheres de Machado de Assis* discretas e sensatas, verdadeiras brasileiras. Mas, o acadêmico negligenciou o estudo de Lúcia Miguel Pereira sobre a ascensão social, feminina ou machadiana. Mesquita também ocultou o comentário que a pesquisadora fez em seu livro *Machado de Assis (Estudo crítico e biográfico)*, referindo-se à necessidade em realizar um trabalho sobre as personagens femininas machadianas. Aqui não é possível concluir se o ensaio de José de Mesquita é uma resposta à sugestão de Lúcia Miguel Pereira ou, se ele já tinha a intenção de discorrer sobre o assunto. Contudo, não observamos autonomia absoluta na inscrição de Mesquita, pois apesar de ter se mostrado um leitor ativo e comprovou isto através das citações, em seu julgamento, sempre buscou apoio nos textos de críticos que, de alguma

maneira, expressavam a ideologia defendida por ele, revelando-se, deste modo, ainda um seguidor dos críticos nacionais.

O crítico Virgílio Corrêa Filho em *Machado de Assis e Renan* não aludiu a analistas nacionais, porém notamos a influência de muitas manifestações proclamadas por eles, como exemplo podemos ressaltar a inserção do humorismo da literatura inglesa nos textos machadianos. Porém Corrêa Filho, apesar de se mostrar ainda apegado às regras e argumentos da crítica nacional, abordou em seu texto um tema diferente, conduzindo-o numa escrita esmerada e sensata.

Para nós, *Na pista de Rocinante (Resposta ao Sr. Luís Murat)*, de Cesário Neto, é o texto de maior conflito crítico apresentado pelos ensaístas mato-grossenses sobre Machado de Assis, na primeira metade do século XX, pois apesar de comprovar sua argumentação, na maioria das vezes, citando um exegeta nacionalmente conhecido, ele demonstrou personalidade em defender uma causa considerada injusta, arguindo de maneira firme e também aberta explorando a crise necessária à crítica literária dialética. Durante todo o extenso ensaio de Cesário Neto verifica-se a ênfase no embate provocado por Luís Murat, a busca dos possíveis motivos para tal argumentação, bem como tensão do próprio acadêmico mato-grossense, com intuito de alcançar respostas satisfatórias para o impasse do momento. Deste modo, se por um lado Cesário Neto foi influenciado pelas avaliações já existentes, por outro expôs uma postura firmada em seus propósitos.

Avaliamos o texto de Antonio Arruda, *Machado de Assis, conhecido,* como uma reivindicação ética e moral, já que ele exigia o reconhecimento de um crítico mato-grossense na esfera nacional, reivindicando para Cesário Neto a precedência de assuntos abordados por Magalhães Júnior, no livro *Machado de Assis desconhecido*. O acadêmico não discorreu novidade sobre o escritor referido no título de seu artigo, mas a atitude de buscar um texto já esquecido sobre o assunto, comprovando a origem de abordagens contemporâneas, demonstrou, por parte do crítico, uma preocupação com as informações literárias, local e nacional.

Dessa maneira, percebemos os ensaios estudados ainda muito atraídos pela crítica nacional. Escrevendo como seguidores, nossos analistas, na maioria das vezes, reportavam julgamentos consolidados de estudiosos reconhecidos daquela época. Mas isto não deve ser considerado como uma falha ou algo prejudicial à crítica literária produzida em Mato Grosso, na primeira metade do século XX, posto

que essa prática ocorria frequentemente em literaturas incipientes. A mesma situação se deu com o Brasil que, no início, seguia os padrões da Europa, no primeiro momento acompanhava o modelo de Portugal, depois França, Inglaterra, até construir seu estilo e ter a autonomia de se declarar Literatura Brasileira.

Em Mato Grosso, a produção literária intensa e a crítica sistemática tiveram início a partir da década de 1920, apoiadas no projeto da construção da nova identidade local do grupo de Dom Aquino Corrêa e José de Mesquita, como já vimos. Este momento coincide com o movimento moderno nas artes brasileiras. Porém, mesmo atentos às tendências nacionais, os mato-grossenses não adotaram o novo estilo, permanecendo fiéis aos escritos romântico e/ou parnasiano. Nossa hipótese para este anacronismo é a de que a maioria seguiu outro movimento concomitante ao modernista, mas de pouca repercussão: o católico. Segundo Luís Bueno (2006), a ideologia do movimento católico acreditava na falta de espiritualidade como o problema do século, sendo a busca de Deus a resolução, só o Onipotente poderia acabar com os desmandos do mundo. Bueno também apresentou como características do romance católico a garantia de uma leitura inequívoca na delimitação histórica vigente, a representação do ambiente cultural e o beletrismo, as quais constatamos nos textos analisados, embora sejam artigos críticos.

Assim, seguiram os aspectos da religiosidade e não da arte moderna, optando pelo modelo conservador, não se interessaram pelo novo.

> E essa crença dúbia – no restabelecimento das raízes regionais através da literatura e de que o Brasil só se regeneraria se voltasse às origens católicas – teve em Mato Grosso dois discípulos fiéis, D. Aquino e José de Mesquita, que projetaram o desenvolvimento das letras mato-grossenses, segundo seu modo de ver. Desta maneira considerou-se o problema estético como subordinado ao problema maior da criação da nacionalidade/fortalecimento regional, e este subordinado ao problema religioso, estabelecendo uma hierarquia de prioridades para a emergente literatura mato-grossense. (MELLO e SILVA, 2008, p 10)

Nesta vertente, a Arte Moderna, de certa maneira, prejudicaria o desenvolvimento do projeto de estabelecer uma nova identificação do Estado, pois tal arte não incentivava o catolicismo, a moral e os bons costumes, peculiaridades escolhidas pelo grupo liderado por Dom Aquino Corrêa para a nova imagem do povo mato-grossense e, inseridas na literatura e outras manifestações culturais como

forma de propagação e persuasão da ideologia formada em prol de um futuro pacífico e de progresso.

Deste modo, consideramos que mesmo se tratando de uma crítica incipiente, os ensaístas da primeira metade do século XX demonstraram empenho, num projeto engajado, com o intuito de sistematizar uma literatura e com ela transformar o sertão em um lugar propício para a vida mental, podendo assim mudar a fama de Mato Grosso ser um local de pessoas violentas, que resolviam suas questões “à bala”. Estes analistas iniciaram a trajetória da crítica literária mato-grossense, estabelecendo na longínqua província o que aprendiam nas metrópoles, almejando melhorar o seu meio e, consequentemente, fazer parte do âmbito nacional. Portanto, esses homens de letras foram fundamentais na construção da crítica em nosso Estado, pois foi a partir de seus artigos que a crítica local se desenvolveu, avançando para uma argumentação mais autônoma. Conquistando assim sua legitimação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Mário de. (1908) Machado de Assis: páginas de saudade. Disponível em: http://www.academia.org.br/. Acesso em 10 mar.2014

AMADO, Janaina. Região, Sertão, Nação. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.8, n.15, 1995.

ANDRADE, Mário de. Machado de Assis. In: *Aspectos da literatura brasileira*. 6ª ed. São Paulo: Martins, 1978.

ARANHA, Graça. (1923) Nabuco e Machado. Disponível em: *http://www.academia.org.br/.* Acesso em: 13 de mar. 2014

ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. *Teoria, Crítica e História Literária.* - seleção e apresentação de Alfredo Bosi. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

_____. O nacional e o regional em Ricardo Guilherme Dicke In: LEITE, Mário C. S. e CAMPOS, Cristina (org.). *Cultura e identidades: entre o regional e nacional*. Cuiabá – MT: Carlini e Caniato Editorial; Cathedral Publicações, 2012.

BARTHES, Roland. *Crítica e verdade.* Tradução: Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BASTOS, Hermenegildo. Dialética – Por quê? Para quê? In: BASTOS, Hermenegildo e ARAÚJO, Adriana F. B. *Teoria e prática da crítica literária dialética.* Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2011.

BÍBLIA, A. T. Eclesiastes, Português. *Bíblia sagrada.* Tradução do Centro Bíblico Católico. 90ª ed. São Paulo: Ed Ave Maria Ltda., 1994. Cap. 3, vers. 1 - 8.

BÍBLIA, A. T. Salmos, Português. *Bíblia sagrada.* Tradução do Centro Bíblico Católico. 90ª ed. São Paulo: Ed Ave Maria Ltda., 1994. Cap. 22, vers. 1.

BILAC, Olavo. Discurso de Olavo Bilac. (1908). Disponível em: *http://www.academia.org.br/.* Acesso em: 18 de fev. 2014

BOSI, Alfredo et al. *Machado de Assis.* São Paulo: Ática, 1982. (Col. Escritores brasileiros: Antologia e estudos, nº 1).

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência.* São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *História concisa da literatura brasileira.* 48ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo; Campinas: Ed. Unicamp, 2006.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil, 1900.* 5ª Ed., Rio de Janeiro: José Olympio; Academia Brasileira de Letras, 2005.

CÂNDIDO, Antonio. *O método crítico de Sílvio Romero*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1988.

_____. *Formação da literatura brasileira.* Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Itatiaia, 1993.

_____. *Literatura e Sociedade.* 8ª ed., São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha, 2000.

_____. Fora do texto, dentro da vida. In: *A educação pela noite*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

_____. Literatura de dois gumes. In: *A educação pela noite*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

_____. Crítica impressionista, (1958). Disponível em: *http://www.revistas.iel.unicamp.com.br/.* Acesso em: 22 de abr. 2014.

COUTINHO, Afrânio. *Da crítica e da nova crítica*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975.

EAGLETON, Terry. *A função da crítica*. Tradução: Jefferson L. Camargo. São Paulo: Martins Fontes Ed. Ltda. 1991.

_____. *Marxismo e crítica literária.* Tradução: Matheus Corrêa. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Sertão, fronteira, Brasil: Imagens de Mato Grosso no mapa da civilização*. Cuiabá – MT: Entrelinhas; EdUFMT, 2012.

GONÇALVES, Adelto. Machado de Assis em Mato Grosso, (2009). Disponível em: *http://www.germinaliteratura.com.br/*. Acesso em: 10 de jun. 2013.

GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis, escritor em formação (À roda dos jornais).* Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2000.

JUCÁ FILHO, Cândido. *O pensamento e a expressão em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939.

LEITE, Mário Cezar Silva (org.). Literatura, Regionalismo e Identidade. In: *Mapas da Mina: estudos da literatura em Mato Grosso.* Cuiabá – MT: Cathedral, 2005

_____, Notas poéticas, breves notícias de Mato Grosso. In: *Literatura e linguística: práticas de interculturalidade no Mato Grosso do Sul*. Dourados. EdUFGD, 2011.

LUKÁCS, Gyorgy. Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. *In: Cultura, arte e literatura. Karl Marx e Friederich Engels;* trad. José Paulo Neto e Miguel Makoto Cavalcante Yoshida. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MACHADO DE ASSIS, J. M. Notícia da atual literatura brasileira: Instinto de nacionalidade. Disponível em: *http://www.dominiopublico.org.com.br/*. Acesso em: 20 de mar. 2012.

MACHADO DE ASSIS, J. M. Eterno. Disponível em: *http://www.dominiopublico.org.com.br/*. Acesso em: 23 de mai.2014.

MACHADO DE ASSIS, J. M. Henriqueta Renan. Disponível em: *http://www.dominiopublico.org.com.br/*. Acesso em: 12 de jun.2014.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. *História da literatura de Mato Grosso: século XX***.** Cuiabá – MT: Unicem, 2001.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Machado de Assis desconhecido.* Rio de Janeiro; São Paulo; Bahia: Editora Civilização Brasileira S/A, 1955.

MELLO, Franceli A. Silva. Elementos para uma história da literatura em Mato Grosso. *Revista Polifonia*. Cuiabá – MT: EdUFMT, n 06, p. 19-31, 2003.

_____. Da nação à região: qual o Brasil? (Relatos de iniciação literária). In: LEITE, Mário C. S. e CAMPOS, Cristina (org.). *Cultura e identidades: entre o regional e nacional.* Cuiabá – MT: Carlini e Caniato Editorial; Cathedral Publicações, 2012.

_____. Era um poaieiro: um folhetim extemporâneo? In: BUENO, Luís, SALES, Germana e AUGUSTI, Valéria. (org.) *A tradição literária no Brasil: entre a periferia e o centro.* Chapecó: Argos, 2013.

_____ e SILVA, Nilzanil Maria José Soares e. Modernismo em Mato Grosso, uma questão política. *Revista Eletrônica Letra Magna*, Ano 04, n 09 2° sem. 2008.

_____ e SOUZA, Wender M. L. Entre o sagrado e o profano. *Diário da Serra,* 27 jun. 2014, Caderno de Cultura, p.01.

MENDONÇA, Rubens de. *História da literatura mato-grossense***.** 2ª ed. Cáceres – MT: Ed. Unemat, 2005.

MESQUITA, José de. *Piedade*. Cuiabá – MT: Academia Mato-Grossense de Letras; Unemat, 2008.

_____. Mato Grosso através de sua literatura. Revista do Brasil (ago/ 1924). Disponível em *http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm.* Acesso em: 12 de mar. 2012

_____**.** O sentido da literatura mato-grossense. Revista de Cultura (ago/1936). Disponível em *http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm.* Acesso em: março/1012

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.
MOOG, Vianna. Decadência do mundo moderno (Machado de Assis). In: *Heróis da decadência* 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S/A, 1964.

MURAT, Luís. Machado de Assis e Joaquim Nabuco*. Revista da Academia Brasileira de Letras,* Rio de Janeiro, ano XVII, nº 56, vol. XXI, ago/1926.

_____. Machado de Assis e Joaquim Nabuco*. Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, ano XVII, nº 58, vol. XXII, out/1926.

NADAF, Yasmin J. *Rodapé das miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séc. XIX e XX).* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

_____. *Machado de Assis em Mato Grosso: textos críticos da primeira metade do Século XX***.** Rio de Janeiro: Lidador, 2006.

_____. Os livros da estante de José de Mesquita. In*: Estudos literários em livros, jornais e revistas.* Cuiabá – MT: Entrelinhas, 2009.

PEREIRA, Lafayette Rodrigues. Machado de Assis: estudo comparativo por Sílvio Romero, (1899). Disponível em: *http://www.academia.org.br/.* Acesso em: Março/2014

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e bibliográfico.* 6ª ed. rev. - Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1988.

_____. *Prosa de ficção (1870 a 1920): História da literatura brasileira.* Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1988. (Col. Reconquista do Brasil. Série 2; vol. 131)

_____. *A leitora e seus personagens: seleta de textos publicados em periódicos (1931 – 1943) e em livros***.** Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1992.

PÓVOAS, Lenine. *História da cultura matogrossense.* 2ª ed. Cuiabá – MT: 1994.

PUJOL, Alfredo. *Machado de Assis: Curso literário em sete conferências.* 2ª ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo, 2007.

ROMERO, Sílvio. Machado de Assis: estudo comparativo da literatura brasileira*.* Rio de Janeiro: Laemmert C. Editores, 1897. Disponível: *http://www.brasiliana.usp.br/.* Acesso: 16 de Mar. 2014

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico.* 23ª ed., 7ª reimpressão. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Nilzanil Maria José Soares e. *Momentos da crítica literária em Mato Grosso na produção de José de Mesquita***.** Dissertação – Mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso – Instituto de Linguagem, 2006.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira*. História de Mato Grosso: Da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá – MT: Entrelinhas, 2002.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870 - 1914***.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VERÍSSIMO, José. História da literatura brasileira. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Oympio, 1969.